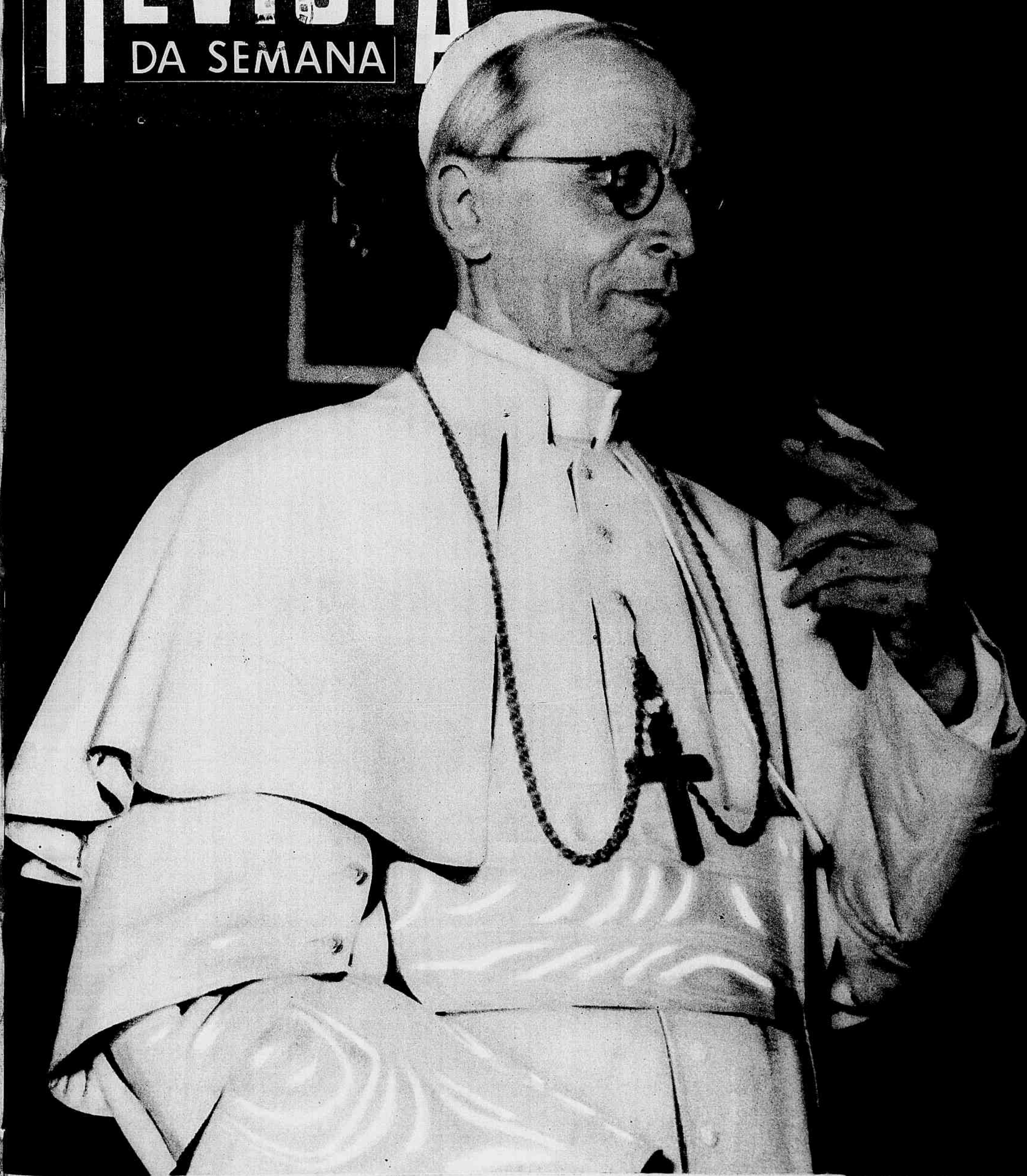


REVISTA

DA SEMANA



A MORTE DE SUA SANTIDADE O PAPA PIO XII



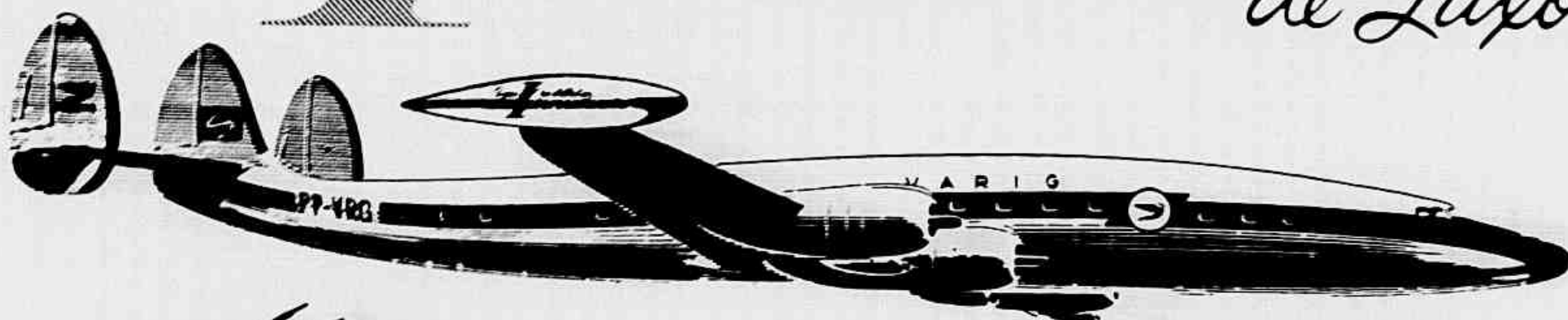
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

* Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

Ano 58 — Nº 42, Rio, 18-10-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

A CAPA

S. S. o Papa Pio XII

REPORTAGENS

A morte do Papa Pio XII	5
Água «na bica» é livro	20
Ouvindo o Secretário do S. N. I.	32
Leque de partido político não faz vento democrático	44
Criança quer brinquedo e não discurso	54
A Vida de Eugenio Pacelli	60

CINEMA

A Marcha para o Oeste	11
-----------------------------	----

POLÍTICA

Trapézio	15
----------------	----

NOVELA

Os Galhos do Cedro	28
--------------------------	----

MODAS

Sugestões	36
-----------------	----

CONTO

Amor de Minha Vida	40
--------------------------	----

TEATRO

Mais um elenco a favor do bom teatro	51
--	----

SOCIAIS

As Verdades de Mariazinha Maranguape	14
--	----

SEÇÕES

Palavras Cruzadas	18
Letras e Artes	24
A Revista há Cinquenta Anos	39
Humor	58

CRÔNICA

O Novo Papa	59
-------------------	----

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Enderêço Telegráfico: «Revistas». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

CONTATO

CHORA o mundo cristão a morte do Papa Pio XII, ocorrida na madrugada de 9 de outubro. Em seus gloriosos e santos oitenta e dois anos de vida — dezenove de Pontificado — Sua Santidade criou para a Igreja uma obra majestosa. Diplomata genial, realizou tratados do Vaticano com diversos países do mundo, preservando assim, entre os povos, o ensinamento dos ideais de Fé e Amor da Igreja Católica

A Democracia Cristã, doutrina política que se espalha hoje por toda parte, desenvolveu-se graças a seus apelos diante de uma Europa que oscilava entre dois regimes totalitários.

A devoção mística perpassou em todos os seus atos de sacerdote: o carinho religioso com que reintroduziu primitivos cerimoniais litúrgicos nas comemorações pascoais e reimplantou a música instrumental nas igrejas — como também a renovação da disciplina clerical, a canonização de Maria Goretti por ocasião do Ano Santo e, posteriormente, o dogma da Assunção — são algumas de suas importantes iniciativas.

Hoje, enquanto os fiéis de todo o mundo oram pela sua alma — a de um grande dirigente iluminado pela Inspiração Divina — a REVISTA DA SEMANA presta a sua homenagem através de duas completas reportagens — “Consternação no Mundo Católico pela morte de S. Santidade” — às págs. 4 e seguintes, e “Eugênio Pacelli — uma vida de santidade — às páginas finais.

COM a chegada do Dia da Criança — comércio, escolas, autoridades, famílias produzem festejos em honra da máxima data da gente miúda. As comemorações de estilo são levantadas por toda parte, sob os olhares condescendentes da garotada, que aceita com magnanimidade os terremotos oratórios de seus comovidos homenageantes. “Criança quer brinquedo e não discurso”, deliciosa reportagem de Hugo Sérgio Koatz que apresentamos neste número, procura contar aos leitores como a meninada encara atualmente a festa de 12 de outubro. E como pretende, nos anos vindouros, desorganizá-la convenientemente.

SE o leitor (ou eleitor) quiser saber como andam as coisas na política nacional, o resultado das eleições, como vai ficar o Brasil, de que jeito estarão os partidos, o que significa a vitória de Afonso Arinos, Carvalho Pinto e Leonel Brizola, dê uma voltinha até o “Trapézio”. Ali, Osório Nunes explica essas voltas e assinala: a coincidência do destino do filho de Arthur Bernardes em Minas e dos filhos de Getúlio Vargas no Rio e no Estado do Rio. Sucumbiram todos na mesma hora em que a maioria do eleitorado brasileiro deu, finalmente, sepultura cristã aos restos mortais de Getúlio.

Também uma cobertura completa das apurações eleitorais será encontrada na reportagem de Maurício Caminha de Lacerda — “Leque de partido político não faz vento democrático”.

POR lamentável engano de revisão, o conto publicado às páginas 40 a 45 — AMOR DE MINHA VIDA — saiu com troca de assinaturas. É ele de autoria do contista português José Antônio Marcelino.

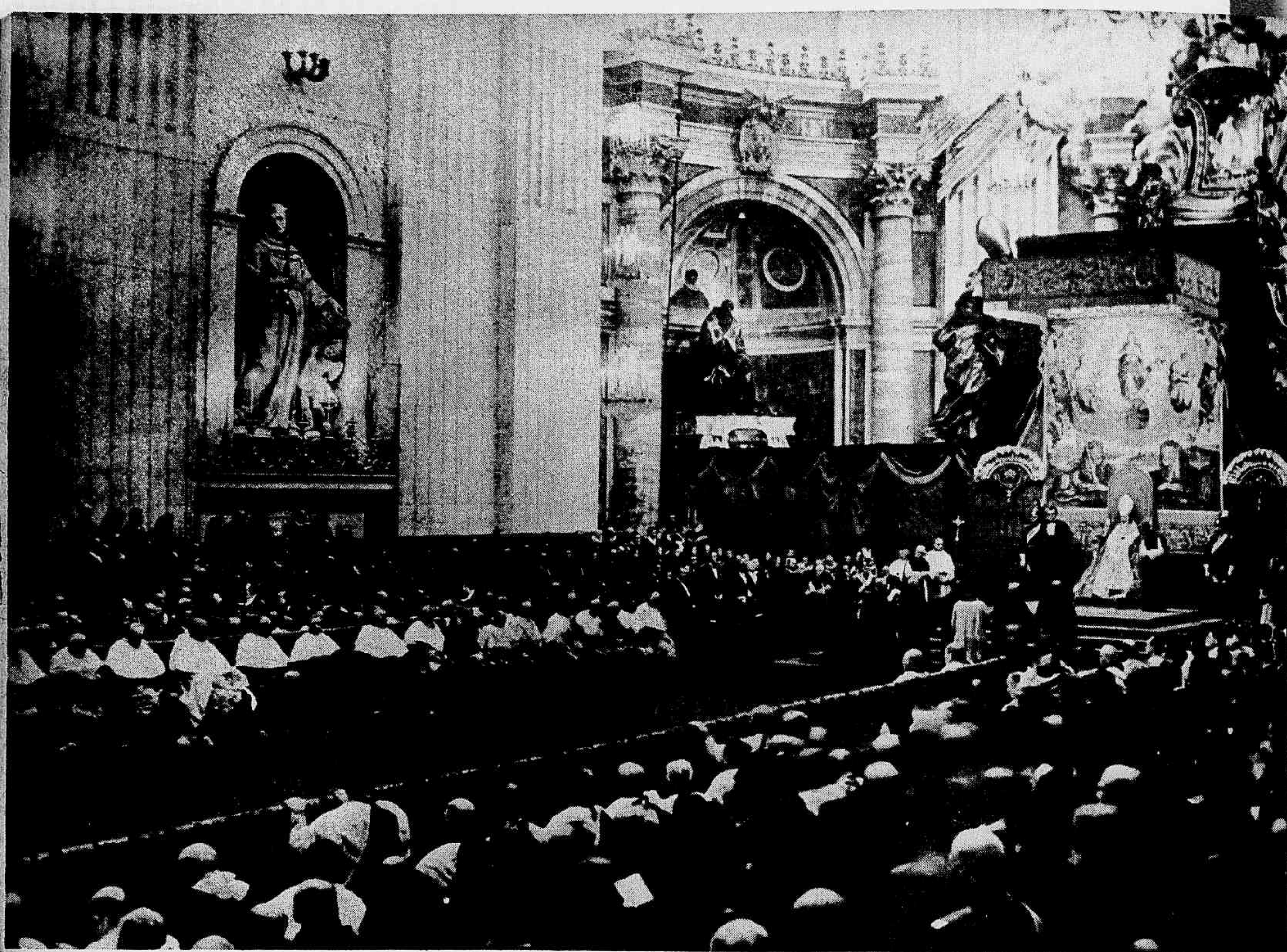
Depois de 19 anos de Pontificado, morre a 9 de outubro, o 262.º sucessor de S. Pedro : Sua Santidade, o Papa Pio XII.



CON
COM



CONSTERNAÇÃO NO MUNDO CATÓLICO COM A MORTE DE SUA SANTIDADE



Cerimônia no Vaticano: sagração dos Cardeais. Depois de receber, de S.S. Pio XII, o "Galero", o novo cardeal ouve a palavra do

PIO XII:

Rezem, rezem,

para que termine

esta situação

lamentável

para a Igreja.





Santo Padre. Em baixo: a mitra e a tiara conduzidas em cortejo. Escoltado pela sua guarda pessoal, desfila o Papa em seu trono de ouro.

AS TRÊS HORAS E 52 MINUTOS da madrugada do dia 9 de outubro (hora de Roma) faleceu, em sua residência de verão, em Castel Gandolfo, ao sul de Roma, aos 82 anos de idade, a figura máxima da Igreja Católica: Sua Santidade o Papa Pio XII. A notícia foi lançada ao mundo quatro minutos depois do desenlace, pelo Pe. Francesco Pellegrini, locutor da rádio do Vaticano.

As 17,30 horas da véspera, divulgava a rádio do Vaticano que a fraca esperança que ainda se depositava no restabelecimento do Papa estava quase completamente desaparecida, e que, na opinião dos médicos, Sua Santidade poderia durar uma ou 24 horas — enquanto a pressão se mantivesse elevada — em razão das complicações cardíacas e pulmonares que se haviam manifestado. E terminava o comunicado:

— “Nós vos convidamos mais uma vez à prece, dizendo-vos que é verdadeiramente a hora de rezar.”

Mas, já às 19,22 m. Monsenhor Dellacque dizia que o Papa não passaria daquela noite. Às 21,30, a temperatura do Santo Padre havia chegado a mais de 40 graus, e a pressão arterial baixado de 180 para 150. A respiração de Pio XII se tornara quase imperceptível. Às 22,30 — hora de Roma — seus quatro médicos declararam que a Morte era fatal. Ao bater meia-noite, o Papa se encontrava nos estertores da morte.

SITUAÇÃO LAMENTAVEL PARA A IGREJA

As últimas palavras proferidas por Pio XII, antes de entrar em estado de coma, foi a seguinte exortação: “Rezem, rezem, para que termine esta situação lamentável para a Igreja” — o que, na interpretação dos dois assistentes que se encontravam ao pé do leito — Monsenhor Lierde, sacristão papal, e Monsenhor Nasalli Rocca, camareiro — significava o desejo que tinha o Sumo

Pontífice de morrer rapidamente, para que uma doença prolongada não privasse a Igreja de seu chefe por largo tempo.

Na manhã do dia 8, sofrera o velho sumo-pontífice o segundo derrame cerebral em 48 horas, seguido, horas depois, de um ataque cardíaco e de uma pneumonia. À noite, recebeu aplicações de plasma sanguíneo e oxigênio. A pressão havia subido, o pulso era mais rápido e a circulação do sangue mais lenta. Enquanto isso, os fiéis oravam atendendo as exortações da rádio do Vaticano.

Enquanto o Santo Padre agonizava em seu leito de ferro, depois de entrar em estado de coma em consequência do segundo derrame sofrido às 3,30 da madrugada, encontravam-se reunidos na antecâmara todos os cardeais presentes em Roma. Também a sua família lá estava presente: a velha irmã Elisabetta e seus três sobrinhos — Carlo, Marcantonio e Guilio Pacelli. Apenas falecido Sua Santidade, a bandeira amarela e branco, que tremula na sua residência de verão, foi hasteada a meio-pau. E os moradores de Castel Gandolfo foram despertados, na madrugada, pelo dobrar dos sinos de San Sebastian. As ruas se encheram de aldeões. A última vez que Pio XII aparecera ao povo fora na noite do último domingo, 5, quando surgira à sacada de sua residência. Naquele momento, ele acenara à multidão, os braços estendidos, as mãos abertas, na sua atitude característica. E, como se anteviesse já a sua morte, murmurara, num triste tom, em resposta às aclamações:

— “Adeus... deus...”

Logo depois de ser espalhada ao mundo a notícia da morte do Santo Padre, todas as igrejas católicas dobraram a finados.

Pio XII morreu com a cruz sobre o peito e um rosário entre os dedos — a mesma posição assumida durante todo o último dia que antecedeu ao desenlace. Apenas falecido, começaram os grandes preparativos para os nove dias de serviços fúnebres, que se tributam aos Pontífices.

A morte de Sua Santidade

Dobram a finados

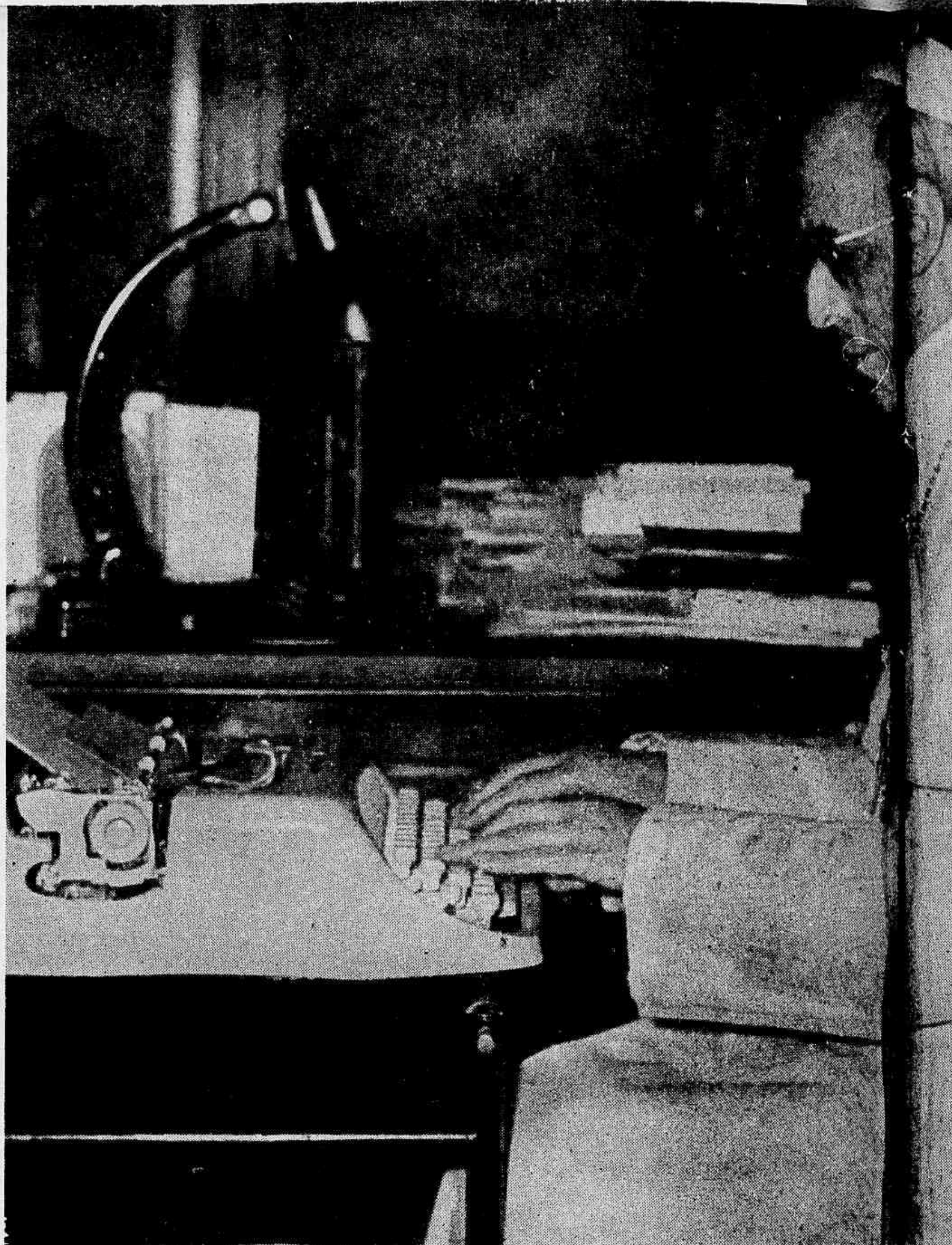
as Igrejas

do mundo pela

morte

de seu chefe

espiritual.



EMBALSAMADO POR CEM ANOS O CORPO

Os sinos das igrejas de São Pedro e de São João de Latrão, em Roma, na cidade do Vaticano também dobraram às primeiras horas da manhã de quinta-feira. Com esse dobrar, iniciava-se o luto de nove dias da cristandade, pelo falecimento de Pio XII. Os altares de todas as igrejas foram cobertos e os cardeais trocaram suas vestes pelas sotainas violetas. O cardeal Tisserant, decano da Igreja Católica, realizou a cerimônia de reconhecimento da morte e bênção dos despojos papais.

Durante todo o dia 9 os despojos do Sumo Pontífice permaneceram envoltos nas magníficas vestes papais — repousando sobre um catafalco de cobre armado na Sala dos Suíços, do palácio pontifical de veraneio. O corpo foi embalsamado pelo prof. Galeazzi-Lisi, seu médico-assistente, por meio de um processo que conservará o corpo em perfeito estado durante um século — no mínimo. Tal operação, iniciada às 13,30 horas, interrompeu o desfile de personalidades religiosas e políticas que compareceram para levar o último adeus ao grande chefe da Igreja Católica, bem como dos membros da nobreza romana.

Depois do embalsamamento, a fisionomia do Santo Padre se mantinha serena. Entre as mãos, conservava o rosário e, sobre o peito — o crucifixo — a mesma posição mantida durante todo o dia e toda a noite que antecedeu o desenlace. Ao lado do ataúde, entre quatro cirios, havia um genuflexório e um vaso de água benta. Destacamentos da Guarda fizeram a vigília aos despojos.

PAPA INTERINO

Com a morte de Sua Santidade, Pio XII, foi o Cardeal Benedetto Aloisi Masela, de 79 anos, eleito o chefe interino da Igreja Católica — ou seja, o novo Camerlengo — até a eleição do novo Papa. Tal eleição foi feita pelos doze dos treze cardeais da Cúria Romana, reunidos a 9 no Palácio Apostólico, em grande solenidade.

O atual Camerlengo já esteve por duas vezes no Brasil. A primeira, há cerca de trinta anos, quando exercia as funções de Núncio Apostólico, para as quais fora nomeado em 1927; e a segunda, recentemente, por ocasião da realização do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, em janeiro de 1955, como Legado Pontifício. Nas funções de Camerlengo, dirigirá Benedetto Masela a reunião dos cardeais que deverá ser realizada até o dia 27, na Capela Sixtina.

Os restos mortais de Pio XII estiveram durante o dia 10 na Basílica de São João de Latrão — para onde foram conduzidos através da Via Ápia, numa belíssima cerimônia que contou com a presença de milhares de fiéis. Da Basílica de São João de Latrão, findas as cerimônias de praxe, foi ele conduzido para a Basílica de São Pedro, onde permaneceu até o seu sepultamento, na quarta-feira, dia 15, na Capela do Sagrado Sacramento.

Com a morte de Eugênio Pacelli — Sua Santidade o Papa Pio XII, não apenas perde a Igreja Católica Apostólica Romana um dos mais dignos chefes de toda a sua gloriosa história — perde o mundo um dos maiores homens da atualidade. Pelas suas profundas qualidades de cultura, de inteligência, pelo seu superior espírito político, foi Pio XII uma das grandes personalidades do século. E entre seus múltiplos feitos, podemos destacar os que realizou na defesa da Paz.



Dedicando tôdas as folgas ao estudo, adquiriu Pio XX uma cultura impressionante.

S. S. Pio XII, diante de sua máquina de escrever, na residência de Castel Gandolfo.

Pio XII, nos jardins de sua casa de verão, dá a bênção a um grupo de trabalhadores.



UM NOVO SENTIDO DE CONFÔRTO NA
ROTA SUL



VÔO DIRETO

DIÁRIAMENTE PELOS NOVOS CONVAIR DA CRUZEIRO

VÔO DIRETO-SEM ESCALAS. E a viagem é ainda mais rápida pelo prazer que o cerca em todos os momentos: o tradicional conforto Cruzeiro do Sul. Na Rota Sul chegue mais depressa. Prefira sempre o **VÔO DIRETO** da Cruzeiro do Sul.

SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL



Saída de P. Alegre: 8 hrs.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



João Goulart.



Alzira Vargas.

DERROTA DOS FANTASMAS - LIQUIDAÇÃO DO PSD ASCENSÃO DA UDN COMO FÔRÇA POPULAR

DERROTADOS: OS FANTASMAS DA POLÍTICA BRASILEIRA. Eis o mais impressionante resultado das eleições de 3 de outubro nos principais centros. Quem vivia de vender ectoplasma ao povo para ver e palpar nos seus fantasmas prediletos perdeu a eleição e a clientela. Como sintoma de evolução cultural e de extrema rapidez nos desgastes dos processos políticos no Brasil, este foi o mais significativo. Quem pretendia viver de um nome de família, quem pretendia estar fora do eleitorado e apenas voltar a ele na hora do pleito, quem falou a linguagem somente da política pela política, sem uma brecha, uma perspectiva para o povo, ficou sozinho. Notável coincidência: o destino do filho de Arthur Bernardes (Arturzinho), em Minas, e dos filhos de Getúlio (Lutero e Alzira) Vargas no Distrito Federal e no Estado do Rio. Sucumbiram todos; na mesma hora em que a maioria do eleitorado brasileiro deu, finalmente, sepultura cristã ao cadáver de Getúlio.

CAFÉ E DÓLAR: GRANDES ELEITORES. O excesso de café, a falta de dólar, a consequência final desse desequilíbrio no custo de vida, contribuíram, de muito, para a votação nos candidatos da Oposição e para a fragorosa derrota do PSD. Outro grande eleitor: A Justiça Eleitoral, ao expurgar o eleitorado fantasma. Outro grande: o desprezo com que as novas gerações (gente que vota pela primeira ou segunda vez) assiste à exploração do nome e das palavras do sr. Getúlio Vargas.

FALTA DE IMAGINAÇÃO POLÍTICA PRÓPRIA: Concorreu para o esmagamento dos candidatos satélites de figuras mortas, carregadores de conceitos extintos ou em revisão. Quem não foi capaz de uma "bossa nova" foi castigado pelo cotejo eleitoral. Esta a "causa-mortis" do PSD. Este o atestado de óbito do sr. Ademar de Barros.

24 DE AGOSTO INCRUENTO para a família Vargas, preparado dentro do próprio PTB, com decidido auxílio dos outros in-

teressados na sua erradicação do cenário político: Lutero caiu no alcapão da senatária pelo DF, Dona Alzira caiu na esparrela de tentar firmar o varguismo no PTB e no PSD (o almirante Amaral foi exterminado no Estado do Rio), Ivete soçobrou com o barco de Ademar. Verdadeira chacina sem sangue.

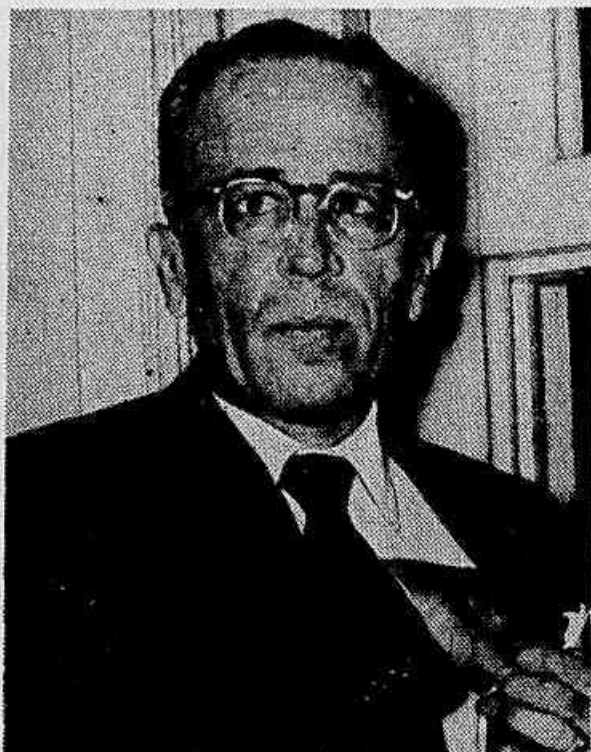
JANGO: DONO DA BOLA PETEBISTA. Já teve o cuidado de levar o cadáver ao cemitério. Marco Antônio depois do entérreo (e sem discurso) é, agora, sozinho, com a guapa juventude do cunhado Leonel Brizola, vencedor nos Pampas, firmando o PTB como partido gaúcho. Com cinco governos estaduais na mão, caminha para dar a grande jogada de 1960.

PSD: EM DEBANDADA. Desbaratado pelas suas próprias defecções, traições, incompatibilidades, senilidade e anacronismo dos métodos dos seus líderes, o PSD sai de 3 de outubro como um partido de terceira ordem, sem apoio, sem eleitorado, sem representação nos maiores colégios eleitorais do país. Nesta coluna, anunciamos a liquidação do PSD, há três meses. O sr. Juscelino Kubitschek indiferente estava ao que era fácil pressentir. Diz-se que pretendia continuar indiferente. (Mas não tanto. Agora, tem de se haver com um Congresso hostil ou rebelado). JK presidiu a derrota do seu partido.

NASCE A UDN (POPULAR). Pela primeira vez, desde que surgiu à tona, a UDN surge como um partido popular, atraindo e movimentando grandes massas, ao mesmo tempo, nos grandes agrupamentos demográficos. Com a base conquistada, dificilmente aceitará os acenos do Catete, neste crepúsculo dos deuses diamantinos. É um episódio novo. Que abre uma grande interrogação no Brasil. E ainda mais na cabeça de JK — que permanece no Catete ou em Brasília para dizer a si mesmo que tinha muita razão: o parlamentarismo não pode ser restaurado no Brasil...



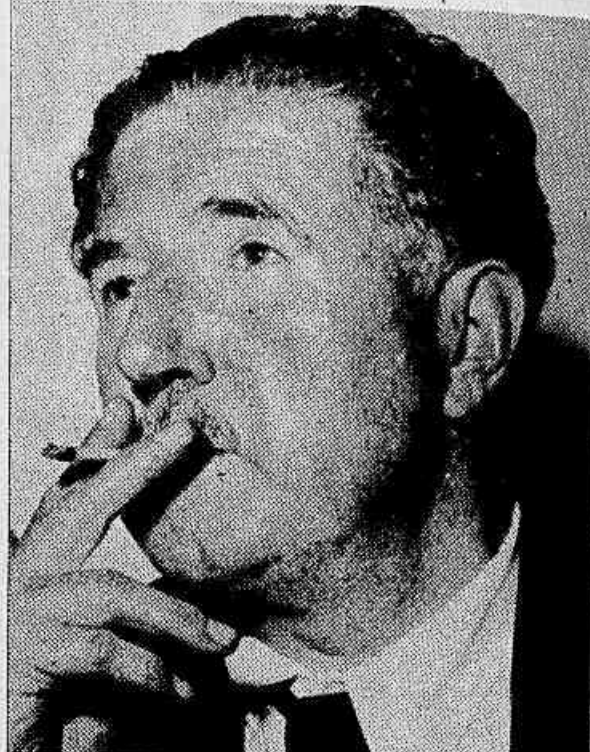
Vieira de Melo.



Etelvino Lins.



Milton Campos.



Ademar de Barros.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

REFORMA CAMBIAL

◆ Dizendo que não e que não, Lucas Lopes foi fazendo a sua reforma cambial. Não é "reforma cambial", para não ter o título que assustou tanta gente. Mas é, de fato. Mais uma vitória de Jânio Quadros, a quem Juscelino assim entrega o Governo ainda com metade do mandato.

VINGANÇA DE ALKMIM

◆ Apoiando Milton Campos ao Senado, Alkmim vingou-se de JK, que tinha compromisso de honra com Artur Bernardes Filho (cristianizado) e, portanto, se viu desacatado eleitoralmente dentro do seu próprio Estado. Dizem que Alkmim não perdoa o fato de JK ter ido jantar-lhe a cabeça com Lucas Lopes, na casa do conhecido jornalista e, ainda lhe terem chupado o olho, por cima.

TERRA DE CRISTIANO

◆ Aliás, não se estranha muito o que houve com Bernardes. Em Minas nasceu Cristiano (Machado) e foi em Minas que o PSD lançou na política o verbo "cristianizar", isto é, trair um candidato fortemente apoiado e passar-lhe a votação para o concorrente.

EMULOS DE CRISTIANO

◆ Com certas diferenças de processo (antes ou depois das eleições) foram "cristianizados" por JK os seguintes amigos do dito JK: Alkmim (o "general civil" do 11 de novembro); Vieira de Melo (único governista que enfrentou Lacerda com bravura e capacidade) atirado às urtigas na Bahia; Ulisses Guimarães (jogado às feras, em São Paulo); Macedo Soares (retirado à pressa do Itamarati para que a glória da OPA coubesse exclusivamente a JK); Amaral Peixoto (entregue às baratas no Estado do Rio).

AINDA MAIS

◆ Outros, não muito amigos, mas que ou foram úteis ou pertenciam ao PSD, partido de JK, e também acabam de ser mais ou menos cristianizados: Etelvino Lins, Apolônio Sales, Jarbas Maranhão, em Pernam-

buco; Ildo Meneghetti e Peracchi Barcelos (a vingança, mesmo arriscada, é um prazer dos deuses), no Rio Grande do Sul; Ademar de Barros (firme adesão aos golpes de novembro) obrigado a cantar de galo sem crista debaixo do esporão incipiente de Carvalho Pinto.

ESPERANÇA

◆ O sr. Salomão Filho depositou toda a esperança de sua reeleição como vereador no trabalho que teve para construção do viaduto de Madureira. Mas, a julgar pelo número de votos, os eleitores por lá passaram, mas não foram à missa de Salomão...

JÁ DEVE SABER

◆ A cantora Neusa Maria, toda vez que ouve a voz do sr. Ademar de Barros, começa a chorar. Até a semana passada, não sabia porque. Agora, com toda certeza, já sabe.

SEPARAÇÃO

◆ A sra. Alzira Vargas declarou, pelo rádio, nas vésperas da eleição, que chegava ao Brasil e encontrava o PTB separado de sua família. Mal sabia que não era só o PTB. Era o eleitorado.

FIM DE CARREIRA

◆ — Agora, o Arturzinho vai trabalhar um pouco — dizia o velho eleitor de Montes Claros. E acrescentava:

— Vai deixar de ser o maior "play-boy" de nossa política.

DISCOS

◆ Os discos da "Voz do Silêncio", golpe publicitário de Lacerda, continuam a se vender, mesmo depois das eleições. Mandou fazer nova tiragem, só para atender encomendas de São Paulo. Está com toda a corda. E já se pôs em campo a fim de

tirar todos os efeitos da vitória de 3 de outubro, impedindo que a UDN adira ao Governo.

ESCLARECIMENTO

◆ "Você pode votar em um senador, um deputado e um vereador. Coloque na urna apenas duas cédulas: uma para vereador e a minha para deputado". Com esse esclarecimento, acompanhado de "um abraço, do Waldyr", o sr. Waldyr Simões arranhou muitos eleitores, indo para o grupo de frente dos deputados pelo PTB carioca.

REPOUSO

◆ Jânio Quadros foi para Ilhabela, Ademar de Barros para uma clínica em São Vicente, Auro Moura Andrade (previsões do astrólogo falharam) retorna aos trabalhos (melancólicos) do Senado. Carvalho Pinto foi para sua fazenda, em Itatiba (onde ordenha suas vacas, tirando-lhes o máximo do leite em troca de rigorosa forragem balanceada).

SURPRESA E ALEGRIA

◆ Celso Peçanha (candidato vitorioso a vice-governador, Estado do Rio), ficou surpreso com a vitória do sr. Miguel Couto Filho (que lhe atrapalhou o caminho). Com relação ao sr. Ademar de Barros (que também o atrapalhou para entregar a legenda ao sr. Miguel Couto), disse: "Deus sabe o que faz."

PACIÊNCIA E DESESPERO

◆ Em Belo Horizonte: as multidões e mesários tiveram tanta paciência, que houve lugares onde se votou até as 2 horas da tarde do dia 4 de outubro; em compensação, um eleitor, que chegou depois de 17 horas (do dia 3) hora regulamentar para recolher os títulos, rasgou o título diante de todos e atirou-se do 2.º andar de um colégio, onde funcionava a seção. Quebrou as pernas.

FRASE (DA OUTRA SEMANA)

"Nunca tive uma eleição tão tranqüila. Meu candidato está eleito".
Etelvino, em Pernambuco.

OS TRIUNFADORES

São êstes os homens que podem ser apresentados como triunfadores nas sensacionais eleições de 3 de outubro. Pela atuação articuladora da vitória, ou pela vitória, em si, pelo que significa para a definição dos novos quadros políticos do país:

CARLOS LACERDA — Lançador de Arios, patrocinador da vitória da UDN, esmagadoramente, sobre o PTB (eleições majoritárias, deputação e vereança), no grande colégio petebista e populista do Distrito Federal, êle, próprio, o deputado mais votado do Rio e do Brasil.

JÂNIO QUADROS — Campeão vitorioso da candidatura Carvalho Pinto, bem como do padre Calazans Fernandes, ao Governo e à senatória por São Paulo, deputado vitorioso pelo Paraná, desde já se apresentando como candidato à Presidência da República em 1960.

JURACY MAGALHÃES — Formulador da estratégia, retificador da tática udenista, exemplo de vitória da orientação do seu partido pela conquista do Governo da Bahia, desde já apontado como vice na chapa de Jânio em 1960.

JOÃO GOULART — Articulador da vitória do PTB em cinco governos estaduais, patrocinador da candidatura Brizola, eliminador da família Vargas no controle do PTB, desde já tido como candidato à Presidência ou como vice, numa chapa a ser formada com o General Teixeira Lott.

LEONEL BRIZOLA — Triunfante repetidor do caminho de Ildo Meneghetti — da Prefeitura de Porto Alegre ao Palácio Piratini, nome eleitoral de maior consistência que a eleição deixou no PTB, diz que não quer ser presidente da República.

ROBERTO SILVEIRA — Liquidante do pessedismo no Estado do Rio, vencedor de Getúlio Moura e contra a família Vargas (que derrotou) na disputa pelo Governo do Estado do Rio.

CID SAMPAIO — Vencedor de Jarbas Maranhão, aniquilador de Etelvino Lins e do coronellismo sertanejo em Pernambuco, figura da UDN que aponta impressionantemente no Estado mais desenvolvido do Nordeste.

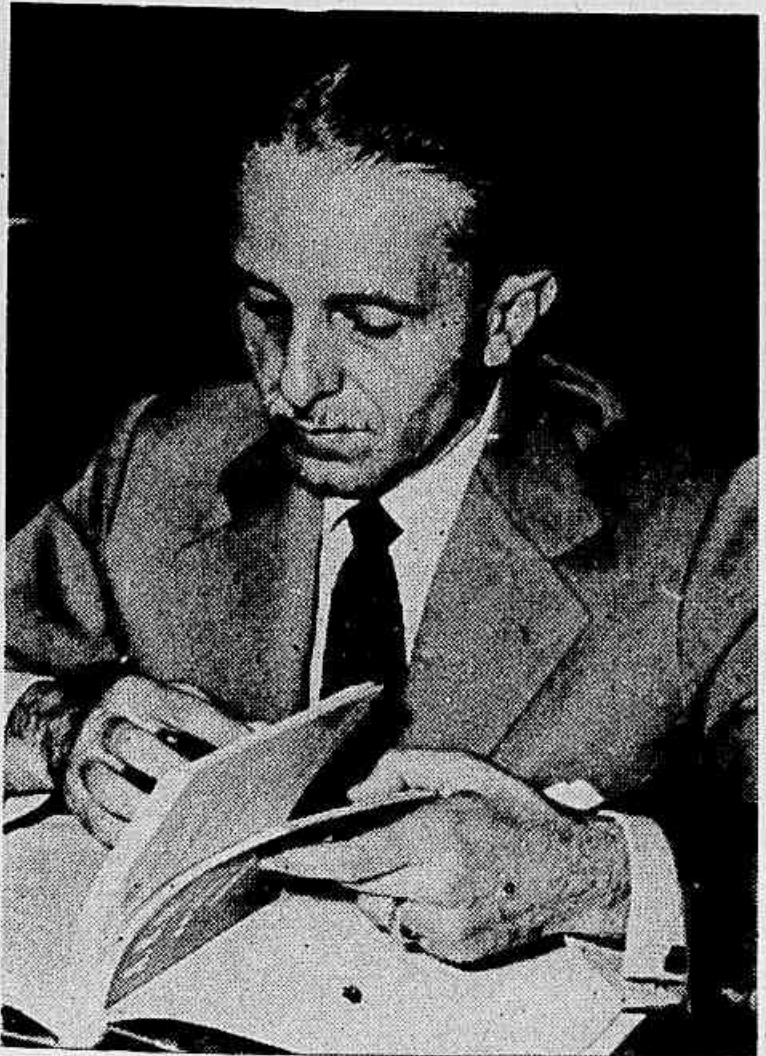
Quanto aos derrotados, procurai-os pelo Catete e adjacências.



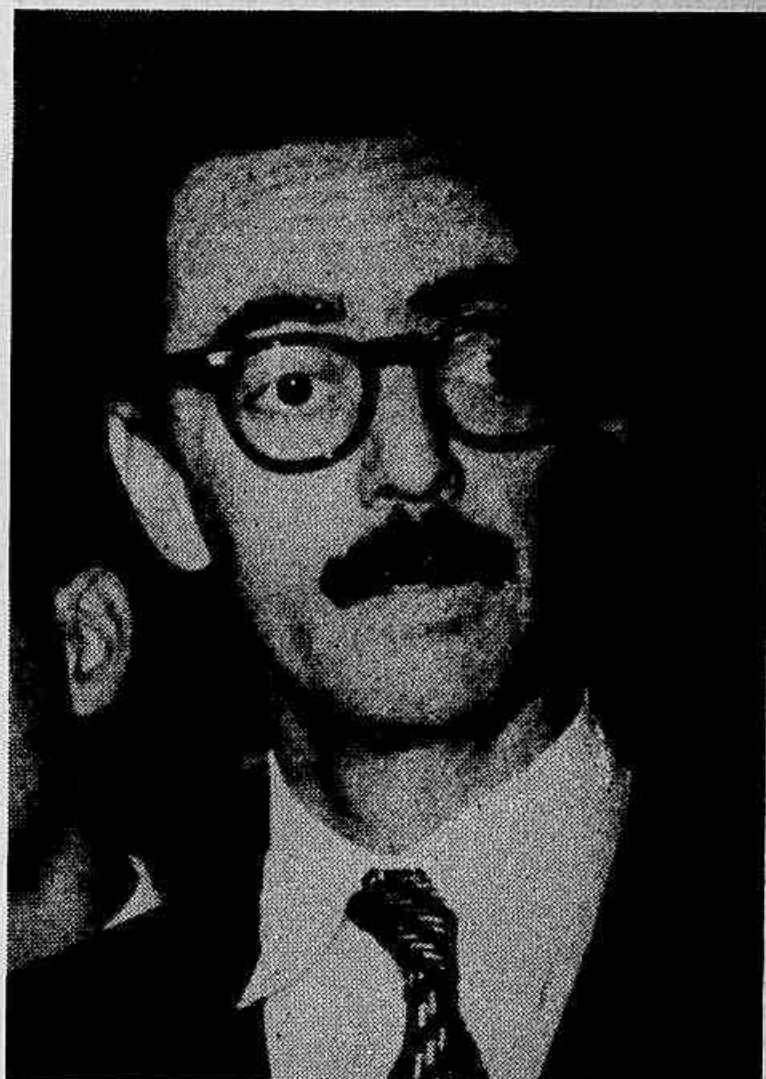
Leonel Brizola.



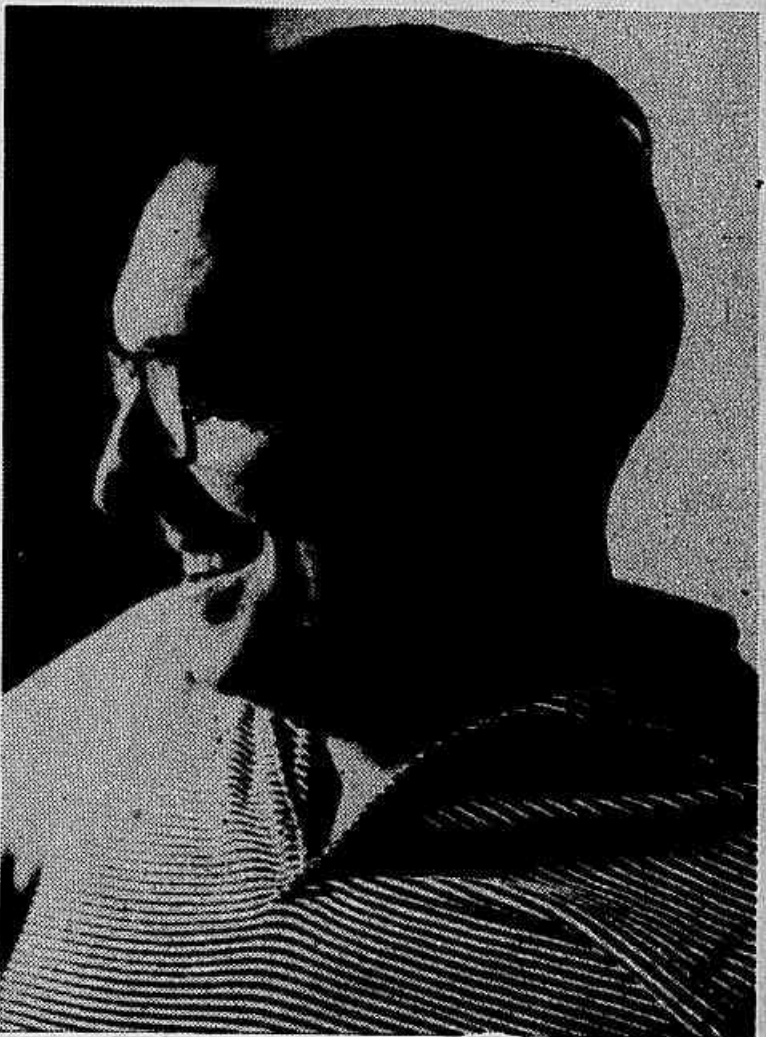
Juracy Magalhães.



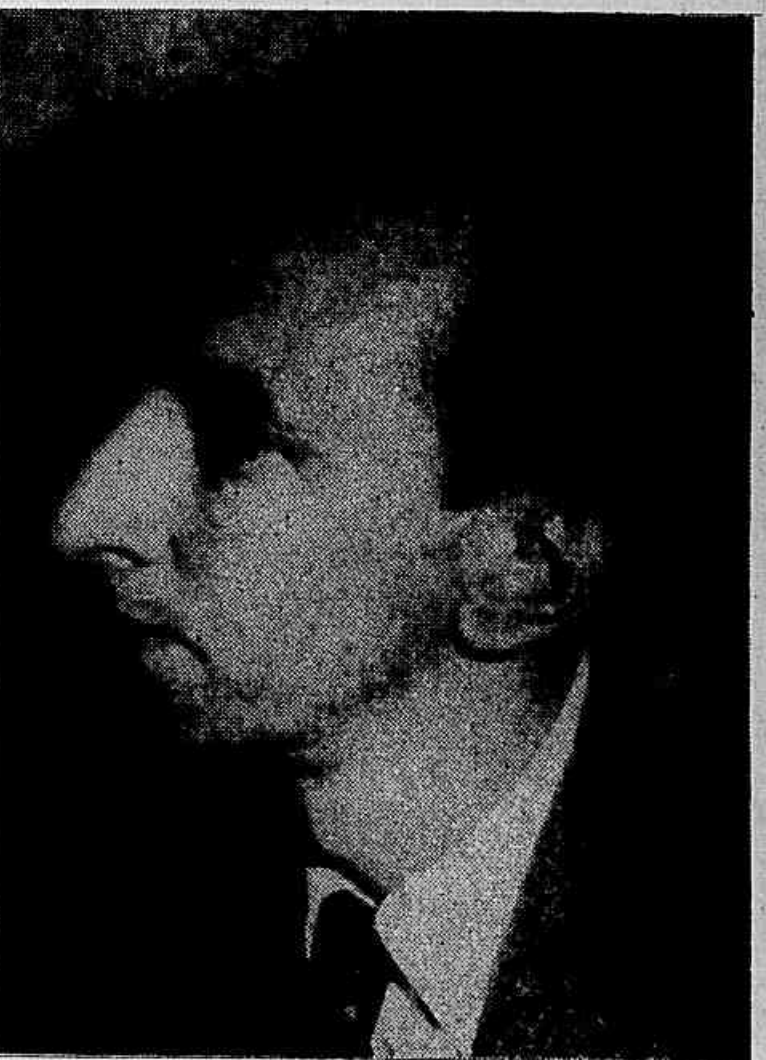
Carvalho Pinto.



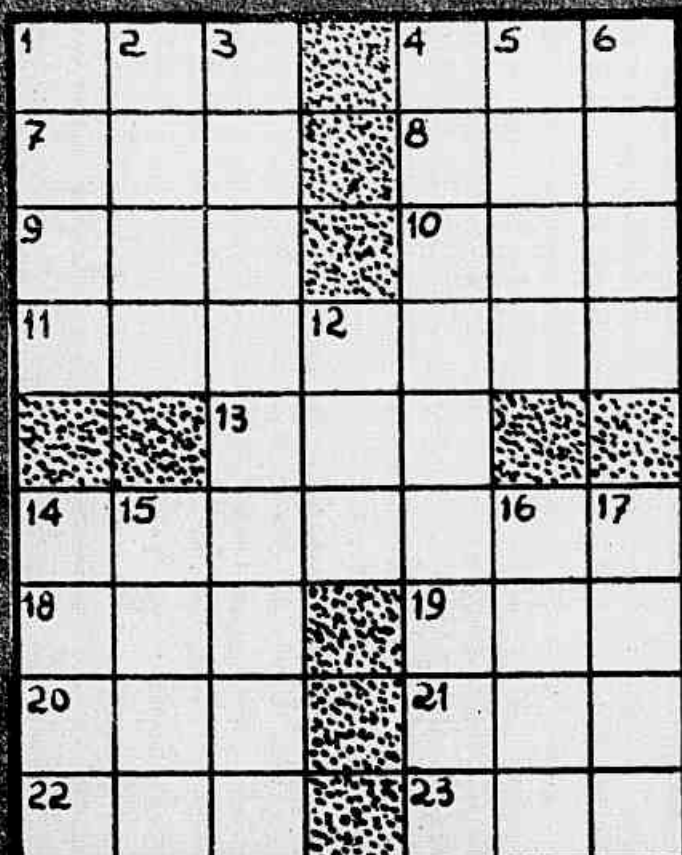
Jânio Quadros.



Carlos Lacerda.



Roberto Silveira.



PROBLEMA N.º 55 — PARA NOVATOS

HORIZONTALIS: 1. Fileira — 4. Óxido de cálcio — 7. Antigo navio de combate cuja proa era munida de um esporão de aço — 8. Mau cheiro — 9. Ligue — 10. Também não — 11. (Mar de), mar interior na bacia do Mediterrâneo, entre os Balcãs (Europa) e Anatólia (Ásia) — 13. Cano de moinho — 14. Sobrenome de família, alcunha — 18. Sorria — 19. O mesmo que zás-trás — 20 — Oceano — 21. Suspiros — 22. Quer bem — 23. Sufixo designativo de igualdade.

VERTICAIS: 1. Lavram — 2. Fôlha de ferro estanhado — 3. Fizera mercê — 4. Abri canais — 5. Bôrdô (planta) — 6. Lôdo — 12. Moléstia — 14. Instrumento de ataque ou defesa — 15. Dão pios — 16. Concedeis — 17. Qualquer parte do esqueleto.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 54

PARA VETERANOS

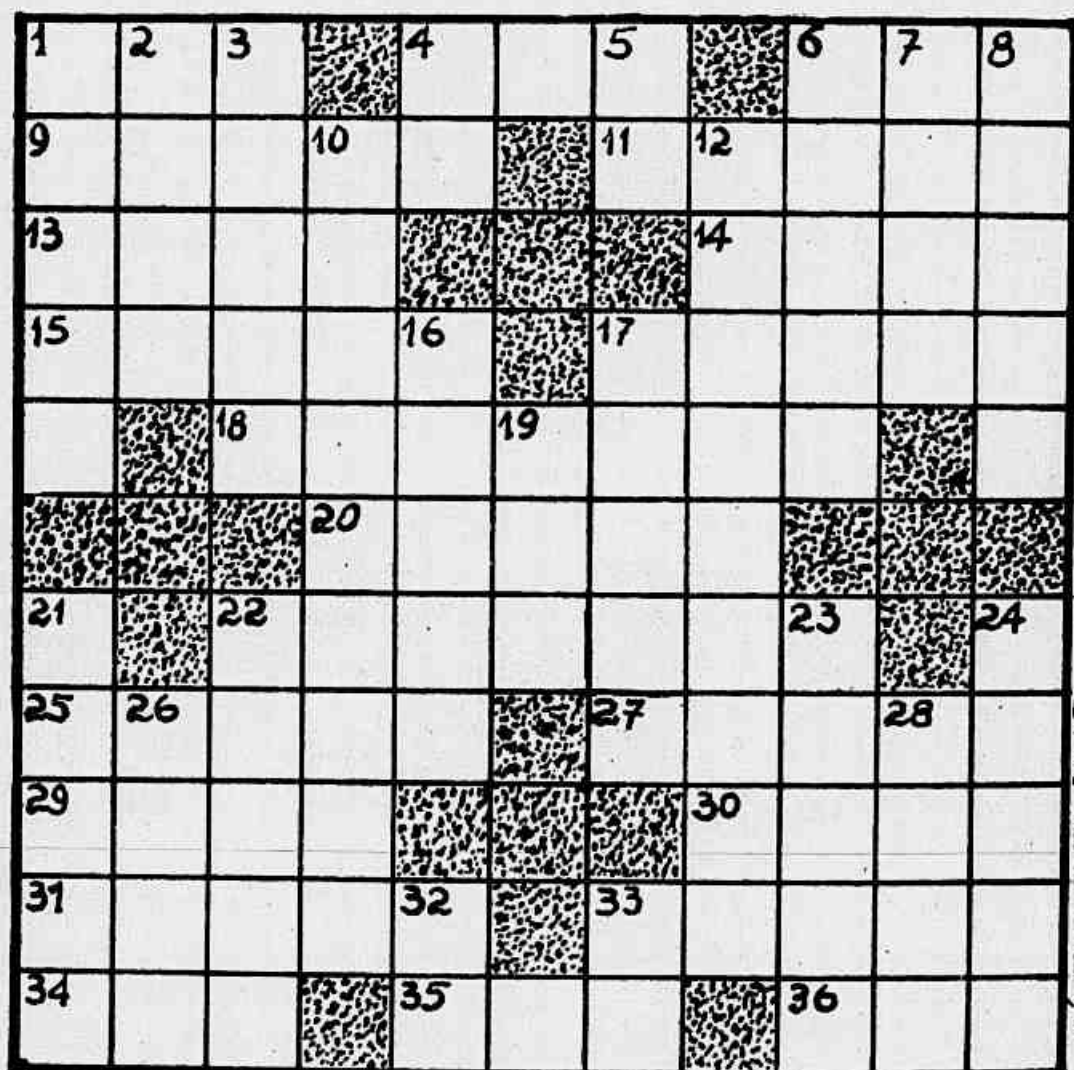
HORIZONTALIS: inamu — festividade — aú — ut — rol — tia — Est — vimaranense — oro — aro — nidificaria — cai — ará — Aar — Ar — ad — arrelidora — sasse.

VERTICAIS: fé — itu — Ni — aveia — mi — udu — id — fervência — salmodiar — atenorado — estevaria — oi — trofa — anacá — S.S. — Ari — era — ia — irais — iá — rês — ade — rá — la — as — ri.

PARA NOVATOS

HORIZONTALIS: aca — ama — Ra — atar — elatina — açu — anacuse — dia — tradear — Iara — ro — ora — sal.

VERTICAIS: are — calandrar — atiqu — manusear — ara — atacada — aiara — tio — rol.



PROBLEMA N.º 55 — PARA VETERANOS

HORIZONTALIS: 1. Palavra céltica que significa filho — 4. Cinto — 5. Tribo de índios norte-americanos — 7. Famoso fabulista grego — 11. Inimigo — 13. Sonso, matreiro — 14. Capitão de pôrto, no Malabar — 15. Nome pelo qual são conhecidos na Amazônia as piabas e ximburés — 17. Menino — 18. Lisura — 20. Suplicara — 22. Planta arácea — 25. A garça real — 27. Abertura da boca — 29. Quartilho de vinho — 30. Lamento — 31. Gênero de moluscos do Senegal — 33. Meto em dificuldades — 34. Patrão — 35. Relação — 36. Pedido de socorro.

VERTICAIS: 1. Sessão de catimbau ou feitiçaria (pl.) — 2. Segurar — 3. Canjica — 4. Piparote — 5. Nota musical — 6. Robustez das pernas — 7. Limite fatal da vida do homem, segundo os muçulmanos — 8. Nome que os malês davam à circuncisão (pl.) — 10. Cântaro de barro com bico (pl.) — 12. Encontrariam — 16. Planta brasileira de tubérculos farináceos e comestíveis — 17. Secar ao sol — 19. Moeda da Ásia — 21. Penetrar — 22. Canoa de proa e popa achatadas (pl.) — 23. Repouso (pl.) — 24. Leigos em qualquer assunto — 26. Disfarce — 28. Expansão foliácea das algas — 32. Sufixo designativo de agente — 33. Outra coisa.

FOI UM "WESTERN" o primeiro filme que contou uma história — **The Great Train Robbery**. Desde 1903, assim, existe o gênero mais popular do cinema, exclusivo do cinema americano, e também, para muitos críticos que têm acompanhado essa evolução, o mais puro e o mais nobre. Tôdas as fases da história do cinema, como diversão ou como arte, estão marcadas pelos grandes heróis do far-west — de William S. Hart a Gary Cooper, de Harry Carey a John Wayne e, em esfera mais modesta, de Tom Mix e Buck Jones a Randolph Scott e Joel McCrea. Quase todos os maiores diretores fizeram, fazem e ainda farão "westerns" — à frente de todos John Ford, a quem o gênero deve muitos de seus mais legítimos "clássicos": **No Tempo das Diligências, Paixão dos Fortes, Rastros de Ódio**. "Westerns" que estão, ainda, entre as maiores obras do cinema, igualando ou superando o nível das manifestações em outras áreas, tidas por alguns como mais "sérias". Os "westerns" de Ford e, também, os de Howard Hawks (**Rio Vermelho, O Rio da Aventura**), William A. Wellman (**Consciências Mortas, Céu Amarelo**), Anthony Mann (**Winchester '73, Um Certo Capitão Lockart**) e alguns de Raoul Walsh, de John Sturges, de Delmer Daves e, no primeiro plano, quase ao lado de Ford, os já célebres **Matar ou Morrer**, de Stanley Kramer & Fred Zinnemann, e **Os Brutos Também Amam** (Shane), de George Stevens. O "western", hoje e sempre, é o que levou alguém a classificá-lo de "o cinema americano por excelência". Ou "o cinema por excelência" não seria o mais certo?

Na nova produção hollywoodiana, o número de "westerns" é, como nas anteriores, considerável. Aqui vão alguns exemplares, nem todos se afigurando mais importante *a priori* — mas quase todos capazes de despertar esperanças nos amantes do gênero, mesmo porque são poucos os "westerns" absolutamente sem interesse.





CINEMA

(Continuação)

♦ **THE LEFT HANDED GUN** é o último "western" dedicado à memória de Billy the Kid, o mais famoso, o quase legendário criminoso do Oeste americano — e que, ao morrer aos 21 anos de idade, havia abatido 21 homens, um para cada ano de sua vida, sem contar mexicanos e índios. William C. Bonney, este o seu verdadeiro nome, começou cedo sua carreira sinistra; tinha apenas 13 anos quando fez sua primeira vítima. Em "The Left Hand Gun", entretanto, só são descritos os incidentes que precedem a morte do herói, atingido pelas costas por uma bala de Pat Garrett. O filme é a versão de uma peça de televisão de Gore Vidal e com ela vieram da TV o produtor Fred Coe e o diretor Arthur Penn, que estreiam assim em Hollywood. No papel de Billy the Kid está Paul Newman — como antes estiveram, entre os muitos que o viveram no cinema, Johnny MacBrown, Robert Taylor, Jack Buetel (no excelente "O Proscrito"), Audie Murphy. Um dos bons atores da nova geração, Newman compõe um Billy the Kid mais ou menos confuso, quase como precursor dos atuais transviados das grandes cidades. John Dehner personifica Pat Garrett, e a bonita e sensual Lita Milan participa, de passagem, na parte romântica da história. E esta tem um narrador, a cargo de Hurd Hatfield.

Todos os anos, na produção h

♦ **IRMAO CONTRA IRMAO** (Saddle the Wind) apresenta Robert Taylor e John Cassavetes como irmãos, mas em luta, sendo Taylor o mais velho e o mais sereno e Cassavetes, muito impulsivo, sempre se metendo em situações difíceis e perigosas. Entre os dois, Julie London — mais conhecida como cantora e, por sinal, cantando durante os títulos a balada "Three Guns", que era como se chamava, antes de ser filmada, a história de Thomas Thompson, um especialista no gênero, tanto que é atual presidente da Associação de Escritores de Westerns da América. Bons atores no "supporting cast": Donald Crisp (com mais de 40 anos de cinema e ainda em forma), Charles McGraw, Royal Dano, Ray Teal e Douglas Spencer. É curioso notar a predileção de Robert Taylor, nos últimos anos, pelas aventuras no "far-west": depois de "A Última Caçada", ele fez este "Irmão Contra Irmão" e logo a seguir "The Law and Jake Wade" (Duelo na Cidade Fantasma). Quanto a John Cassavetes, trata-se da estréia no gênero do jovem ator que figurou bem em "Crime nas Ruas", ao trocar pelo cinema a televisão, sendo um dos poucos que fizeram com êxito esse trajeto. O diretor de "Irmão contra Irmão" é Robert Parrish, que começou bem, há meia dúzia de anos, mas ultimamente nada vem fazendo de aproveitável.

♦ **O IRRESISTÍVEL FORASTEIRO** (The Sheepman). Nos últimos tempos, como no início de sua carreira, volta e meia Glenn Ford está no Oeste — onde foi o herói de "Gatilho Relâmpago", "Galante e Sanguinário" e do ainda inédito "Cowboy". Em "O Irresistível Forasteiro", produção de Edmund Grainger para a MGM, o ator tem a companhia de Shirley MacLaine, a excelente atriz lançada em "O Terceiro Tiro" por Hitchcock. Isso no romance, porque há, naturalmente, a briga, nesta enfrentando Ford, que prefere criar ovelhas, os barões de gado que dominam a região, capitaneados por Leslie Nielsen. O velho Edgard Buchanan e Mickey Shaughnessy sobressaem entre os coadjuvantes, entre os quais também estão Willis Bouchney, Roscoe Ates e Slim Pickens. A história, escrita por James Edward Grant e adaptada à tela por William Bowers, tem alguns momentos de bom humor, no meio da luta entre os partidários do gado bovino e o solitário e lacônico herói, que teima em manter sua criação de ovelhas e é, também, muito rápido no manejo do Colt. O filme foi rodado em grande parte nos grandes vales à sombra das Montanhas Rochosas no Colorado. Na direção, o veterano George Marshall, de vasta experiência no gênero e que, ordinariamente, dá a seus filmes, pelo menos, uma permanente vivacidade.





o hollywoodiana, observa-se o predomínio de "westerns"



♦ **AUDACIA DE UM ESTRANHO** (The Tall Stranger). Joel McCrea é o "estranho", Virginia Mayo é a heroína, sempre em grande forma. Ele vem de longe, ela é uma jovem viúva que viaja em companhia do filho, para colonizar novas terras. Os dois se encontram quando McCrea, atingido por misterioso tiro, está semi-inconsciente no caminho por onde passa a carroça de Virginia. E não demora o aparecimento dos vilões: Michael Ansara, Leo Gordon. A história, de autoria de Louis l'Amour, parece lembrar a de "Os Brutos Também Amam" (Shane) ou a de "Hondo", aliás do mesmo l'Amour. Mas é mais corrida, mais acidentada — e não é possível esperar um resultado parecido com o que obteve George Stevens de um diretor de segunda ou terceira linha como Thomas Carr. Mas Joel McCrea é sempre um ator competente e há poucas mulheres em Hollywood tão boas como Virginia Mayo.

ESTÁ QUASE ASENTADA a ida do Arturzinho Bernardes para uma embaixada de regular importância no exterior. Após bigodeá-lo nas eleições mineiras, o pesse-dismo trata de recuperar numa estação de cura o aliado combalido.

A HISTÓRIA do boa vida que diària-mente aborrece os barmen da cidade, inda-gando a cotação do dólar, apesar de não possuir disponibilidades para comprar dez dêles, foi narrada com muita graça pelo meu colega Chuck. Esses tipos são mais comuns do que a gente pensa. Sei da existência de um sujeito — infelizmente ainda não lhe descobri o nome — que aparece de quando em quando no American Club, indagando com ar petulante e sofisticado: "A quanto anda a libra ouro?"

FRAQUINHAS, de verdade, várias can-didatas que a província remeteu para o concurso de Miss Elegante Bangu dêste ano. Algumas, além de não saber andar, são até incapazes de permanecer de pé, paradas, com distinção.

O GÓLFE CARIOCA pela primeira vez fez das suas, no estrangeiro, ainda que num torneio de segunda categoria. Seymour Mar- vin, o único pau de arrara norte-americano do Brasil, foi o responsável pelo brilha- reco nos links internacionalmente famosos de St. Andrews.

SEGUNDO CÍRCULOS bem informados, chama-se Petrobol a empresa que o senhor Sanchez Galdeano organizou para explorar o petróleo boliviano, o qual também pas- sou a ser "nossa" graças a lábia diplomá- tica do chanceler Macedo Soares. O nome escolhido é bastante sugestivo, consubstan- ciando perfeitamente as duas aspirações má- ximas da comunidade brasileira: Petróleo e Futebol.

A COLÔNIA BAIANA do Distrito Fe- deral ainda está boquiaberta com as notí- cias de que o sr. Juracy Magalhães foi re- cebido oficial e cordialmente na redação de "A Tarde", onde tôdas as honras e homena- gens lhe foram prestadas. "A Tarde" era uma bateria que nunca perdoara Juracy, desde priscas eras, bombardeando incessan- temente o futuro governador da Bahia. Para que os leitores pouco afeitos as tricas e futricas da política baiana entendam o espanto de Mariazinha e de muita gente, diremos que a recepção a Juracy no bastião do falecido sr. Simões Filho pode ser tran- quilamente comparada a uma hipotética recepção a Krushev nos salões do Vati- cano...

FALANDO DE BAHIA, diremos que o reitor Pedro Calmon foi votar na boa terra. Apesar de haver votado em Juracy, o mag- nífico reitor espalhou no Rio de Janeiro

que sufragara o nome de Vieira de Melo. Calmon prefere discutir com o diabo a bri- gar com o "Correio da Manhã"...

FALTA DE PERSONALIDADE absoluta da morena pernambucana Sônia Maria Cam- pos. Mal chegou a Londres e já posava para os fotografos de chapéu de cangaceiro na cabeça, incapaz de fugir ao lugar comum. Vamos torcer para que não lhe coloquem uma bandeja de frutas na cabeça, sapato de salto Carmen Miranda e saia de falsa baiana, a fim de que a menina mexa as cadeiras para a inglesada franzir os so- brolhos...

O PLAYBOY João Batista do Amaral Filho vem dando duro na TV-Rio, pegando no pesado. O rapaz está com jeito de quem deseja tomar novos e sérios rumos na vida.

A CEGONHA aterrisou na residência do casal Márcio Braga. Infelizmente papai Márcio, jovem titular do cartório Guaraná, não recebeu o guaraná caçula que tão an- siosamente esperava. Ficou mesmo com uma simpática caçulinha.

ADIADA TEMPORARIAMENTE a recon- ciliação do sr. Spitzman Jordan com a bo- nita Josefina. De nada valeram as promes- sas feitas durante a romaria a Europa. Di- zem que o sr. HSJ irá tentar as sextas- feiras nos Barbadinhos.

A SITUAÇÃO EM BRASÍLIA está fi- cando quente com a progressiva transfor- mação da cidade livre num autêntico far- west, onde a lei é mantida a muito custo. Teme-se que uma balaiada estoure a qual- quer momento.

CONVERSINHA de cabeleireiro, surpre- endida a distância. Dizia a mocinha, im- petuosamente: "Fulana é o maior conto do vigário que circula por aí. Usa peruca, len- tes de contato, muita pintura e uma ca- muflagem interna de borracha. Além disso, engana a idade vergonhosamente. Autên- tico, nela, só mesmo a burrice, que é here- ditária". Mariazinha se benzeu e passou a respeitar a capacidade ofídica da criaturinha faladora.

LI UMA CARTA do escritor-presidiário Paulo Machado de Lima ao "Diário Ca- rioca", repleta de reminiscências indiscre- tíssimas sobre a noite carioca ao tempo dos cassinos. Pela carta sente-se o destino tur- fístico de certa senhora...

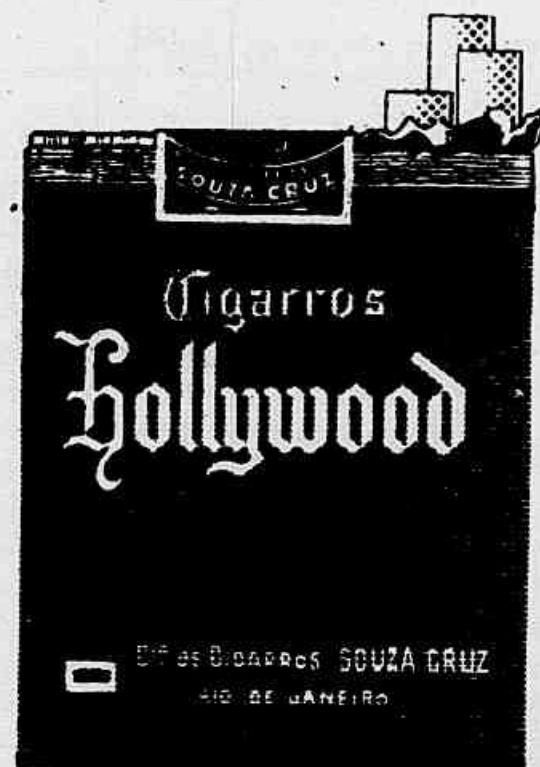
O NOVO CACIQUE eleitoral de Cabo Frio é o Baby Bocayuva, deputado mais votado na Riviera papa-goiaba. Quem tiver casa ou terreno naquela zona se agarre com o Baby, para defender uns benefício- zinhos.

raios de sol brincam na relva...

o céu parece mais azul...

há mais beleza em toda parte...

nós dois e.



uma
tradição
de bom
gosto





A CAMINHO — A Biblioteca é logo ali.



CEGUINHA E BRAILLE — Um mundo sai da escuridão.

ÁGUA NA “BICA” É LIVRO

A EXPRESSÃO “água na Bica é livro” já se tornou costumeira para a criançada do Méier. Isto porque B.I.C.A. é a sigla (sugestiva) da Biblioteca Infantil Carlos Alberto, localizada naquele bairro da zona norte e que já possui mais de dez mil leitores-mirins.

Esta semana, quando se comemora o Dia da Criança, a garotada do Méier volta seus pequenos corações para Carlos Alberto, patrono da BICA, um menino alegre que viveu exatamente um ano, cinco meses e sete dias e, de repente, finou-se. A casa comprada para abrigar sua infância não chegou a ouvir seu riso infantil, nem o ruído irregular de seus pequenos passos. No dia em que nela devia dar entrada, Carlos Alberto morreu. Seus pais resolveram transformá-la numa biblioteca infantil que hoje, nove anos depois é a famosa BICA.

Roberto Mello de Faria.



LIVROS NA B.I.C.A. — A vida assim é melhor.

INTERNACIONAL

Mas, se a Biblioteca tem somente 9 anos, já é adulta, pois vai inaugurar dentro em breve sua sessão internacional que abrigará livros infantis de todas as partes do mundo, sendo capaz de unir as crianças de diversas colônias estrangeiras residentes no Rio. Até agora, já somam quatro mil o número de livros estrangeiros que estão empacotados para ser transferidos à BICA INTERNACIONAL, pertencendo a 39 países estrangeiros.

REFORMA E ADAPTAÇÃO

Quando começou a Biblioteca, quase nada existia. Com o tempo, porém, a idéia tomou vulto e várias adaptações foram introduzidas. O prédio foi ampliado; surgiu um amplo salão no lugar de quartos e salas; desapareceu uma varanda lateral, incorporada que foi ao salão. Móveis modernos, funcionais, foram adquiridos, dando à Biblioteca um aspecto diferente. Agora ela já dispõe de quatro seções de livros: a fixa, a de referência, a internacional e a circulante. Os livros de ficção são emprestados por 15 dias, renováveis quantas vezes o leitor desejar. O empréstimo de livros didáticos, porém, é feito por todo o período letivo. Possui ainda a Bica um Museu e uma Seção de Numismática, que agora serão ampliados com novas reformas.

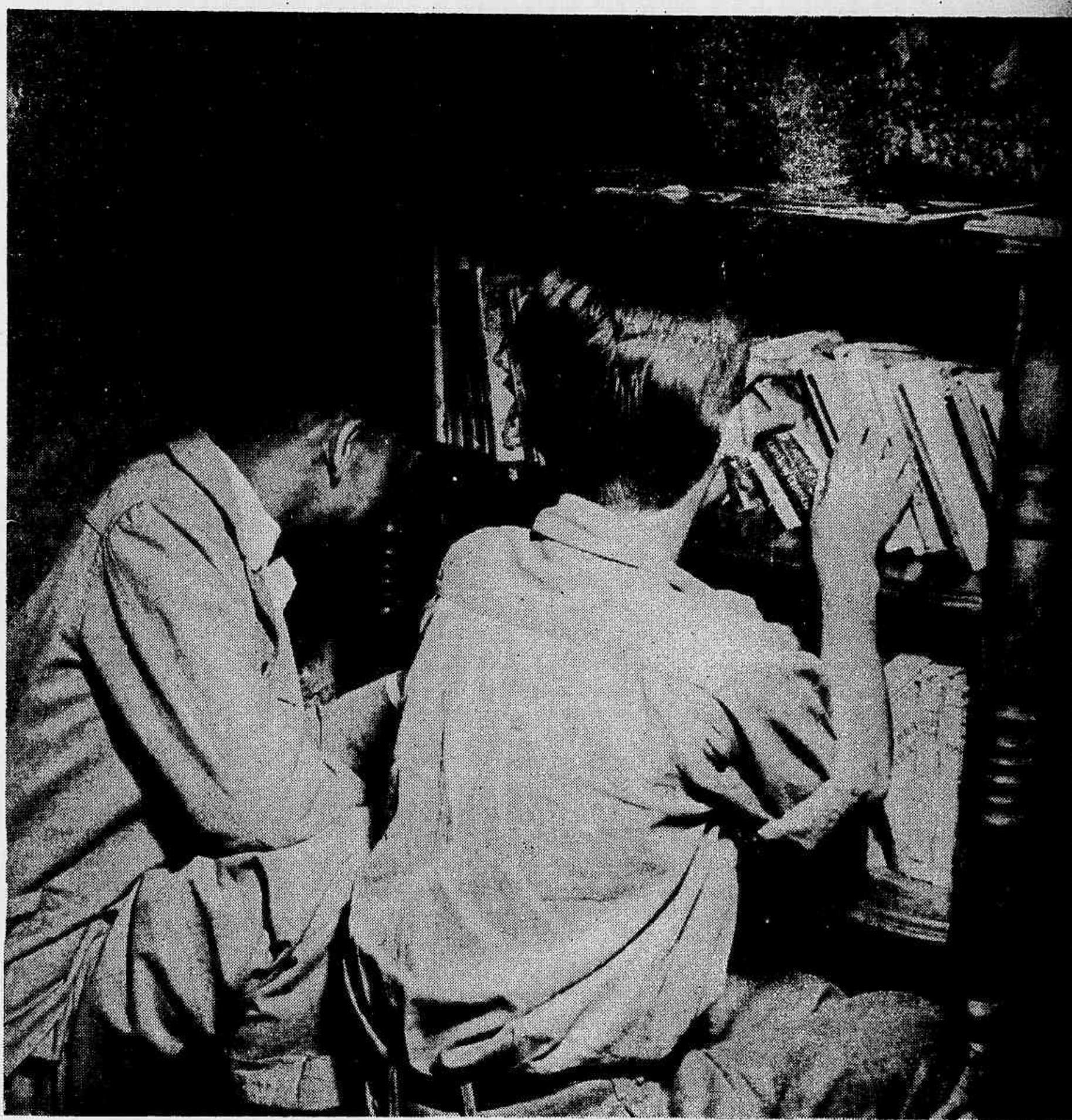


PEDIDO LIVRESCO

ão abrigou a infância de uma criança ouve hoje o riso de centenas.



De acôrdo com a época: "viagem à lua".



AGUA É LIVRO — "Bica" é estante.

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL

Na semana da criança de 1957 a BICA organizou a "I Exposição Internacional de Livros Infantis", que foi realizada no Salão de Exposições do Ministério da Educação e Cultura. Sua organização visou mostrar às crianças que, mesmo longe de sua casa, do seu bairro, da sua cidade, do seu país, existem outras crianças que também gostam de ler, de ver belas estampas, de se distrair com livros, e que, embora diferentes de cada uma delas, no rosto, na cor da pele, na língua que falam são todos seus irmãozinhos.

RUSSO OU AMERICANO

Na Exposição encontravam-se livros de todos os países. As crianças podiam apanhar um livro russo ou um americano. Outro da Argentina ou da Itália, da Indonésia ou do Japão. Folheá-los o tempo que quisessem e fazer tôdas as indagações necessárias à bibliotecária.

IRMÃ GÊMEA

A B.I.C.A. carioca tem, porém, uma irmã gêmea: a B.I.C. (Biblioteca Infantil de Canoinhas) na cidade de Canoinhas em Santa Catarina, com a qual a biblioteca do Méier mantém contato permanente.

LETRAS E ARTES

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

OS LIVROS

◆ **Estudos Sobre a Poesia de Fernando Pessoa**, por Adolfo Casais Monteiro (Agir, 1958. 258 páginas) — Uma série de escritos de várias épocas sobre o grande poeta português, de autoria de seu mais autêntico intérprete. Sobremaneira interessante o intitulado "Fernando Pessoa e Ezra Pound", onde é feita uma aproximação entre o autor de "Ode Marítima" e o dos "Cantos", através dos heterônimos, do primeiro, e das máscaras ou *personae*, do segundo, que em última análise se equivaleriam. Esse livro é, a nosso ver, a mais importante contribuição ao estudo do grande poeta falecido em 1935, em Lisboa.

◆ **Integração Econômica, Social e Política da América Latina**, por A. Amoroso Lima, J. Misalem Saffre, A. Franco Montoro e Venâncio Flores (Agir, 1958. Coleção "Temas Atuais". 86 páginas) — Num momento em que o "Pan-americanismo" readquire toda a sua importância, é também importante um livro que, como o presente, encerra quatro teses há tempos ventiladas no II Congresso Internacional da Democracia Cristã, efetuado em São Paulo, há um ano: o discurso de abertura do Congresso (de Alceu Amoroso Lima), a tese da integração econômica, de Saffre, a de integração social, de Montoro, e a de integração política, de Venâncio Flores. Apresentação gráfica excelente, como, de resto, vem acontecendo, de tempos para cá com os livros da Agir.

◆ **Rebenta-Boi**, por Cândido Canela (Pongetti, 1958. Capa de K. Cristoff. 278 páginas) — Poesia sertaneja, de vôo baixo. O autor é vereador em Montes Claros, Minas Gerais. Falta-lhe espontaneidade e — o que é mais — autenticidade.

◆ **As Três Solteironas**, de Aristides Villas-Boas (São José, 1958. 36 páginas) — Peça teatral em um ato. Sátira. Três figuras: uma francesa de 30 anos, uma americana de 40 e uma brasileira de 60, conversando, fazem crítica social. A dado momento, essa frase, endereçada pelo personagem Amália a Duque Estrada e Agripino Grieco: "Que Deus se apiede dessas excrecências humanas". O livro é medíocre até onde possa sê-lo um livro. Seu inspirador direto: "A Ceia dos Cardeais", de Júlio Dantas.

◆ **Harmonias Efêmeras**, de F. A. Ferreira da Luz (Pongetti, 1958. 211 páginas) — Nascido em 1851, Ferreira da Luz faleceu em 1894

— tendo, cronologicamente ao menos, atravessado três fases poéticas distintas: Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo. Médico, erudito (traduzia do sânscrito), foi como poeta que mais se distinguiu. A primeira edição de "Harmonias Efêmeras" foi publicada no Rio, em 1876 — um ano após a morte de Fagundes Varela, por conseguinte, em plena efervescência romântica, já quase no despontar parnasiano. São poemas que falam em amores, em morte, em Deus, em pátria — tudo segundo o melhor figurino romântico. Também, aqui e ali, a poesia de inspiração social. Ecos de Castro Alves, Laurindo Rabello, o já citado Fagundes, Azevedo, etc., etc. Ferreira da Luz foi poeta do segundo time e, a nosso ver, a presente reedição não se justifica, a não ser como um preito de dedicação filial.

◆ **No Roteiro dos Astros**, de Lygia de Andrade Barbosa (Pongetti, 1958. 71 páginas) — Em uma forma pretensamente moderna, os velhos temas e o velho sentimentalismo tão do gosto dos brasileiros. A autora promete mais quatro livros de versos para breve — que também é característica muito nossa...

◆ **Trilhas no Grande Sertão**, por M. Cavalcanti Proença (Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Os Cadernos de Cultura, 114. Rio de Janeiro, 1958. 101 páginas) — Um interessante estudo sobre o romancista Guimarães Rosa, autor de "Grande Sertão: Veredas". Proença estuda Rosa sob vários aspectos: do ponto de vista subjetivo, em "O Plano Subjetivo"; em suas ligações com a Idade Média, em "Don Riobaldo de Urucua, Cavaleiro dos Campos Gerais"; misticamente; formalmente.

◆ **Museu e Educação**, por F. dos Santos Trigueiros (Pongetti, 1958. Segunda edição. 228 páginas) — Na escassíssima bibliografia especializada brasileira, esse livro ainda aumenta de valia. Examina, com conhecimento patente, o museu, suas funções, seu desenvolvimento histórico, sua missão didática, etc. Analisa os museus no Brasil, e deles dá uma lista completíssima. Traz também uma importante relação de todos os bens móveis e imóveis tombados pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, de 1938 a janeiro de 1957. Livro importante, e que deve ser lido pelos interessados em assuntos relacionados com os museus.

AS NOTÍCIAS

O editor (paulista) Martins teve seu nome inscrito na Ordem do Mérito. *** Enio Silveira pretende editar em breve *pocket-books*. A sua casa lançou, em 1957, seis milhões de exemplares. *** Augusto Frederico Schmidt lançará breve dois livros: "As Florestas", algo como a continuação de "O Galo Branco" (memórias), e "Babilônia", poema composto de uma série de sonetos. O último, que seria editado pelo senhor Gumerindo da Rocha Dória, sê-lo-á por Carlos Ribeiro. *** Contemplado com o Prêmio Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro, o livro "Caminhos e Fronteiras", de Sérgio Buarque de Holanda. Uma atribuição inteiramente justa, bem recebida por gregos e troianos. *** "Depois da Luta", contos de José Lou-

zeiro, está demorando a sair. Ao que parece, editor (Simões) e editado andaram se desentendendo por questões financeiras. *** Um livro de poesia com tiragem de sete mil exemplares é uma proeza digna de nota. Proeza tal pretende realizar o jovem poeta Soed Castro Chamma, com o próximo lançamento de seu livro "Poder da Palavra". *** "Para Todos" breve mudará de feitiço, adotando o de revista (como, por exemplo, "Temps Moderns", em França, ou mesmo "Clã", no Ceará). Não mais será endereçada ao grande público, mas a um público mais especializado. Por outro lado, e por isso mesmo, apresentará ensaios, estudos, livros completos, em cada edição. *** O poeta e contista Homero Homem é o novo secretário da revista "Leitura". *** Dentro de alguns meses mais, a Cruzeiro estará apresentando a imensa "História da Lite-

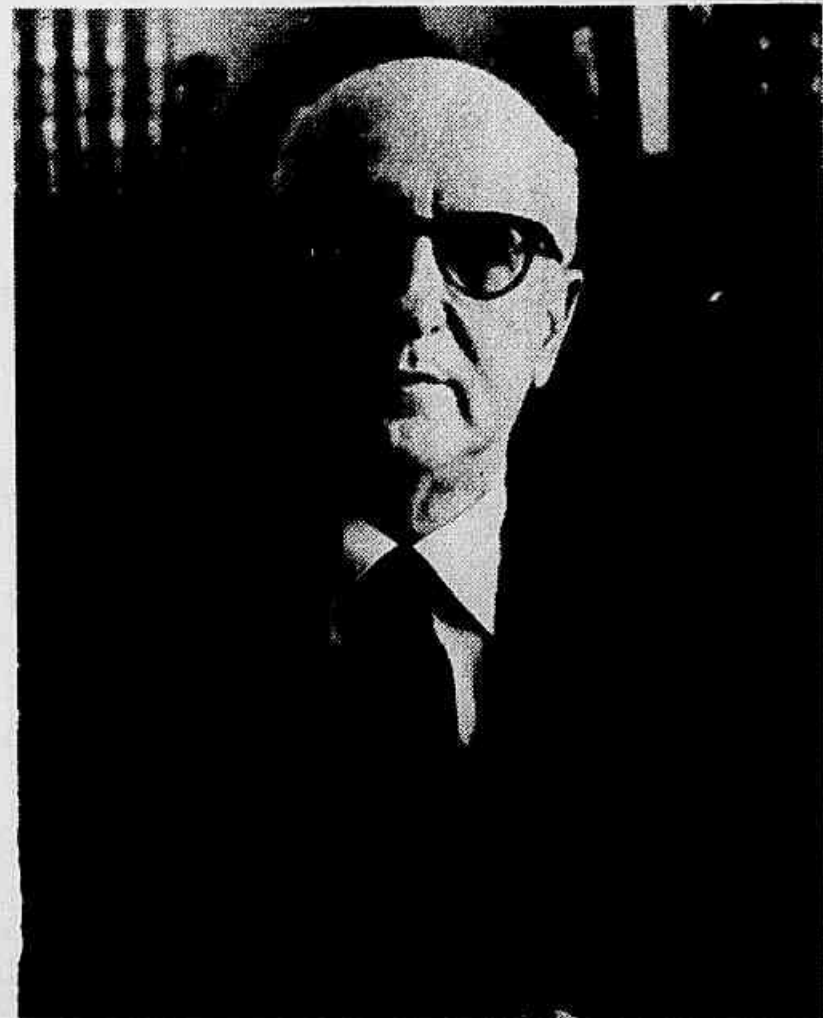
ratura Ocidental", de Otto Maria Carpeaux. Mas só o primeiro tomo da obra, que se comporá de cinco, no mínimo. *** O romancista José Condé, que já havia terminado seu novo livro — "Um Ramo para Luíza" —, reescreveu vários capítulos do mesmo. Assim, o lançamento do trabalho, que teria lugar em Caruaru, em dezembro próximo, terá de ser adiado. *** Ainda repercutindo da maneira mais favorável o lançamento, pela José Olímpio, da "História dos Fundadores do Império do Brasil", de Octavio Tarquínio de Souza, obra de excepcional importância. *** Com a liberação da obra de Machado de Assis, as editoras se preparam para lançar volumes e volumes contendo o que de melhor escreveu o autor de "Quincas Borba". A Aguilar por esses meses lançará, num volume, as "Obras Escolhidas" de Machado de Assis.



Casaes Monteiro.



José Condé.



Octavio Tarquinio.

AS NOTÍCIAS

Pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, orientado por Simeão Leal, sairão, brevemente, diversos livros relacionados com as Artes Visuais: "Bruno Giorgi", por Dante Milano; "Sugestões para a Crítica de Arte", de Helmut Oungerland; "Cerâmica dos índios Karajá", de Darcy Ribeiro e Hans Mann; "Espírito e Forma", de Mário Pedrosa, etc. *** Convidado pelo Presidente do "Centre National de Recherches Primitifs Flamands", de Bruxelas (Bélgica), o colunista, auxiliado pelo restaurador Luiz Carlos Palmeira e pelo fotógrafo Mann, breve estudará as obras de primitivos flamengos existentes no Brasil, e que, ao contrário do que se pensa, são em número considerável: cerca de quinze. O estudo será editado na Bélgica, como parte do grande "Corpus de la Peinture aux Anciens Pays-Bas", que o Centro vem lançando, há anos, sempre sob a orientação do grande restaurador Paul Coremans. *** O pintor Quaglia foi à Bahia, votar no escultor Mário Cravo. *** O pintor Ivan Serpa breve estará chegando ao Rio, de volta da Europa: não se deu bem, por isso tendo regressado, assim interrompendo a fruição do ambicionado prêmio de viagem ao estrangeiro que conquistou no Salão Moderno de 1957. *** O colunista esteve há dias visitando a capela de N. Senhora do Destêrro, em Sepetiba — obra tombada no Patrimônio Histórico. O vigário pintou altares, "restaurou" pinturas, rebocou paredes e tetos, tudo por sua conta e risco; cenas de milagres, pintadas, foram serradas ao meio, para servirem de calços (a capela está sofrendo "mas sofrendo, mesmo" uma completa reforma). Se isso acontece no Distrito Federal, a hora e meia de trem, o que não estará acontecendo, digamos, no estado de Mato Grosso?... *** No dia 13 foi inaugurado o "Salão A Mãe e a Criança", da Legião Brasileira de Assistência. *** Encerrada em S. Paulo a mostra concreta de Lygia Clark (pintura),

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

Salão Nacional de Belas Artes (Museu Nacional de Belas Artes, desde 6 de outubro) — Obras de pintura, escultura, gravura (no significado tradicional do vocábulo), artes gráficas e decorativas, todas de orientação acadêmica, ou passadista, constituem esse Salão Nacional de Belas Artes de 1958. As coisas melhores ainda estão na seção de Pintura: trabalhos de Bandeira de Mello e A. Ianelli, por exemplo; a Escultura está mal, péssimamente representada; a gravura não tem a mínima importância; as artes decorativas são de estarrecer, um Ruy Barbosa formado por um côco da Bahia, um Santos Dumont cujo corpo é uma hélice, e outras gracinhas (acadêmicas) de igual tom. Pobreza absoluta de imaginação. A inauguração foi bastante concorrida. Compareceu Miss Santa Catarina, cujo Retrato, de autoria de J. Brandão, acha-se exposto na mostra anual. Há quem diga que o prêmio irá para o senhor Euclides Santos, embora exista quem deseje vê-lo atribuído a um pavoroso trabalho do pintor Scheffel, representando índios, numa praia, embasbacados com o tiro de Caramuru...

Arte Popular Brasileira (Escola Nacional de Belas Artes, até 15 de outubro) — Cerâmicas de Vitalino e Severino, o "Boi de Mamão" de Santa Catarina, ex-votos, Exus, trajes típicos de couro, do vaqueiro do Nordeste, e toda uma vasta coleção de literatura de cordel, constituíram essa mostra, pitoresca e amplamente visitada.

Arte Decorativa Finlandesa (Museu de Arte Moderna, desde 9 de outubro) — Um bem selecionado e extenso conjunto de peças decorativas, devidas aos artistas finlandeses. Exposição organizada em combinação estreita com a Embaixada da Finlândia no Brasil.

Anna Letycia (Clube Ginástico Português, desde 10 de outubro) — A gravadora Anna Letycia, ainda esse ano contemplada com o Prêmio de Viagem pelo Brasil, do Salão Moderno, expõe na Galeria do Clube Ginástico Português. É, essa, sua segunda individual de 1958: a primeira, fê-la na Galeria Gea, em julho. Apresenta gravuras e pastéis, alguns já conhecidos. O que a caracteriza, além de uma técnica primorosa, é um elevado sentido poético que busca extrair das coisas e dos seres — mormente das coisas pequeninas e dos seres pouco perceptíveis, que fixa em suas obras com minúcia e com amor.

Lothar Charoux (desenho) e Franz Josef Wissmann (escultura). *** Ao que parece, não virão ao Rio os mosaicos de Ravenna que estiveram expostos no Museu de Arte Moderna de São Paulo, por ocasião da visita

do Presidente da Itália ao Brasil. É pena. *** Encerrou-se a 13 o Encontro Internacional de Arquitetos, promovido pela UNESCO e pelo IBECC, e levado a efeito no Rio, em São Paulo e Brasília.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON Nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON Nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, e eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BEL-HORMON



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 — Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON» Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 150.00

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15.00

APRENDA

A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ

DOIS E UM
GUARACHA

BOLERO

MARCHA

RUMBA

SWING

SAMBA

TANGO

MAMBO

BAIÃO

CHORO

VALSA

FOX



em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120.00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.



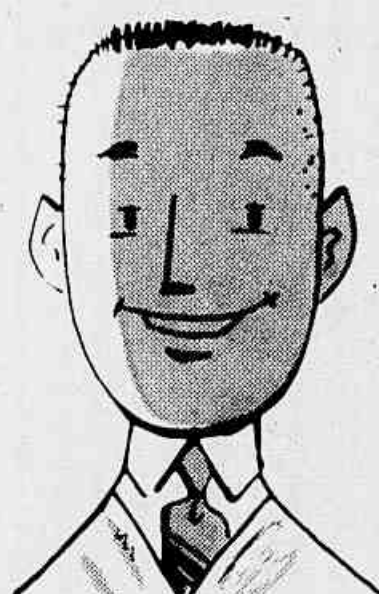
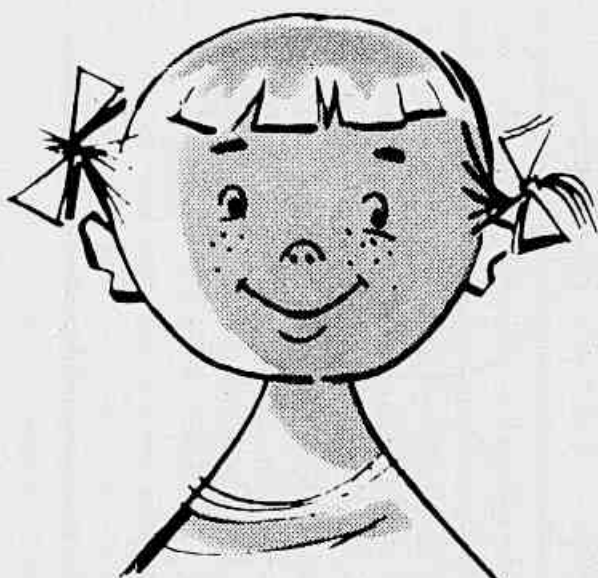
A ORDEM AGLA-AVID PRECISA DE SUA AJUDA

CRIADA HÁ ONZE ANOS, funciona no Rio de Janeiro a Ordem Mística Espiritualista Agla-Avid, sob a direção da Irmã Yarandasã. Os objetivos principais desta Fraternidade consistem em dar conforto espiritual, abrigo e educação aos necessitados. A escola da Ordem atualmente reúne 330 crianças desamparadas em um semi-internato, fornecendo-lhes ainda alimentação diária.

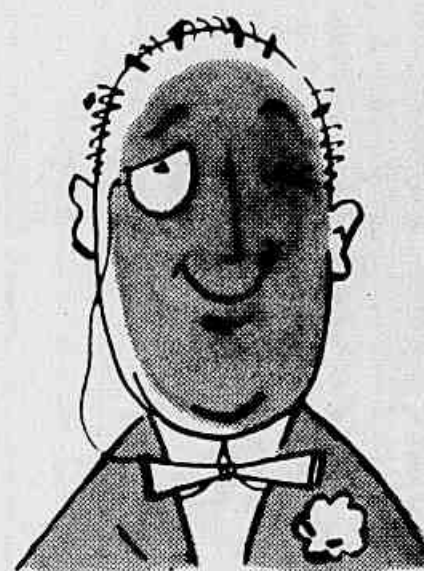
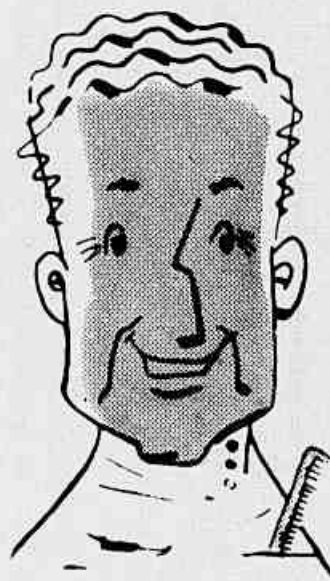
Da mesma forma são cumpridos programas de distribuição de roupas e viveres, de socorro hospitalar e assistência social. Cabe à Ordem alimentar, por dia, dez pessoas desvalidas, orientar espiritualmente cerca de 800 membros, dar

ajuda financeira àqueles que se encontram em maior penúria e indicar locais de trabalho aos desempregados. Sem ter recebido ainda a subvenção que lhe foi votada pela Câmara Municipal, a Ordem Agla-Avid vem lutando com as maiores dificuldades para prosseguir em suas atividades filantrópicas. Para contorná-las, foram criadas presentemente algumas campanhas visando granjear novos benfeitores e membros e levantar fundos para a construção de um Colégio infanto-juvenil. São ainda realizados periodicamente festivais e reuniões sociais de caráter beneficente, que mantêm ativa a Benemérita Ordem e que a auxiliam a concluir seus elevados propósitos para o bem estar humano.





O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

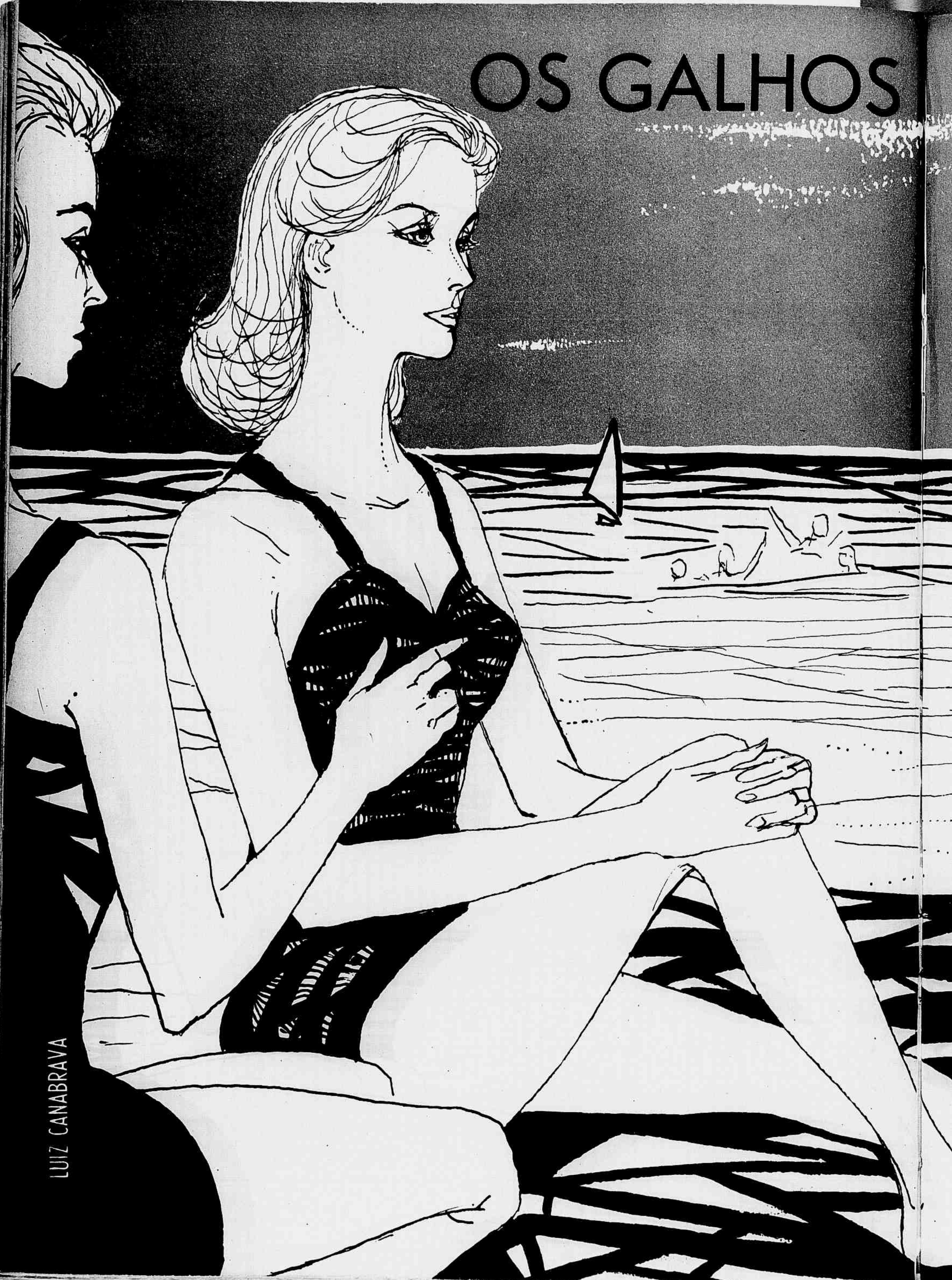
PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!

OS GALHOS

LUIZ CANABRAVA



DO CEDRO

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD

BRANCA E IMENSA é a praia do Ôlho-d'Água, virgem ainda dos beijos da civilização. Apenas num trecho da colina que a limita, ergue-se um grupo de casas de veranistas, mas no infinito lençol de areia alva e dura, banhada pelo mar selvagem e cinza, vêem-se somente uma ou duas barracas de palha, combinando com a paisagem rústica, onde caboclos preguiçosos vendem frutas e água de côco. Dunas de areia branca e fôfa reverberam ao sol ardente, um riozinho tímido, o Pimenta, desemboca no mar, num dos extremos da praia.

Durante a semana é quase deserta, porém nas manhãs de domingo, movimenta-se cheia de banhistas, cortada de automóveis, caminhões com excursionistas e motocicletas que deslizam velozes, até bem próximo ao mar, numa pista natural mais resistente e perfeita do que qualquer estrada de asfalto.

Jasmina adorava o Ôlho-d'Água. No Líbano raramente tivera oportunidade de usar maiô. Gostava da sensação de sentir o corpo seminu na roupa de banho moderna, moldando-lhe as belas formas, douradas de sol, acariciadas pelo vento constante da praia colossal.

Nesse domingo luminoso, o Ôlho-d'Água encontrava-se excepcionalmente concorrido. Ela viera com Oscar, Lino e as famílias das duas primas casadas, lamentando, no íntimo, a ausência de Sérgio.

De repente observou no rosto calmo de Sandra, traços de indignação surpresa. Sandra acotovelou o marido, o marido alertou o grupo e todos viram espantados que Sérgio caminhava pela orla do mar, enlaçando, com uma cara vagamente cínica, uma loura vulgar de exuberantes curvas. A mulherzinha ria feliz, contente da confiança que ele lhe dava.

Sandra estourou:

— Mas não é possível que Sérgio tenha coragem de trazer essa meretriz para o Ôlho-d'Água, domingo de manhã quando aqui estão tantas famílias! E sabendo ainda por cima que nós estaríamos aqui! Isso é resultado da complacência de vovó com ele. Ele não respeita ninguém!

— Esse sujeito é louco! — concordou Oscar. — Parece que tem prazer em escandalizar, em irritar a gente. Tio Samir e tia Georgette vão ficar danados. Com tanta praia por aí afora, porque cargas d'água havia de vir exatamente para aqui? Está gozando a nossa raiva. Hoje vou-lhe dizer umas verdades. Reparem como todo mundo olha, principalmente o pessoal da colônia. Amanhã vão encher os ouvidos de vovó e a coitada vai se amolar sem necessidade alguma. Jasmina já não ouviu os outros comentários, sentindo uma incomensurável raiva a perturbar-lhe a mente. Percebera que a bravata de Sérgio, aquela infantilidade em desafiar os preconceitos locais, fôra feita com intenção de humilhá-la, por ter-se mostrado indiferente ao seu gesto de aproximação ao dançarem juntos na véspera. Ela e ele sabiam, sentiam no âmago de seus corações que, embora tratando-se com estudada camaradagem, existia entre ambos um laço cada vez mais apertado, aproxima-



Pela primeira vez, teve Nabira esperança de casar os netos.

de-os Sérgio não exibia a amante ordinária com o fito de irritar a família ou escandalizar a sociedade, mas unicamente para feri-la, humilhá-la.

Antes de perceberem o que ia fazer, correu ao encontro do par, com um sorriso despreocupado desenhando-se fingidamente no rosto corado pelo sol:

— Alô, Sarkis! Inda non tinha visto você na praia. Pensei que non gostava de cete merveille.

Sérgio parou estupefato. A mulherzinha pôs uma cara de quem se decidira a dar um "show", se a "carcamana" se metesse com ela.

Mas, havia tanta ingenuidade na face de Jasmina, esperando o rapaz apresentá-la a companheira, que a loura chegou mesmo a rir.

Sérgio descontrolou-se por instantes, porém depois empregou um de seus recursos preferidos — o cinismo. Falou baixinho como quem conta um segredo tôlo a uma criança:

— Jasmim do Cabo, volte para junto de sua guarda de honra. Nós não somos companhia para você. Não vê que o "público" está horrorizado com esta cena?

Jasmina olhou à volta e fingiu perceber naquele instante, a realidade da situação. Seu rosto de atriz demonstrou uma leve surpresa, mas sem que a esta se misturasse a mínima parcela de indignação. Riu de modo brejeiro e piscou para Sérgio, sacudindo divertidamente a cabeça:

— Sarkis, vous ête un enfant terrible! Chi! Sandra serra furiose! Até logo, divirta-se com sua... petite amie.

Voltou correndo, como viera, para junto dos estupefatos primos.

As mulheres pergutaram-lhe se era louca, se não compreendia que a companheira de Sérgio era uma prostituta, se não bastava um maluco na família.

Lino e Oscar estavam indignados. Oscar ingenuamente defendia-a:

— Mas como ela ia saber minha gente? Como adivinhar que Sérgio passaria por nós com essa fleugma irritante, com o diabo de uma vagabunda dessas? Jasmina não entendeu o que dissemos quando os vimos.

Jasmina calmamente esclareceu-lhes o por que da atitude tomada. Disse-lhes que percebera tudo de princípio mas quisera dar uma lição em Sérgio. Ele elaborara malignamente o plano sórdido, imaginando embasbacá-los com a sua audácia. Quis mostrar-lhe que, pelo menos nela, a estúpida encenação não surtira efeito. Gostaria mesmo que Lino e Oscar contassem a ele que também fizera uma cena na praia, fingindo-se de tôla, pretendendo ignorar quem era sua oxigenada companhia.

Fitaram-na mais espantados do que nunca. Sômente Oscar achou que Jasmina havia feito bem em dar uma lição ao cretino do Sérgio. Quando o idiota chegasse em casa, contar-lhe-ia da caçada da prima. Sandra sentiu-se tão chocada e furiosa que propôs e conseguiu, graças à sua insistência, o imediato regresso à cidade. Estava louca para chegar ao sobrado, bem antes da hora do almoço e contar aos pais, aos tios e à avó, o fato desagradável. Quando Sérgio chegasse por sua vez, sua cama estaria feita, arrumada com um colchão de intriga e lençóis de indignação.

Para Sérgio, o tiro saiu pela culatra. Os resultados de "sua drástica providência" não o divertiram nem entusiasmarão. Encontrou uma nova Jasmina na pujança de sua beleza perfeita, marcada pelo maiô. E fria e divertida como sempre. Descarregou a ira em Maria, dizendo-lhe que se rebojava de mais. Chegou à conclusão de ter criado para si uma situação ridícula e inútil. A avó se zangaria quando soubesse do seu ato impensado. O célebre almoço de domingo não seria nada agradável. Precisava revestir-se de absoluta calma, para enfrentar a clã reunida.

Só Nabira não se aborreceu com os acontecimentos. Com aguda percepção descobriu o que havia atrás dos atos de Sérgio e Jasmina. Pela primeira vez teve esperança de seu sonho em casá-los, realizar-se. Criaturas indiferentes não se ferem nem abespinham. A satisfeita fisionomia da velha aborreceu a parentela. Sâmia disse a Georgette:

— Teu filho é doido assim, porque tu e Samir sempre tiveram medo dele. Ele precisava era de ter apanhado mais quando criança. Mas que nada, tudo aqui era Sérgio, Sérgio. "Martame" também não via mais ninguém no mundo.

— Ora Sâmia, cada um tem seu gênio. Quantas vezes eu castigava Sérgio? Não castigava mais porque "martame" não deixava. Não tenho culpa dela querer mais bem dele do que teus filhos. Isso é despeito. Também não acho assim tão horrível o que ele fez. São coisas de rapaz. Se fôsse Oscar que fizesse, tu não reclamavas.

— Oscar! Oscar nunca faria uma coisa dessas! Quem dera que Sérgio tivesse a cabeça no lugar como Oscar. Lino é que te salva, com ele é que tu vais poder contar quando ficares velha. Sérgio vai ser sempre um doidivanas. Coisas de rapaz! Um homenzarrão de vinte e oito anos feitos!

Nabira interrompeu-as:

— Xente non se vai estraga o almoço de domingo. Praquê discutir o passado? Praquê, lê? Hoje é noite ieu fala cum Sérge. Ele non faz as coisas de maldade, faz de brinquedera.

— Brincadeira! Tudo que Sérgio faz está muito bem para a senhora. Georgette pensa que tem mais direitos aqui do que eu, só porque é mãe dele.

— Lê, non gosto de discusson no almoço de domingo. Só de alegria.

As cunhadas calaram-se ainda irritadas. Jasmina refletiu no estranho fenômeno ocorrendo no sobrado: seria mais normal se Georgette e Sâmia se unissem contra Nabira. Geralmente as noras aliam-se contra a sogra, ainda mais sendo esta absorvente, prepotente. Era estranha a habilidade daquela mulher inculta em conseguir o respeito absoluto, o amor imenso dos seus, mesmo o das noras, sem curvar-se, sem bajular ninguém, sem ao menos fingir-se equitativa na divisão de seus afetos. Quem sabe, Jasmina pensou, era justamente a inata franqueza de Nabira, a sua coragem em ser o que era, de demonstrar seus sentimentos em qualquer circunstância, que a faziam assim, inapelavelmente amada? Amam-se as crianças porque são espontâneas. Nabira que trilhara as árduas estradas da vida sem aprender a fingir, era um apêlo vivo ao amor e à admiração dos seus. A humanidade hipócrita, venera, paradoxalmente, sinceridade.

Esperavam Sérgio para servirem o almoço. Ele chegara da praia e vestia-se em seu quarto, onde o irmão e o primo foram procurá-lo. Havia forte tensão no ambiente e era ótimo que nesse domingo não houvesse convidados. Apenas, a grande clã.

Nabira supunha, um tanto contrariada, que Oscar e Lino haviam ido procurá-lo para criticá-lo acerbamente. Samir e Georgette armavam caras feias para recebê-lo. Jasmina continha o riso certa de que, nesse instante, os dois rapazes contavam-lhe da presença de espírito com a qual decidira rapidamente enfrentá-lo na praia, fingindo-se primeiro ingênua, depois compreensiva.

A tensão era pesada, quase palpável. Mesmo as crianças sofriam as consequências. Sâmia irritava-se com os netos levados, chamando-os de esfusites e tric-fogo. Um dos menores parou de frente dela com as mãozinhas rechonchudas, firmes na cintura gorda e tatibitateou:

— Vovó hose tá impicante.

Sâmia indignou-se:

— Vocês estão vendo como este fedelho está ficando apistolado? Puxa, parece que em cada geração dessa família tem de ter um arrebeta peia!

Abdo achou graça:

— A série dos arrebeta-peias começou com mamãe. Bem que ela deu trabalho a vovó Adma.

Sâmia ia pondo o garotinho de castigo quando Sérgio, Lino e Oscar entraram na sala. A tensão chegou ao auge e ela esqueceu de puni-lo.

Samir interpelou o filho:

— É moda agora, passear com prostitutas na Praia do Olho-d'Água?

Sérgio, sem se lhe alterar a fisionomia, respondeu-lhe que não dera nenhum escândalo. Eles é que eram cheios de preconceitos.



Deviam ser liberais e modernos como a prima Jasmim do Cabo que, muito cordialmente, fôra falar com êle e Maria.

Georgette suspirou :

— Você é um caso perdido, meu filho. Ainda caçoa ! Sua prima também fêz mal em ter descido de sua dignidade para dar confiança a você.

Sérgio procurou a avó com os olhos e admirou-se do seu ar divertido. A velha sempre o surpreendia ! Depois, foi sentar-se ao lado de Jasmina, segredando-lhe :

— Você é uma artista formidável ! Tenho pena do seu futuro marido, pois nunca poderá ter certeza de sua sinceridade. Eu, por exemplo, estou numa dúvida. Quem sabe, gostou que eu a apertasse ontem à noite em meus braços e fingiu que não ? E hoje também não posso saber se foi por brincadeira ou... ciúmes que foi falar comigo na praia...

Levantou-se antes de ela lhe responder. Jasmina enfureceu-se : "como era cínico e vaidoso !"

Georgette providenciou rapidamente o almoço. Quanto mais depressa acabasse e a família se dispersasse para a sesta, melhor.

Foi menos divertido do que era comum e... numa ironia, somente Nabira e Sérgio pareciam plenamente satisfeitos, contando histórias, rindo a cada instante. Quando deixaram a mesa, Sâmia murmurou para o marido :

— Você viu ? Não aconteceu nada. Por isso que Sérgio faz o que quer. "Martame" é até capaz de dar um prêmio para êle. Eu me admiro, nem parece que ela queria que casasse com a neta.

Antes de se separarem para o repouso da tarde, Jasmina comentou :

— Sabem que terrei muitas saudades dos domingos aqui ? Me lembro que só tenho mais três. Vovó me disse que na semana próxima, vai trata de passaporte.

— Eu acho loucura mamãe ir com você. Não está mais em idade para essas coisas.

Sérgio discordou do pai :

— Nada disso, vovó está dura como um rochedo. Depois, Jasmim do Cabo vai tomar conta dela direitinho e, remetê-la de avião, com todo cuidado.

Nabira não fêz comentários. Riu.

Dispersaram-se.

Ao fechar a porta do quarto, Sérgio bateu-a com raiva. A pretenso serenidade de seu rosto, transformou-se em máscara de ira :

"então, Jasmina pretendia caçar dêle ? O diabo da prima tinha um contrôlo, uma rapidez fabulosa de raciocínio ! Como pudera arquitetar em segundos, a cena da praia, cumprindo-a com perfeição, ousando pedir a Oscar e Lino para dizer-lhe que ela se divertira, enfrentando-o ?"

Despiu a camisa, atirou-se na cama e deu um sôco no travesseiro : "quase esmurrara Oscar quando êle lhe contara a história. Dificilmente se controlara tentando parecer indiferente. Jasmina bulia-lhe com os nervos. Tinha vontade de beijá-la com loucura, de bater-lhe. Ansiava pela mais pequenina prova do seu interesse por êle. Mas, se às vezes se iludia, achando existir uma recíproca atração entre ambos, era muito tênue tal ilusão. Como poderia amá-lo se, com absoluta calma, fugira de seus braços na véspera, se raciocinava depressa, sem a menor emoção a perturbá-la, ao vê-lo com Maria. Naturalmente ria-se agora, da pretensiosa insinuação que lhe segredara antes do almoço. Só lhe dissera aquilo, movido pela raiva, o despeito..."

Furioso, virou-se de papo para o ar : "porque diabo a avó mandara buscar no Líbano aquela criatura para lhe atazanar a vida ? Mulher alguma o preocupara antes, mulher alguma o ferira, o humilhara. Viera estragar-lhe a vida e regressaria calmamente, deixando-lhe um travo de derrota na alma. Ah ! Quanto desejava vê-la louca por êle, curvando-se aos seus caprichos e à sua vontade ! Três domingos, ela dissera. Três semanas apenas para vencê-la ! Estúpido, teria de se conformar com a realidade — Jasmina partiria lembrando-se dêle tanto quanto de Lino e Oscar, contente por voltar à sua vida de estudos e divertimentos. Talvez contasse ao pessoal, lá no Líbano que dos primos do Brasil, o menos simpático, porque era metido a gostosão e arrogante, era o mais velho, o Sarkis. Que prazer idiota sentia se ela o chamava assim, quando não permitira à avó, usar tal nome. Jasmina o amolecia, o irritava... Três domingos. Três semanas. Depois, não mais Jasmina enchendo o casarão de encantadora expectativa. E nem ao menos a avó ficaria para confortá-lo. Diabo. Droga. Maldita hora em que a velha pensara em mandar buscá-la..."

E os pensamentos iam e vinham, brincando de pegador-pic-pegador. A sesta não era sesta, era tormento.

Jasmina fechou-se no quarto, mas não se deitou. Debruçou-se a uma das janelas guarnecidas de cortinas de labirinto, nas quais as ninfas de mãos dadas continuavam bailando ao ritmo do vento.

(Continua na pág. 38)



Compete ao S.N.I. informar os portugueses dos projetos do Estado, e informar os estrangeiros do que é Portugal na sua totalidade.

OUVINDO O SECRETÁRIO DO S. N. I. DE PORTUGAL



Mostrar os reais valo
uma das tarefas do Ser

- PRECISAMOS INSTITUIR UMA "FRETE ÚNICA" LUSO-BRASILEIRA

FERNANDA REIS

Enviada especial da REVISTA DA SEMANA — Via Lufthansa.

O SECRETARIADO NACIONAL de Informação (SNI) de Portugal é hoje, para a atividade do Estado e nos grandes setores da vida nacional — abrangendo não só os seus aspectos culturais, artísticos e turísticos, mas os econômicos e sociais — um organismo de orientação e ação indispensáveis, cujo conhecimento se torna necessário divulgar além fronteiras.

No Brasil o S.N.I. carece de ser compreendido na sua grande obra realizada e nos seus programas e objetivos. Nesse intuito fomos procurar ouvir o Secretário Nacional de Informação, dr. Moreira Batista, no seu gabinete de trabalho no belíssimo Palácio Foz. O atual diretor do S.N.I. veio da Presidência da Câmara Municipal de Sintra, onde marcou pelas suas diretrizes firmes e desassombradas. Fêz dessa encantadora e incomparável vila um centro internacional de turismo. Conhecedor que é de todas as possibilidades e dificuldades da palavra turismo, quer em Portugal quer no estrangeiro, o dr. Moreira Batista trabalhou incansavelmente nesse espinhoso assunto — que abrange tantas e tão diferentes modalidades — e, na realidade, ninguém melhor do que o meu entrevistado de hoje, para exercer o alto cargo do importante departamento do Estado onde o venho encontrar.

— Poderá V. Exa. sintetizar a diretriz que está imprimindo ao S.N.I.? Ela continuará o pensamento de Antônio Ferro? Presentemente novos horizontes se abrem à sua ação?

— Antônio Ferro foi o primeiro Secretário Nacional de Informação. Este organismo cresceu e desenvolveu-se de acordo com as suas idéias, as suas predileções de espírito, os seus gostos. Ainda muitos dos seus atuais funcionários do SNI foi ele quem os escolheu. Errado andaria, pois, o Secretário Nacional de Informação que julgasse poder caminhar, ignorando a herança, a lição de Antônio Ferro, o selo com que ele soube marcar este organismo para sempre. Mas não se pode também esquecer que Antônio Ferro, por sua vez, obedeceu a determinadas diretrizes, que se mantêm as mesmas; as que Salazar deu a Antônio Ferro são ainda hoje e sempre as que nos norteiam — informar com a ver-

dade, repudiar a propaganda pela propaganda, não ter a preocupação de deslumbrar os que vêm conhecer-nos, mostrar sistematicamente, a-par do que se fêz, tudo o que por qualquer motivo ainda não foi possível fazer. Por tudo isto manter-nos fiéis ao pensamento de Antônio Ferro é, afinal, continuarmos fiéis ao pensamento de Salazar.

Não variaram, portanto, os objetivos do SNI, nem tinham que variar. Cabe-nos apenas informar: informar os portugueses de quanto o Estado vai executando e de quanto projeta executar; informar os estrangeiros do que é Portugal, na sua totalidade. Somos, assim, simultaneamente, um organismo político e um organismo apolítico: um organismo político, na medida em que informamos os portugueses da marcha e dos resultados de uma política; mas também um organismo apolítico, na medida em que temos por preocupação mostrar aos estrangeiros o Portugal de todos os portugueses e os valores reais de todo o Portugal.

Têm-nos até por vêzes criticado, temos sido acusados de não olharmos às cores políticas, quando escolhemos um pintor ou um escultor para contribuir com os seus trabalhos para a beleza de um "stand" ou de um pavilhão de Portugal no estrangeiro, ou quando chamamos determinado escritor ou determinado jornalista para nos darem a sua cooperação em qualquer das nossas edições. Creio, porém, que sob este aspecto, se erro é, continuaremos a errar.

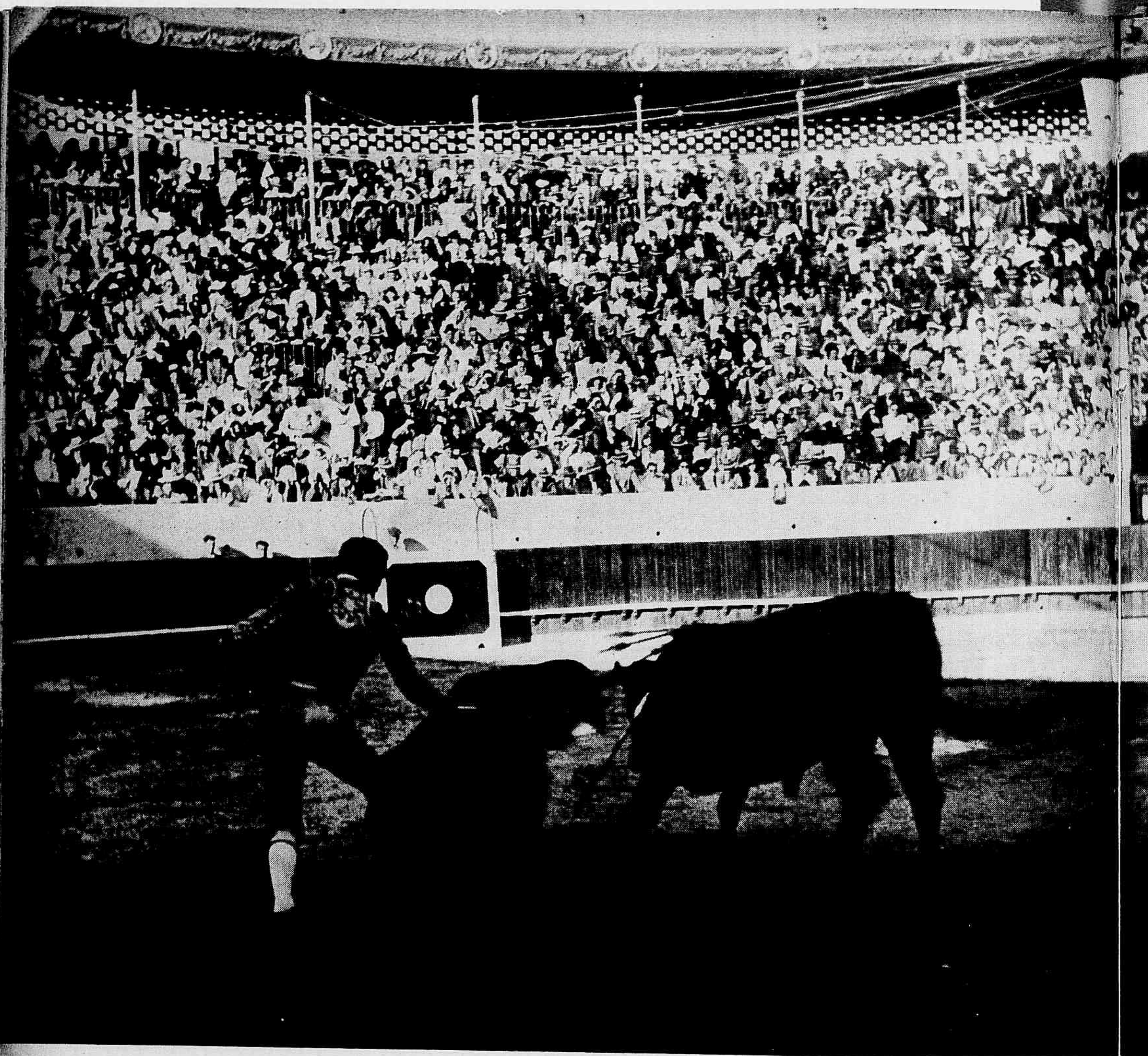
Novos horizontes? Todos os dias se rasgam diante dos nossos olhos novos horizontes — é imensa e cada vez mais absorvente a tarefa a realizar.

Portugal é um país que interessa ao mundo livre, sob os mais variados aspectos. Aliás, nem só ao mundo livre, como sabe; não é em volta das fronteiras do nosso país que se ergue a Cortina de Ferro. A congressos científicos realizados em Lisboa, a festivais de música, a iniciativas de caráter desportivo como ainda agora o Campeonato de Caça Submarina concorrem tanto os países livres



res de Portugal aos estrangeiros, sua beleza e seu pitoresco é viço Nacional de Informação.

No Serviço Nacional de Informação, continua Moreira Batista a administrar a "herança" de Antônio Ferro.



Intercâmbio turístico entre Portugal e Brasil ? Sacrilégio ! Não

como os situados para além da Cortina de Ferro. E, se a isto é que se chama liberal, pois bem, não há dúvida que somos liberais...

— Julga útil e possível um intercâmbio turístico com o Brasil, ligando o SNI com os organismos brasileiros ?

— Sabe, há qualquer coisa de sacrilégio nisso de "intercâmbio turístico" entre Portugal e o Brasil. É que não pode haver intercâmbio turístico entre irmãos; são visitas de família; as que fazemos uns aos outros.

Quando vamos ao Brasil, somos recebidos de braços abertos. Quando os brasileiros vêm a Portugal, é também de braços abertos que os recebemos.

Mas, para que seja cada vez maior o número de brasileiros que venham a Portugal e mais alto o número de portugueses que vá conhecer o Brasil, tôdas as combinações, todos os arranjos, todos os acordos contam, antecipadamente, com o nosso entusiasmo, com o nosso aplauso, com o nosso apoio.

— Dada, neste momento, a necessidade de estimular as importações de produtos brasileiros que Portugal pode e deve adquirir

(cito, por exemplo, o tabaco, o fumo como lá dizem) para que se animem as trocas dos dois países, — como há dias disse o sr. embaixador de Portugal no Rio — não poderia o SNI concorrer para a propaganda desses produtos por meio de exposições, etc., nos nossos mercados principais e nas províncias, com a colaboração dos organismos de importação e da Seção do Comércio com o Brasil, da Câmara do Comércio de Lisboa e com o interesse da Embaixada do Brasil e do Escritório de Propaganda Comercial do Brasil, em Lisboa, superiormente dirigido pelo dr. Fanor Cumplido ?

— Tudo o que se fizer em Portugal para tornar mais conhecido o Brasil pode contar, antecipadamente, com a nossa boa vontade, ainda que a nossa missão seja sobretudo — não o esqueça — tornar Portugal mais conhecido no Brasil. Mais conhecido, simplesmente, porque mais estimado do que é já não pode ser, creio. E também creio que se aproxima um dia em que perante o mundo, no qual predominam hoje outros valores morais, outras concepções de vida e até de estética, talvez haja a conveniência de aparecemos não separados — como



pode haver intercâmbio turístico entre irmãos. Sim, visitas de família.

separados, por exemplo, estamos agora, na Exposição de Bruxelas, o Brasil junto do México, Portugal junto da... Iugoslávia — mas lado a lado, de mãos dadas, como duas nações que efetivamente uma à outra se completam. Aliás, e uma vez que me falou de produtos brasileiros, permita-me que saia do meu pelouro — que não é, positivamente, esse — para lhe dizer que também um dia talvez os economistas de ambos os países concluam que a melhor maneira de defender nos mercados internacionais determinados produtos que são comuns aos dois será constituir como que uma “frente única” luso-brasileira. Entretanto, bom é que Portugal prefira o Brasil a outros mercados para se abastecer do que não se produz ou produz escassamente — e bom é que o Brasil não troque por outros mercados europeus de vinhos, de azeite, de frutas secas, o tradicional mercado português. Mas — como lhe disse — esse não é o meu pelouro. Se, em vez de me falar em fumo, me tivesse falado antes de livros, por exemplo, é claro que me teria sentido muito mais à vontade para lhe responder.

O dr. Moreira Batista sorri quando lhe disse:

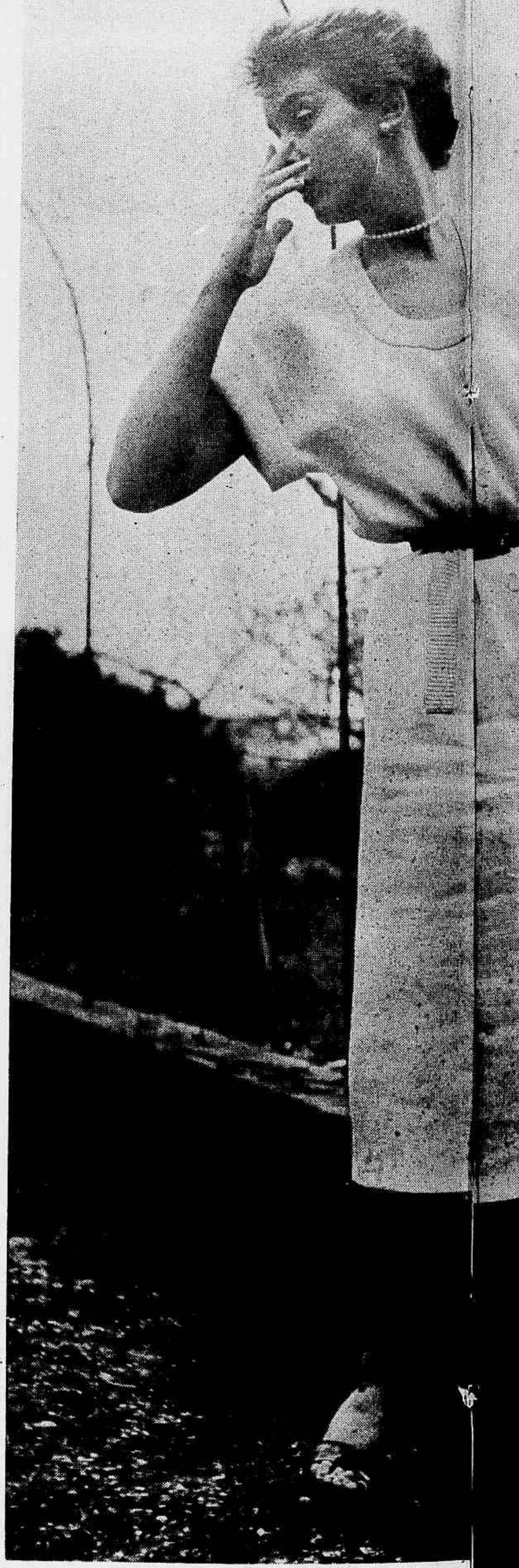
— Seria a pergunta a seguir sr. Secretário Nacional de Informação.

— Desculpe... Mas por agora não me posso alongar mais. E, se vier a publicar esta simples troca de palavras — sempre agradáveis à minha maneira de sentir quando se trata do Brasil — acrescente então, por favor, que esta casa, este Palácio Foz, com as suas salas e com os seus serviços, está sempre com as portas abertas, mas bem de par em par, para todo o brasileiro que chegue a Lisboa.

Ao despedir-me do dr. Moreira Batista, dinâmico Secretário Nacional de Informação de Portugal, entravam no seu gabinete o dr. Ramiro Valadão, jornalista, conferencista e político destacado da União Nacional e o meu velho amigo Guilherme Pereira de Carvalho, diretor da revista “Lisbon Courier”, publicada em três idiomas, e que os brasileiros, ao que me consta, conhecem bem. Ambos tiveram palavras de encantamento para com o Brasil que, não há dúvida, — verifico com alegria e orgulho — está no coração de todos com quem falei dele.

FEMININAS

SUGESTÕES



PIERRE CLARENCE, vestido em shantung com enfeites de tricô na gola e bolsos, mangas curtas, decote redondo. Para os dias quentes.



VESTIDO DE LINHO amarelo, decote em "v", plissados e franzidos em toda a volta da saia dando efeito muito original. Criação de Cardin.



BRONZEAR A PELE

OS RAIOS DO SOL são tonificantes para a cutis, mais tarde, porém, deixam certas marcas pouco agradáveis para as mulheres. Por isso, convém tomar certas precauções desde já, antes mesmo de começar os primeiros banhos de sol. Para que a cutis permaneça macia — uma das condições para evitar as pequenas e traiçoeiras rugas — devemos limpar a pele do rosto, pela manhã e à noite, a fim de eliminar todas as impurezas que obstruem os poros.

Com o mesmo tratamento, desembaraçamos a cutis das pequenas peles denominadas mortas, que, igualmente, obstruem os poros e impedem a respiração, por conseguinte, a desintoxicação tão desejada, tão útil para a beleza feminina. É curioso conversar com os afamados especialistas dos salões de Beleza. Não admitem eles, hoje em dia, a existência de moças ou senhoras sem uma bonita e suave cutis do rosto. Quando os motivos em contrário são de origem interna, como provindo do sangue ou do estômago, existem tratamentos especiais e por vezes de rápidos resultados.

Quando o tratamento necessário é de ordem estética, a questão é somente de paciência. Por isso, não se admite, hoje em dia, que ainda haja senhoras com cutis feia. Os especialistas acrescentam e com razão que se a paciente se submeter a um tratamento com várias visitas ao Salão de Beleza o resultado será mais fácil. Em caso contrário, pode-se adquirir todos os produtos com todas as indicações, realizando depois, com pouca despesa mas bastante regularidade e paciência o tratamento em casa.

Nos períodos que precedem o calor e durante o verão, principalmente para as senhoras que costumam ficar muito ao sol, convém tonificar a pele e isso com tenacidade. Convém passar creme à base de lanolina a fim de evitar que a cutis resseque, num ligeiro movimento dos dedos, sempre para cima mas sem repuxar a pele. As pequenas máscaras caseiras são bastante eficazes para lutar contra um começo de rugas: coloque algumas fatias de pepinos nos cantos dos olhos, do lado exterior, nos cantos da boca ou na testa se houver um início de pequenas rugas.

Esse tratamento tonifica e torna lisa a pele. É ainda indicada uma máscara feita de cenoura ralada. Não há necessidade de exagero, uma vez por semana é o suficiente. Quando fizer um desses tratamentos um dia, convém deixar o rosto repousar no dia seguinte pois não se trata de tudo fazer numa semana e depois abandonar tudo. O bom resultado depende da persistência mas também da paciência, da meticulosidade.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



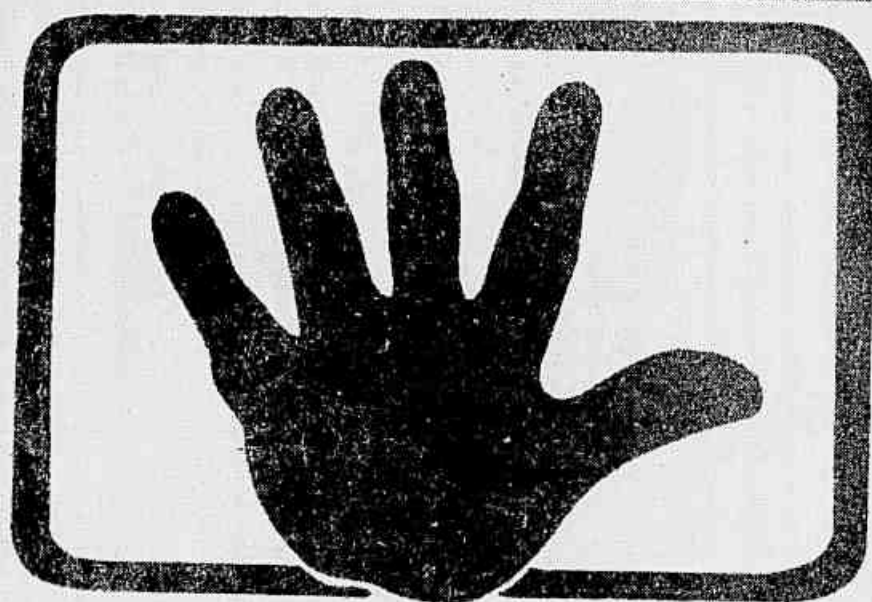
"Mil" lhe oferece:



ALMOFADAS
ASSENTOS VENTILADOS
Cadeiras PARA CRIANÇAS
PALHINHA-COURO-PLÁSTICO

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

OS GALHOS DO CEDRO

(Cont. da pág. 31)

Seu olhar perdeu-se no casario colonial arrematado ao longe pelas palmeiras, depois, na rua triste, mormacenta, vazia, como são as ruas das cidades pequenas, aos domingos após o almoço. A tristeza de tudo estimulou-lhe uma dolorosa saudade. Quando partisse, sabia, levaria uma saudade imensa, muito maior da sentida ao deixar o Líbano. Talvez porque para dessa partida não haveria retorno. Três domingos, três semanas! Como se apegara depressa à sua gente dali! À sua avó que era uma figura muito humana, muito viva. E, tinha de confessar, repentinamente, a si própria, à Sarkis! Amava seu físico despenhado, seus olhos verdes, sua agressividade infantil. Não viera para ele, caçara mesmo dos planos matrimoniais de vó Nabira, mas o primo atraía-a sem remédio e, agora sentia-se tólamamente apaixonada. Ainda não sabia se o bastante para trocá-lo pela pátria, os pais e irmãos, sua vida gostosa e independente lá em Beiruth. Refletiu com amargura que talvez Sérgio nunca lhe pedisse que ficasse, que casasse com ele. E, era demasiadamente orgulhosa para demonstrar-lhe seu amor. Tolice ter feito aquela viagem, ter vindo encher de saudades e tristezas seu coração até então feliz.

Será que ele havia adivinhado um pouco de seus sentimentos? Afinal segredara-lhe a sua desconfiança de ela se sentir feliz em seus braços, na noite anterior. Vaidoso, cínico! Julgava difícil alguém não amá-lo! Sentia-se aflita e confusa. Não tinha certeza do que considerar a sua futura felicidade: regressar, buscando esquecer os três meses de Brasil, ou ficar, unindo-se ao homem que aos poucos a empolgara. Torceu as mãos numa aflição e enxugou quase com ódio, uma lágrima indiscreta. De qualquer maneira sofreria, indo ou ficando. Tolice ter vindo meter-se, sem necessidade, nesse pequeno drama. A culpa fôra da avó Nabira...

O vento levantou bem alto a cortina branca e rendada que a envolveu como se num véu de noiva...

Nabira sentiu vontade de rezar de novo para o tóco de vela e a madeixa de Nassim, como fizera nos seus anos de desespero e afastamento de Deus. O que desejava, o que lhe era extremamente importante, pareceria bobagem, futilidade aos olhos de Alá para Ele se preocupar em ajudá-la. Queria tanto, tanto o casamento de Sérgio e Jasmina! Nassim a compreenderia... Saberia que aquelas bodas teriam para ela, o valor da renovação de suas próprias bodas... Nassim podia pedir a Santo Antônio para interferir, ou então, seu espírito poderia baixar no sobrado, soprando aos ouvidos dos netos, as vantagens daquela união.

A religião da velha era muito complicada: Ortodoxa e Apostólica Romana, temperada de espiritismo e influenciada pelas superstições, trazidas da aldeia libanesa ou aprendidas em suas peregrinações pelo Brasil. Tinha horror de macumba e fazia promessas a São José de Ribamar e São Benedito. Quando as criadas lhe diziam haverem escutado suspiros de Ana Jansem no porão, mandava acender uma vela junto à parede onde se encrustavam as correntes de amarrar escravos.

Nabira abriu o cofre de lembranças e, cerrando nas mãos o tóco de vela e a madeixa do marido, concentrou-se para invocar seu espírito. Rogou em árabe, ardentemente, que a ajudasse na realização daquelas bodas.

A sexta mais feliz foi a de Oscar. Resolveu pedir a avó que, quando ele se formasse em medicina, cumprindo uma de suas raras ambições ainda não realizadas — a de ter um neto doutor deanel no dedo — o mandasse ao Líbano, como prêmio. Então, se ainda gostasse de Jasmina e ela não se houvesse casado, a conquistaria e traria para o Brasil, com a promessa de morarem no Rio ou em S. Paulo.

A tarde correu morna e quieta. Quando a família se reencontrou, não havia vestígios dos pensamentos que atormentaram a um e a outro, no rosto de ninguém. A fisionomia humana é como a superfície de um lago ferida por uma pedra. Estremece, vibra mas retorna depressa à antiga serenidade. Só a velhice marca irremediavelmente a carne.

(Continua)

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 18 de outubro de 1908.

ABRÊ ÊSTE número da Revista, o artigo de F. Mendes Júnior — “Por aqui e por ali”, a propósito da chegada, ao nosso pôrto, do explorador francês dr. Jean Charcot, no seu belo barco “Porquoi Pas?”, com o qual tentará a “difícil exploração do pólo sul”. Diz Mendes Júnior:

“As condições excepcionais desta expedição parecem garantir ao navegador francês um sucesso até agora considerado quase impossível. Diversos têm sido os antecessores do dr. Charcot e até agora nem ele mesmo tem conseguido levar a cabo tão difícil empreendimento. A longa prática do chefe da presente expedição, assim como os cuidados com que se cercou para esta nova tentativa são elementos que devem assegurar desta vez um êxito feliz”.

“Ninguém ignora os perigos a que se vão expor os exploradores e por isso mesmo muito simpáticas são as figuras do chefe e dos seus companheiros que seguem com destino ao ignoto, conscientes das inúmeras dificuldades com que terão de lutar” — diz Mendes Júnior. E prossegue: “A expedição Charcot foi cuidadosamente preparada na Europa, tendo a bordo do seu navio os mais aperfeiçoados instrumentos de que dispõe a ciência moderna para êste gênero de explorações.”

“Uma das novidades interessantes que traz consigo o dr. Charcot, é o **trenó automóvel**, que desta vez substituirá o antigo **trenó** puxado pelos cachorros. Êste **trenó**, construído especialmente para o fim a que se destina, pode fazer face a uma temperatura de 60 a 80 graus centígrados abaixo de zero”.

““Porquoi Pas?” tem, entre outros aperfeiçoamentos, uma magnífica montagem de alambiques especiais para a distilação da água do mar, de modo que não será por falta de água doce que os companheiros do intrépido explorador se verão obrigados a retroceder em meio da jornada. Acompanha o dr. Jean Charcot sua esposa, Mme. Charcot, que desta vez vai aventurar-se aos mesmos perigos a que se exporá seu marido.”

“A atenção que o mundo inteiro — conclui M. Júnior — tem prestado à expedição bem mostra o grande interesse dos diversos povos pela feliz terminação da arrojada tentativa, interesse, aliás, plenamente justificado pelo impulso que a ciência espera dos trabalhos do simpático explorador das regiões glaciais. O Brasil, como os demais povos, seguirá atentamente as diferentes peripécias da viagem do “Porquoi Pas?” e é levando mais os nossos votos de felicidade que o dr. Jean Charcot dentro em pouco estará em águas do pólo sul”.

Acompanham o artigo quatro fotos, apresentando o dr. Jean Charcot, sua senhora e a filha, o iate “Porquoi Pas?” e o trenó-automóvel, especialmente construído para a Expedição de Charcot ao pólo sul.

Duas páginas da Revista são dedicadas às manobras militares — instituídas há alguns anos pelo Marechal Hermes da Fonseca, atual Ministro da Guerra — do exército brasileiro e que — esclarece a Revista — “têm tido um êxito imenso, assim como têm proporcionado às nossas tropas regulares um meio de se exercitarem praticamente na arte da guerra”.

Depois de tecer considerações em torno da utilidade de tais manobras, explica a Revista terem, as dêsse ano, um novo aspecto sôbre as dos anos anteriores, tendo despertado ainda maior interesse pelo fato de dela participarem voluntários especiais, para êste fim destacados.

Dezesseis fotos mostram diferentes fases dessas manobras, vendo-se, em algumas delas, a presença do sr. Presidente da República que foi, pessoalmente, assistir aos trabalhos.

Outra notícia dêste número, é a abertura do salão anual da Exposição de Belas Artes, a propósito de que diz a Revista “não ter primado, desta vez, pela quantidade”. Mas “o júri fêz melhor seleção de trabalhos, que, em sua totalidade agradam”. Entre os quadros citados como os mais expressivos, estão a “Natureza Morta”, de E. Ayres, e

“Luar de Copacabana”, de Luís Christophe. A propósito das senhoritas Cunha Vasco, diz a Revista que suas paisagens aquareladas infelizmente ainda não se libertaram da maneira do professor Treidler, faltando-lhes cunho próprio, original”.

“Da falange dos conceituados — prossegue o artigo — dos que já possuem a conquista do pincel consagrado pelo aplauso dos entendidos, temos a felicitar Angelo Agostini, com os **Engraxates**; João Batista da Costa com a **Copacabana** e o retrato soberbo do dr. Azevedo Lima; as três esplêndidas telas de Barbasan Lagneruela; a agradável tela de Madame Laboriau; o autorretrato de Croti; as já apreciadas produções de E. Latour, exceção feita da **Soror Materna**, que tem graves cochilos de perspectiva no mobiliário; e umas romãs de Augusto Petit, que encheu êste ano as paredes do salão com uma quitanda completa — nada menos de dezoito quadros de frutas”. Diz, deliciosamente, ser Petit “um pintor essencialmente agrícola a quem Pomona deve ficar muito agradecida pelos reclames”.

Quatro páginas de reproduções são dedicadas a esta exposição.

Era assim há cinquenta anos...

O SALÃO DE BELAS ARTES



RETRATO DO AUTOR (Germano Neves).



EURICO, O PRESBYTERO (Magalhães Coelho).

TÔDAS AS TARDES, ao cair da noite, fechava a loja de fazendas e mercearias e descia ao rio, o rio Quanza, muito conhecido em Angola, cujas águas deslizam mansamente por entre paisagens encantadoras.

A casa comercial que então dirigia distava a 70 quilômetros de Catete, vila pacata, onde uma dúzia de portugueses explora o comércio com os indígenas. De vez em quando, lá ia matar saudades, palestrar um pouco com os patrícios (isto para não "sepultar" o pouco português que sabia, porquanto os negros não entendiam patavina do mesmo e europeus ali não havia). Eu, eles e o deserto.

Por isso, quando a noite descia, sentia um prazer íntimo e o rio, sempre tranqüilo, era o único refúgio que me deleitava.

Via as águas espelhantes correr; via a noite cair devagarinho; via o sol agonizar na distância; via as árvores gigantescas envolverem-se no crepúsculo e, por fim, ouvia a voz da selva em hinos variegantes, — bichos selvagens de toda a seita.

E ficava até muito tarde, contemplando a noite, o céu e as estrelas. Oh! As estrelas! Como elas brilhavam, pestanejavam no seu mundo azul, em festa. Depois vinha a lua, pálida, sonolenta, vigiar o rebanho... Isto foi há dez anos. Era então muito moço, sonhador e cheio de ilusões como todos.

— Surprise my friend, surprise! — assim exclamava um dia, ao ver adiante de mim um velho amigo, que acabava de formar-se em Línguas Neo-Latinas, na pequenina e pitoresca capital de Angola: Luanda.

Os cumprimentos, os abraços de filhos para pais ausentes, canecas de cerveja e a conversação.

— Senhor professor, — perguntei rindo — vai lecionar inglês? Se existir vaga para um aluno "extra", pode contar comigo!

Rimos. Nelson era um bom rapaz, alegre, cheio de vida. Ripostou incontinente:

— Prefiro os leigos a marmanhões como você, que por certo não se submeteriam às minhas exigências...

E logo após a conversa sobre mulheres. Sempre as mulheres!?

— Como vais tu e as "quilumbas" (quilumbas quer dizer moças livres, sem compromisso, que aguardam a oferta da "compra") que há certamente por essas zanzalas?

— Aproveitando o que posso. Isto por aqui (para quem goste das quilumbinhas), também tem o seu "que" de divertimento, não obstante a nostalgia aterradora que de vez em quando se nos apossa da alma.

— Puf — fez — eu é que não vivia neste sepulcro nem por todo o ouro do mundo.

— É a vida, meu velho. Nem todos podemos viver na cidade. Depois isto não é tão feio como o pintas. Há tempo para tudo; silêncio e paz para o espírito. O diabo está em que passo aos meses sem ver ninguém da minha côr, sem ouvir uma palavra do meu idioma. Por vezes ando por aí falando sozinho, sugestionado de que já não sei falar português... Dias, meses, anos, sempre o "quimbundo", esta "língua de cão"...

— África precisava de um grande impulso na civilização...

— Dizes bem. Contudo, não te esqueças de que o "tempo disse ao tempo..." Isto é enorme, precisa de muita gente, de muitos portugueses que explorem esses campos virgens. Mas eles virão, e África será um dia o orgulho de todos nós.

— Medel — chamava uma voz, da porta — sai quitar ávulo. É-me cossumba melele.

— Que diz ela? — perguntou Nelson, que nada entendia do linguajar da negra.

— Não entendes esse "inglês"? E és o sr. professor! Escuta: Medel, quer dizer, branco; sai quitar ávulo, tenho muito dinheiro; é-me cossumba melele, eu quero comprar fazendas... Daí, conclus. Nelson ficou encabulado.

— Gostava de aprender o "quimbundo" — disse, embora nenhuma utilidade tenha.

— Tudo tem utilidade, meu rapaz. Jornalistas e escritores, têm escrito coisas maravilhosas sobre esta gente. E sabes como o conseguem? Falam o seu idioma!

O A

AMOR DE MINHA VIDA

RENARD PÉREZ



O AMOR DE MINHA VIDA (Continuação)

Despachei a negra e voltamos novamente a palestrar.

— É verdade que os pais vendem suas filhas por... Bem, conta tu, que eu mal conheço esses costumes. Nunca saí da cidade, a não ser hoje para te visitar.

— És um felizardo e um ignorante. Felizardo, porque estás livre das febres, dos mosquitos, que ao anoitecer saem aos bandos da mata, fazendo um barulho dos demônios. Tem-se até a impressão de que uma revolta "estourou", e que milhões de "bombardeiros" cortam o espaço...

Nelson persignou-se e consultou o relógio.

— Sossega — disse — ainda não é meio dia, a noite está longe e até lá há tranquilidade. Só "atacam" de noite!

— E ainda dizes que isto é bom por aqui, que tôdas as tardes desces ao rio, a ver a noite aproximar-se? Não entendo...

— A coisa, meu velho, é que eles me consideram amigo e me deixam em paz. Se alguns "novatos" acompanham os "pais", sedentes de sangue, então uso um estratagema: uma bomba de "flit" e os desgraçados correm perdidamente. Outras vezes um galho de uma árvore chega para amedrontá-los.

— Oh! — exclamou boquiaberto. — Isto é o inferno.

— É o que tu e muitos ignoram. E quem não conhecer estas coisas, não conhece Angola. Pisou apenas seu solo; ignora seu coração.

— O coração! Os mosquitos, queres dizer?

— Sim, se é apenas isso que vês.

— Então...

— Então verias muito mais se, numa bela manhã, pegasses numa espingarda e saíesses por aí... Estou certo que jamais esquecerias o espetáculo... E se penetrasses mata a dentro dirias como eu: "O ouro de Angola, seu coração, está abandonado".

— Talvez tenhas razão, contudo...

— Compreendo. Agora, os costumes desta gente.

— Oh, sim, conta!

— Exemplificarei com um fato pessoal. Dois meses atrás, uma "nêga fulô", apareceu por aí. Tinha olhos bonitos, feições atraentes. Sob o "quimone" dois lindos tesouros se escondiam... pareciam acabados de desabrochar. Disse algumas palavras sobre suas perfeições e perguntei-lhe o "preço". Respondeu que falasse a seu pai, que ela não sabia... Assim foi. Fechamos o "negócio".

— O "negócio"?

— Sim, comprei-a. Eis o tributo pago: Mil angolares em dinheiro; vinte metros de fazenda; quinze litros de vinhos; cinco quilos de farinha; dez quilos de peixe; vinte quilos de sal; cinco litros de azeite e outras miudezas.

— E...

— E pronto. A "quilumba", à noite, foi-me entregue.

— Depois...

— Ora, depois... "quilumba" de sete demônios. Era terrível!

— Mas era ainda...

— Era. Moça direita. Do contrário, o "preço" seria muito inferior.

— Que absurdo!

— Talvez. Mas estes são os seus costumes. Mesmo os próprios negros procedem de igual modo. E alguns compram quinze e vinte mulheres, depois fazem delas seus "joguetes", enquanto eles levam vida de príncipes. São, na verdade, pequenos reis.

— E a seguir, que fizeste?

— Restitui-a aos pais. Satisfeito...

— Mas podias ficar com ela.

— Isso é para os negros. Para nós, europeus — um, dois meses. De resto, os pais que as aturem. Aliás, eles bem satisfeitos ficam, porque, assim, promovem segunda "venda"...

— "My God!" — repetia Nelson. "My God!"

Da parte da tarde, descemos ao rio, a cem quilômetros de distância.

— Dizem que este rio é muito traiçoeiro, e contam-se dêle histórias de arrepiar os cabelos, é verdade?

— Em parte. Os jacarés de vez em quando não perdoam, espantando vidas — que é a sua especialidade. É preciso cuidado, muito embora estas águas estejam quase limpas dêsses inimigos terríveis. A caça é contínua, e os negros vendem suas peles por bom preço.

— Qual a diferença entre jacaré e crocodilo?

— Essa é boa! Então não sabes? O primeiro, devora sem mastigar; o segundo, devora mastigando.

— Oh! Quer dizer que aqui a morte espreita por todos os lados...

— Mais ou menos — falei, sorrindo. E tornamos a olhar o rio, que corria diante de nós. De repente, voltei-me para Nelson. Sua roupa citadina me fez lembrar Loanda, e a vida da grande capital. Há quanto tempo eu estava afastado do mundo civilizado...

— Agora, fala-me de tua vida — disse-lhe. — Como vai Judite? Quando pensas em casar?

Sua resposta veio rápida:

— Dentro de três meses.

— Gostas mesmo dela?

Meu amigo balançou a cabeça com decisão.

— Então, casa. E de Portugal, que novidades?

— Nenhuma. Tudo legal.

— Meus velhos são uns desleixados. Há três meses que não recebo carta. Estou preocupado.

— Que nada. Os meus também escrevem pouco, mas, em compensação, tenho uma prima que é de amargar. Todos os meses recebo duas ou três cartas que, por vezes, maldigo...

— Por quê?

— Ora, porquê! Sabes o que me pede? Que lhe conte histórias da África; costumes dos indígenas; batucadas ao luar; caçadas no deserto; o sol pôr e o cair da noite, enfim, um nunca acabar de parvoíces. Às vezes, me admiro de, tão longe, saber tanto a respeito de Angola.

— Que respondes às suas perguntas ou histórias que te pede?

— Nada, ou quase nada. Que sei eu! — E, depois de uma pausa: sabes, isto estava bem... Bem, o que ela precisava era casar. É rica, virtuosa, inteligente e está apodrecendo de madura. Mas — curioso! — não sei como e por que não consegue apaixonar-se. Seus amôres — diz ela — duram apenas dias...

— Orgulho, meu amigo!

— Orgulho? Não, não é isso.

— Então, o quê? Não haverá em Portugal um homem... então, em Lisboa...

— Não a conheces, nem sequer por fotografia. Conquanto possua qualidades e virtudes que os homens disputam, é sobremaneira modesta, duma simplicidade maravilhosa. Chamar-lhe-ia até a "Deusa da simplicidade"...

Isso de "deusa da simplicidade" me fez sorrir. Nelson não gostou e ficou sério.

— Que é que há, bobalhão? Não me digas que estás de beijo caído por ela...

— Eu!? Essa também é boa. Contudo, admiro-a.

— Beleza, simplicidade, modéstia, virtude, riqueza, inteligência... tantos predicados! — caçoei, de novo. Ela é, nesse caso, a própria perfeição. Não exageras realmente?

A resposta foi sua fotografia.

— Vê — disse-me com ar triunfante. — É ela. — E, depois de olhar-me de esguelha, com um sorriso cheio de sutilezas:

— Surpreso?

— Oh! Ela é linda! — E não pude deixar de dizer uma frase cretina: Ela é a miragem de um sonho!

— Então, escuta. Tem vinte anos, e, como disse, seus pais possuem boa fortuna, dando-lhe, por isso, esmerada educação. Adora, como tu, as letras, freqüentando já o segundo ano. Quer ser escritora... Daí, talvez, seu interesse pela vida pitoresca da África. E, por outro lado, a pouca duração de seus amôres... "Não me compreendem, caro primo, escreveu-me ela, certa vez. Mas meu coração a nenhum homem pertencerá até o dia em que... Às vezes penso que os homens são uns tolos, uns gananciosos! Que vêem eles? A fortuna de uma mulher. Que procuram eles? Seus haveres e não o seu coração. Oh, o cinismo dos homens."

Eu não me cansava de olhar aquele retrato. Seus olhos, negros e serenos, pareciam murmurar: "Simpatizei contigo!" O rosto de neve, a boca delicada. Aquêle retrato enlouquecia. Há muito não vira coisa igual, naquela execrável estada na África. Por isso, Nelson, continuando a galhofar, lançou-me a mesma ironia: "De beijo caído estás tu agora. Nega, se és capaz!"

A noite aproximava-se. Nelson, temendo o "ataque" dos famosos mosquitos, olhava em torno, preocupado. Menino da cidade mosquito não pode morder...

Mas era chegada a hora de seu regresso. Nelson prometeu-me segunda visita, e, já com o carro em movimento, gritou a plenos pulmões:

— Escreve-lhe, rabiscador de jornais!

Passaram-se meses. Nelson, como se a terra o houvesse tragado, nunca mais deu notícias. A vida é assim, cheia de ingratidões.

Sózinho, como alma perdida peregrinando pelo deserto, após a noite cair, lá ia uma vez mais confiar minhas mágoas e segredos ao Rio. Era um bom amigo, o rio Quanza. Sua serenidade confortava-me.

E na eterna lenga-lenga, sobre as águas, em pequenas embarcações, alta noite, os destemidos negros, filhos do deserto como eu, regressavam cantando de suas lavras a caminho da senzala. As canções (suas canções sem nexos) eram tristes, duma nostalgia vivida.

Passava então por momentos terríveis, e a melancolia dominava todo o meu ser. Saudades. Que saudades essas vozes despertavam em mim! Recordava Portugal, os regatos deslizando através de seixos e escolhos; os campos em festa e as madre-silvas cheirosas; as noites mornas de luar; as canções da aldeia; as cachopas divertidas; tudo, enfim, e depois... depois vinha Marili de olhos negros, sonhadores, serenos como as águas do rio...

— Oh, Marili, Marili — murmurava.

E de tantas vezes lhe repetir o nome dia a dia me sentia mais triste e melancólico. Aos poucos ia perdendo o interesse por tudo quanto eu adorava, como por exemplo uma caçada aos javalis no alvor da manhã. Não podia, um instante que fôsse, esquecer seus olhos. Até sofria...

Que homem era eu — perguntava-me — que vendo-a apenas num pedaço de papel, me deixava estupidamente vencer? Onde estava o bom senso, o equilíbrio de meu pensar? Que diria o mundo amanhã, se lhe dissesse: "Estou apaixonado pela mulher que não conheço?" Isto: "Coitado, seus miolos estarão fora do lugar"... Estariam! Estariam!

A notícia da morte de vovó abalou-me profundamente. Ela fôra minha segunda mãe, perdoava minhas rebeldias e, muitas vezes, evitava o castigo dos meus pais.

Tamanha perda fêz-me sofrer muito e foi num desses dias de sofrimento que senti a necessidade de escrever a alguém, que me entendesse. Mas a quem eu poderia escrever, contar minhas mágoas? Qual o anjo compreensivo?

— "Escreve-lhe" — dissera-me Nelson.

Marili! Escrever a Marili! Como? Que tinha ela que ver com a minha dor? Que pensamento ridículo! Uma carta para quem se não conhece naqueles termos... Sim, eu não saberia escrever outra coisa que não fossem tristezas. E logo a primeira carta! Quantas vezes antes o quisera fazer! Mas fôsse como fôsse, o certo é que o fiz, obedecendo a força estranha.

Voltar à Pátria depois de longos anos de ausência. Na luta, nas horas alegres ou de desânimo, eu dizia sempre: "Um dia hei de voltar". E agora eu voltava! Só a idéia do regresso valiam todas as riquezas do mundo.

Portugal. E uma ansiedade acompanhava-me. Hoje, amanhã, depois... — dizia — irei vê-la. E então o receio se sobrepujava à ansiedade... Receava! Receava!

É que eu, por mais absurdo que isso possa parecer — já amava Marili, amava-a sem ela o saber. As cartas, inúmeras, que trocamos quando em África, tinham contribuído para tal. Depois seus olhos... aquele retrato...

— Oh, Marili, quanto receava este encontro e ao mesmo tempo ansiava...

— Receio? E por quê? Ansiedade...

Seus olhos se semicerraram, fitaram-me demoradamente como procurando entender melhor.

— Por Deus, Marili. Por Deus...

Diante da vivacidade de seus olhos, da beleza de seu corpo, comecei a gaguejar e a tal ponto, que ela fitou-me num sorriso. Tínhamos chegado a uma fonte luminosa. As águas, muito claras, refletiam nossas imagens. Querendo compor uma frase, dizer-lhe que aquela mesma imagem eu a via sempre e sempre em meus sonhos, fui infeliz. Ela falou, finalmente:

— Que homem é você e qual a sua história?

— Bem... eu... Gosto de rabiscar em jornais.

— Oh, você escreve! E a história?

— Não tenho história, Marili.

— Tem! Tem! Isso se denuncia em seu rosto. Mas, se não quer contar, não insistirei.

De repente, ergui os olhos. Fitei-a demoradamente. Seu rosto tornou-se escarlate.

— Conte-me coisas da África — pediu, erguendo a cabeça para o alto. Você se dava bem por lá? Pensa em voltar? A propósito, quero dizer-lhe que recebi carta de primo Nelson. Casou-se, já espera um herdeiro. A notícia final é a sua visita para breve.

— África. Vai deixar África!

— Parece que você tem saudades...

— Saudades! E como não, Marili. África também é linda e lá me dava muito bem. As noites no sertão, quando a selva desperta e o luar dorme, fazem-nos sentir mais pertinho de Deus. Depois, acresce que adoro a solidão. Noites de África! Os negros batucando... O rio deslizando suave, confiante de meus segredos... O rio...

— Não pense — disse, num cochicho dócil. Agora está em Portugal.

— Perdoe. É que...

— Deixou o coração por lá, não é? Um compromisso, com certeza...

— Não, Marili — aquelas palavras me feriam. Sou livre. Se algum compromisso meu coração reclama, é impossível atendê-lo, porque... — O meu coração batia descompassadamente.

Sem querer, num gesto irrefletido, segurei suas mãos. Meus ombros roçavam os seus.

— Que lhe diz o coração? — repetiu. — Por que não quer ouvi-lo? E ainda diz que não tem uma história! Conte-a para mim, peço-lhe.

Não havia dúvida — era o momento de falar. Mas não falei logo. Pensei no dia em que vira pela primeira vez a fotografia de Marili, e, desde então, passei a pensar nela hora a hora, que sofria as torturas do amor que não tinha. E esse amor era Marili, agora à minha frente. Lembrava das horas de meditação, à beira do rio Quanza, quando eu repetia seu nome. Acreditava-me apaixonado. Seus olhos — e eu os tinha agora diante de mim — seguiam-me por toda a parte. Quantas vezes, ao responder às suas cartas, queria desabafar-lhe esse amor, porém não tinha coragem! Eu tinha medo de confessá-lo, prevendo a sua perda para sempre.

Então, falei. Marili, olhos no chão, ouvia-me sem pestanejar.

— Se a morte de vovó não fôra, depois o conselho de meu primo de escrever, jamais o faria. Foi nesse lance que senti a necessidade de amparo, de alguém que me compreendesse. E então pensei em você, na descrição que seu primo me fizera. Não exagerou. Você foi, através das cartas, o anjo nas horas de desespero. E assim meu amor crescia em silêncio, crescia... Eis, portanto, minha história.

Curioso. De repente, enquanto recordava o mundo perdido, seus cenários iam crescendo, elevando-se diante de mim. Via o rio Quanza, os negros, em seus batuques. Em meu torno, Portugal — Marili à minha frente. Podia casar-me, certamente ela me aceitaria. Podia casar, encher-me de filhos como Nelson, residir em Portugal. Fui sentindo a música de batuques. As águas do rio deslizando, mansamente, ao entardecer. Fui sentindo, principalmente, saudades de minha solidão. Diante de Marili, por causa de quem eu chorara nas minhas noites de Angola, senti o chamado da terra distante, de onde quisera sair. Marili olhava-me, mas eu parara de falar. De repente, tudo aquilo me parecia absurdo. Levei-a até em casa, em silêncio. Invadia-me uma grande saudade de Angola. Despedi-me dela, fui para casa, sem voltar a procurá-la: entenda-se o coração humano. Dali a três dias, peguei o primeiro vapor, e fui embora para a África.

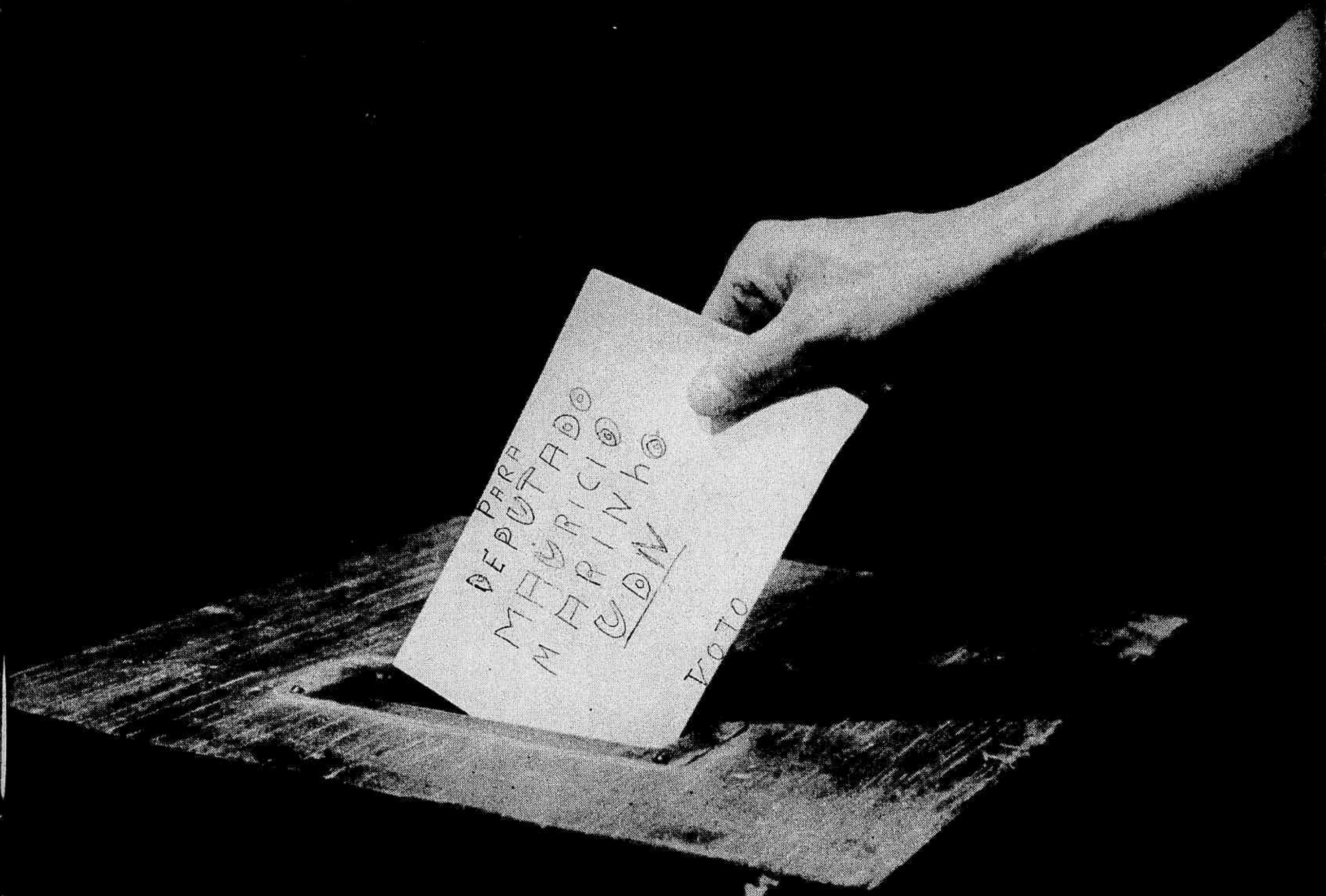


CARNAVAL ELEITORAL — Mas a bandeira onde está ?

LEQUE DE PARTIDOS POLÍTICOS

MULTIPARTIDARISMO AO MICROSCÓPIO

"A multiplicidade de partidos", diz-me o professor Temístocles Brandão Cavalcanti, quando lhe pergunto se um dos males da democracia brasileira (Democracia? Nem tanto.) não está no demasiado liberalismo do nosso sistema multipartidário e, em decorrência, na falta de lógica da posição que esses partidos políticos assumem, alheios a soluções práticas e inovadoras, "é realmente um grave inconveniente. Não há lugar entre nós para tantas ideologias... E por isso mesmo alguns desses partidos vivem de contingências de momento e de processos demagógicos mais ou menos lícitos, sem falar nos processos de corrupção, que já deveriam ter merecido o devido corretivo". A explicação vem a calhar a esta altura, em que as eleições do 3 de outubro, concretizando



VOTO — O leque não abana.

S NÃO FAZ VENTO DEMOCRÁTICO

MAURICIO CAMINHA DE LACERDA

LEQUE DE PARTIDOS

Temístocles: Não sou tão
ingênuo que pretenda
um sistema partidário
fundado apenas
em bases ideológicas.



o sonho de certos candidatos, transformou o de tantos outros em meros castelos de cartas (ou de cédulas, vá lá) derrubados pelo sopro da opinião pública, embora muitos deles contassem com a cobertura de alianças partidárias oriundas quase sempre daqueles “processos demagógicos” e daquelas “contingências de momento”.

Por que lhe fiz a pergunta? Explico: neste País, como aliás assinala o professor Temístocles, “a situação dos partidos políticos persiste passível de severa crítica”. De modo nenhum há como discordar: a atuação deles caracteriza-se — e os fatos o comprovam — pela “falta de lógica, pela ausência de uma programação de atividades, principalmente pela despreocupação por soluções que ajustem as peças de uma estrutura política e constitucional ainda em experiência”. Não é preciso, de resto, ir muito longe para demonstrar que, tanto na vida partidária quanto nas ações políticas, os partidos brasileiros habituaram-se a colocar suas conveniências eleitorais (e eleitoreiras) à frente do pensamento e das aspirações dos seus correligionários e do próprio interesse nacional. É o que se verifica, convenhamos, em cada eleição que disputam mediante acordos e alianças com partidos adversários e de fundo diametralmente opostos ao seu (adiante, veremos como), enrolando suas bandeiras na ânsia de conquistar posições pessoais e de satisfazer ambições personalistas, que ocorrem porque (quem o diz é T.B.C.) “o sistema multipartidário permite o funcionamento de partidos com um mínimo de exigências, alimentada essa situação por um sistema eleitoral de base proporcional admitindo representação política com número restrito de votos”. Essa quantidade um tanto escandalosa de agremiações partidárias levou alguém, na França, a denominá-las **leque de partidos**. Ora, no Brasil contamos também com o nosso — leque. Mas dêle, **helás**, não sai qualquer vento autenticamente democrático. E o povo acaba levando a pior.

Alguns homens esclarecidos, cuja grande maioria permanece infelizmente fora desses partidos ou deles distanciada, tem apreciado o assunto com impressionante clareza de vistas. O professor Temístocles Brandão Cavalcanti inclui-se na relação. É esse homem de inteligência fora do comum e de observação temperada na experiência e na realidade (jurista e constitucionalista emérito, foi procurador-geral da República junto ao Supremo Tribunal e junto ao Superior Tribunal Eleitoral, sendo ainda professor de Direito Público e nome consagrado em nossas letras jurídicas) quem traça a este repórter um quadro sombrio, porém exato, de sistema partidário brasileiro.

Passem aos tópicos seguintes.

TEMÍSTOCLES CAVALCANTI — “A confusão é geral”



PSP, UDN, PCB, PTB, PSD — Pedras no meio do caminho.

A ALQUIMIA

"O quadro dos acordos partidários", sublinha T.B.C., "principalmente nas eleições de 1950 (e nas de 1958, tomo a liberdade de acrescentar eu) constitui prova suficiente de que a unidade de orientação partidária inexistiu aqui. Os acordos aparentemente mais impossíveis foram feitos em certos Estados por partidos que se digladiavam em outros". Como? Ele ensina: "Sem querer citar os nomes dos partidos (o repórter os citará daqui a pouco), pode-se verificar, conforme esquemas levantados e conhecidos, as combinações mais disparatadas no campo estadual. O partido A, que se unia aos partidos B e D em Minas Gerais, ligava-se ao partido C contra o partido D em São Paulo. Dentro desse exemplo, considerando-se um grupo de cinco ou seis partidos, topamos as posições mais absurdas nos vinte e um Estados da Federação, sem mencionar os acordos partidários com os pequenos partidos, que se aproveitam largamente desses entendimentos e acordos."

Absolutamente certo. De minha parte, lembro ao leitor que em 1958, oito anos transcorridos, e a coisa continua a mesma. Observem estas alianças, estes acordos, estas posições acontecidas ultimamente nos Estados, nas eleições para governador:

Amazonas

Gilberto Mestrinho: PTB — PST — PSB.
Paulo Neri: UDN — PSD — PSP — PRP.
Mário Menezes: PL.

URNAS À ESPERA — Siglas em sacos, eleitor no embrulho.



LEQUE DE PARTIDOS

Ceará

Virgílio Távora: UDN — PSD — Comunistas.
Parsifal Barroso: PTB — PSD — Integralistas.

Pernambuco

Jarbas Maranhão: PSD — PDC — PL — Dissidência do PSP — PR.

Cid Sampaio: UDN — PTB — PSB — PSP — Comunistas.

Bahia

Vieira de Melo: PSP — PDC — PL — Dissidência do PSD e dos Comunistas.

Pedreira de Freitas: PSD — PR — PTB — Comunistas.

Juraci Magalhães: UDN — PL — Dissidências do PR e do PTB e Ala Esquerdista, chefiada pelo sr. Agildo Barata, dissidente do sr. Luiz Carlos Prestes.

Espírito Santo

Carlos Lindemberg: PSD — PSP.

Florianio Rubim: PTB.

Eurico de Rezende: UDN — PRP — PR — Dissidência do PSP.

Goiás

Cunha Bastos: UDN — PTB — PSP.

Feliciano Ferreira: PSD — Dissidência do PTB.

Rio Grande do Sul

Leonel Brizola: PTB — PSP — PRP.

Peracchi Barcelos: PSD — UDN — PL.

São Paulo

Carvalho Pinto: UDN — PTN — PDC — PSB — Dissidência do PTB

Ademar de Barros: PSP — PTB — Comunistas — Integralistas.

Auro Moura Andrade: PRT.

Estado do Rio

Roberto Silveira: PTB — PSP — UDN — PSB — PR.

Getúlio Moura: PSD — Dissidências da UDN e do PSB.

A UDN combatendo no Rio a união entre comunistas e o PTB, porém associando-se ao PTB e aos comunistas em Estados. Integralistas e comunistas juntos em São Paulo. O PTB ligando-se ao PSD no Ceará e pondo-se ambos com unhas e dentes no Estado do Rio. Para que mais? Voltemos a escutar o professor Temístocles: "A falta de lógica, portanto, reside na ausência de unidade na orientação partidária, na incoerência das posições assumidas por cada partido em relação aos demais, no abuso dos acordos e entendimentos de natureza eleitoral que, em muitos casos, atingem interesses sociais dos próprios partidos."

Desafio a que o contestem.

PRESERVAÇÃO E DIFICULDADE

Contudo, ressalva: "Não sou tão pessimista quanto o comum dos que estudam o problema em relação à estrutura de base dos grandes partidos nacionais. E justamente por isso é preciso preservá-los de uma contaminação profundamente prejudicial à consolidação de suas bases doutrinárias, ideológicas e políticas". Assim, como proceder? Como orientar a opinião pública e os próprios partidos? O professor Temístocles Cavalcanti pensa que uma das grandes dificuldades no funcionamento dos partidos políticos do Brasil é, precisamente, a impossibilidade em que nos encontramos até agora de transpor para o plano nacional as atividades partidárias. A lei brasileira (comenta) considera nacionais os partidos políticos, regulados por lei federal, dependendo sua constituição

e funcionamento do Tribunal Superior Eleitoral, que é um tribunal federal; no entanto, todo o jogo partidário faz-se dentro do plano estadual. "Não conseguimos vencer ainda esse complexo de política estadual, por mais que ela esteja na dependência do poder federal, sofrendo influências de toda sorte do governo central". Diversas explicações podem ser dadas para o fenômeno. Examinemos algumas.

— "A primeira é a tradição, são os hábitos políticos que não foram abandonados sequer durante os dois recessos políticos de 30 a 33 e de 37 a 46. Terminados os recessos, tudo recomeçou como dantes, mudando apenas algumas figuras e rótulos. Não é a instituição de regime de exceção, notem, que pode modificar os hábitos e tradições. A segunda seria a coincidência das áreas eleitorais com as áreas geográficas dos Estados, com os seus diretórios regionais, com os seus chefes políticos, com os seus coronéis, com a clientela eleitoral, etc. A terceira razão é mais de ordem doutrinária, prendendo-se à própria estrutura do sistema federativo, que é união, que é federação, mas de unidades autônomas, com expressão política e administrativa própria."

POLÍTICA, POLÍTICOS — NEGÓCIOS A PARTE

A conversa escorega então para o sistema bipartidário, que é o preferido pelos países anglo-saxões (embora o exemplo medre também no Uruguai e na Turquia). "A preferência deve-se", fala o professor, "menos a imposição legal do que ao costume, à tradição, à formação mental e à educação dos seus povos". Ai, os homens, "agrupam-se levados por uma certa identidade de sentimento e de interesses", distribuindo-se em duas categorias: a dos *ges-men* e a dos *no-men*, isto é, os que estão com o governo e os que estão contra o governo. No sistema multipartidário, preferido pelos países latinos, "o espírito crítico domina" a própria realidade política e a capacidade para estabelecer as nuances dos diferentes sistemas, conduzindo a esta "complicação partidária em que mergulham França, Itália e Brasil."

É só? "A política não é tudo", acrescenta T.B.C. "Ela às vezes se orienta por interesses que nem sempre são os da coletividade. Se é a política que dá o grande sentido à vida do Estado, ela deve, evidentemente, obedecer a objetivos que visem aos fins reais do governo. "Há, todavia, grupos que influem enormemente, porque constituídos por associações, sindicatos, sociedades que precisam fazer valer os seus interesses em particular em face dos grupos políticos." O sr. Temístocles cita Laski: nem sempre os grupos políticos representam tudo e não há razão para atribuir-se maior importância a um grupo social organizado em base geográfica do que a uma organização com base econômica". Os plantadores de algodão, por exemplo, representam muito mais do ponto de vista político e econômico ou social do que determinado condado da Inglaterra". A esses grupos o nosso T.B.C. chama "grupos de pressão". Vão vendo: "Ninguém pode contestar a pressão exercida pelas organizações econômicas, pelos grupos organizados por aqueles que detêm o poder econômico, como indiscutível é a influência que exercem as organizações operárias, os sindicatos, a Igreja e, em determinados países, as mesmas forças armadas. Essa pressão nem sempre se manifesta de maneira ostensiva; mas penetra a opinião pública, conquista adeptos que se multiplicam e que forçam os partidos políticos a assumirem esta ou aquela atitude." Basta dizer que "a campanha eleitoral organizada pela "American Medical Association", nos Estados Unidos, contra os projetos de socialização da medicina, conseguiu levantar a soma de três milhões e quinhentos mil dólares em 1949 entre seus associados". Já em outro terreno, "mais de um milhão de dólares foram levantados por duas associações, empresas de utilidade pública, para combater o "Public Utility Holding Company Act". E o professor Harvey Walker "apurou que, no Estado de Ohio, apenas vinte e seis por cento dos projetos apresentados ao Senado foram de autoria de senadores, cabendo a elaboração dos outros setenta e quatro por cento aos grupos de interesses."

Pormenor brasileiro: "O Código de Águas, que ficou paralisado no Senado de 1903 a 1930 e, até hoje, embora desde 1934 estivesse previsto na Constituição; a regulamentação dos serviços de utilidade pública, eis projetos que não logramos ver consubstanciados em lei até agora. E data de nossos dias a demissão de um pre-

feito da capital da República (sr. João Carlos Vital) sob pressão desses grupos”.

ITENS PARA UMA RECEITA

Muito bem. E que fazer? O sr. Temístocles Brandão Cavalcanti enumera, ao lado de outros dados sob a confusão do que está prenhe o nosso multipartidarismo, remédios para a cura ou, pelo menos, para o início de um parto democrático.

1 — “É imprescindível uma legislação apropriada regulando a vida interna dos partidos, limitando a autoridade e a competência dos diretórios regionais, subordinando-os aos nacionais. Seria medida aconselhável. Não. Não se pode evitar a fraude por parte de grupos locais e mesmo de candidatos que entram em entendimentos com outros partidos.”

2 — “O problema não é multiplicar os partidos; antes é reduzi-los, permitindo a organização de um grupo majoritário sólido, de boa estrutura política, apto a efetuar obra legislativa eficiente, se bem que dentro de um quadro que possibilite o revezamento do poder.”

3 — “A ação dos partidos poder-se-ia ainda racionalizar por meio de fiscalização mais direta e permanente sobre os negócios públicos, especialmente financeiros e administrativos.”

4 — Uma opinião: “A vigilância e a oposição puramente verbalistas não são eficazes. A inflação das comissões parlamentares de inquérito, em geral infrutíferas, desvia a Câmara dos seus trabalhos essenciais. A execução das decisões dessas comissões é quase sempre difícil e, quando não trabalham ou não atingem seus objetivos logo se desmoralizam. Os modernos sistemas parlamentares ou políticos são mais racionais. A Inglaterra fiscaliza diretamente a execução, pelo governo, das delegações legislativas por intermédio de uma comissão especial. O mesmo sucede em relação ao controle das empresas nacionalizadas diretamente fiscalizadas por uma comissão parlamentar.”

5 — “Nos Estados Unidos, a nomeação de cerca de duzentos funcionários depende do Senado. E da “Civil Service Commission” participa, como um de seus membros, um elemento da oposição.”

6 — “São esses processos tecnicamente muito mais perfeitos, do que a oposição verbal na fiscalização por um grupo partidário, que numericamente não tem oportunidade de impor a sua opinião e possibilita, afinal, a aplicação mais eficaz do princípio de colaboração harmônica dos poderes.”

7 — Uma frase: “Sem uma organização administrativa sólida, que resista às oscilações das maiorias parlamentares, e uma estrutura partidária bem definida em suas ideologias e práticas políticas, é impraticável qualquer sistema político.”

8 — Uma confissão: “Desde há muito defendo uma lei orgânica dos partidos.”

9 — Um pensamento: “O sistema democrático em bases puramente majoritárias, que poderia ter tido um sentido filosófico antes de a humanidade conhecer horas difíceis como as que hoje atravessa, deve ser substituído por outro que vise à colaboração dos regimes partidários na obra política comum.”

10 — “Não sou tão ingênuo que pretenda um sistema partidário fundado exclusivamente em bases ideológicas. Seria exigir demais de agrupamentos políticos humanos. Mas, mesmo na base de interesse, devem os partidos manter uma certa harmonia de orientação em todos os graus.”

DOS REGIMES A UMA ANEDOTA

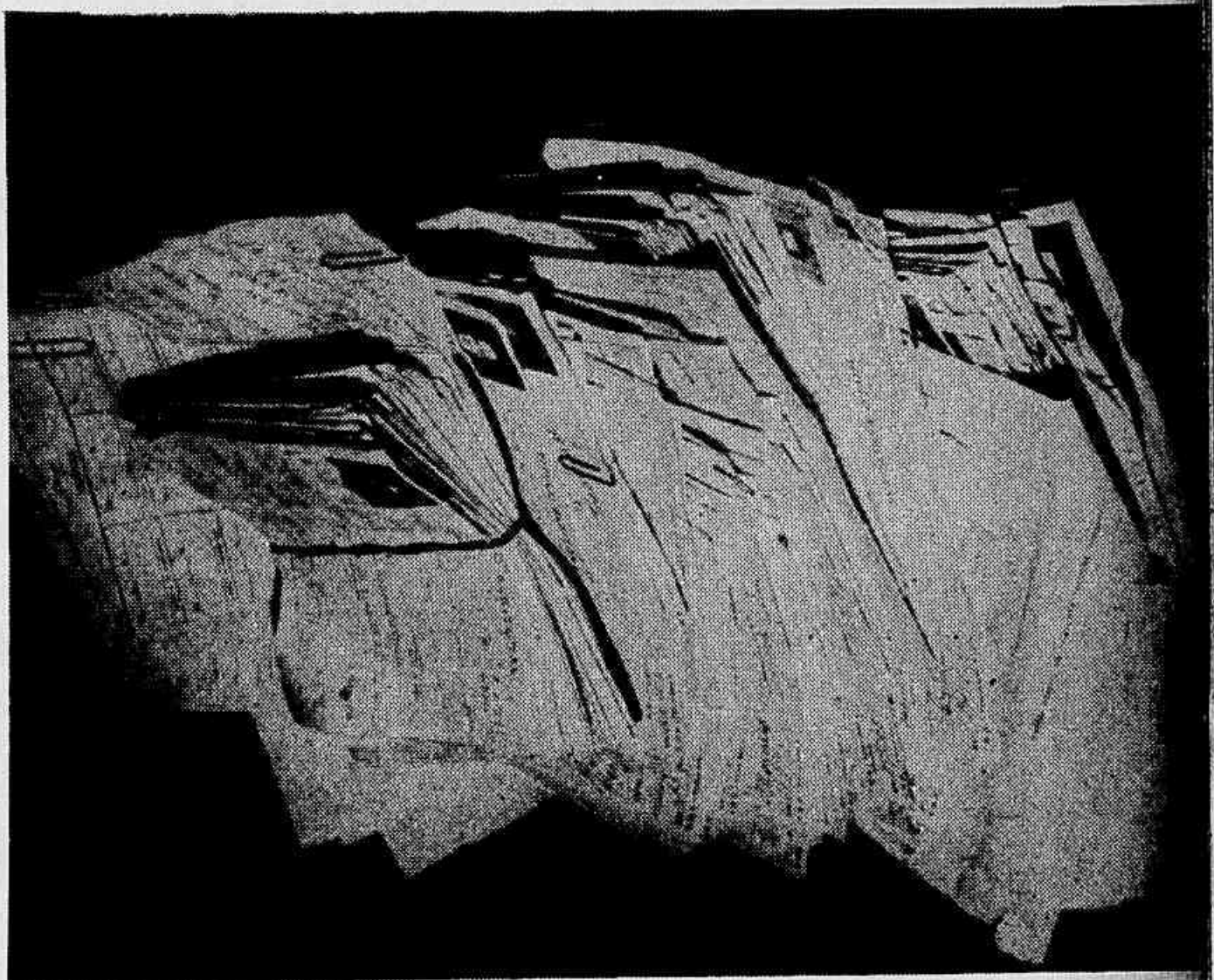
O professor ressalta, ainda, que, “praticados com honestidade, todos os regimes são satisfatórios”. O que conhecemos, no entanto, “é um sistema que consiste na captação do apoio parlamentar em troca de vantagens e benefício onerosos porque faltam aos partidos os instrumentos para impor a sua orientação, porque faltam os elementos para tornar compulsórias suas atitudes”. E conclui: “O assunto está na ordem do dia porque tenho a impressão que o mundo atravessa fase de renovação política e até países que tradicionalmente suporta certos regimes já perceberam que têm de ajustar-se às formas políticas e às contingências impostas pelas novas condições de vida. A França é exemplo típico. Quanto aos Estados Unidos, quem observa a prática do sistema constitucional

norte-americano, dá-se conta de que o regime presidencial dali não é o sistema clássico e que há uma racionalização das atividades administrativas e políticas, as quais transcendem, de muito, as formas primitivas do sistema presidencial. Quanto ao Brasil, vamos sofrendo uma evolução que nos vai obrigar, em época talvez mais próxima do que pensamos, a rever a nossa estrutura política, para fazê-la mais condizente com as nossas condições, de modo especial as transformações na estrutura econômica e administrativa que experimentamos agora.”

A conversa encerra-se aqui. Não sem que antes se recorde uma anedota clássica. Conta-se que um cidadão inglês, quem teria, em dado momento, confessado as suas dúvidas em face dos problemas partidários e dos problemas ideológicos, dizia: “Tenho ouvido muitos discursos na Câmara dos Comuns. Muitos teriam modificado minha opinião. Nenhum deles, porém, conseguiu modificar meu voto.”

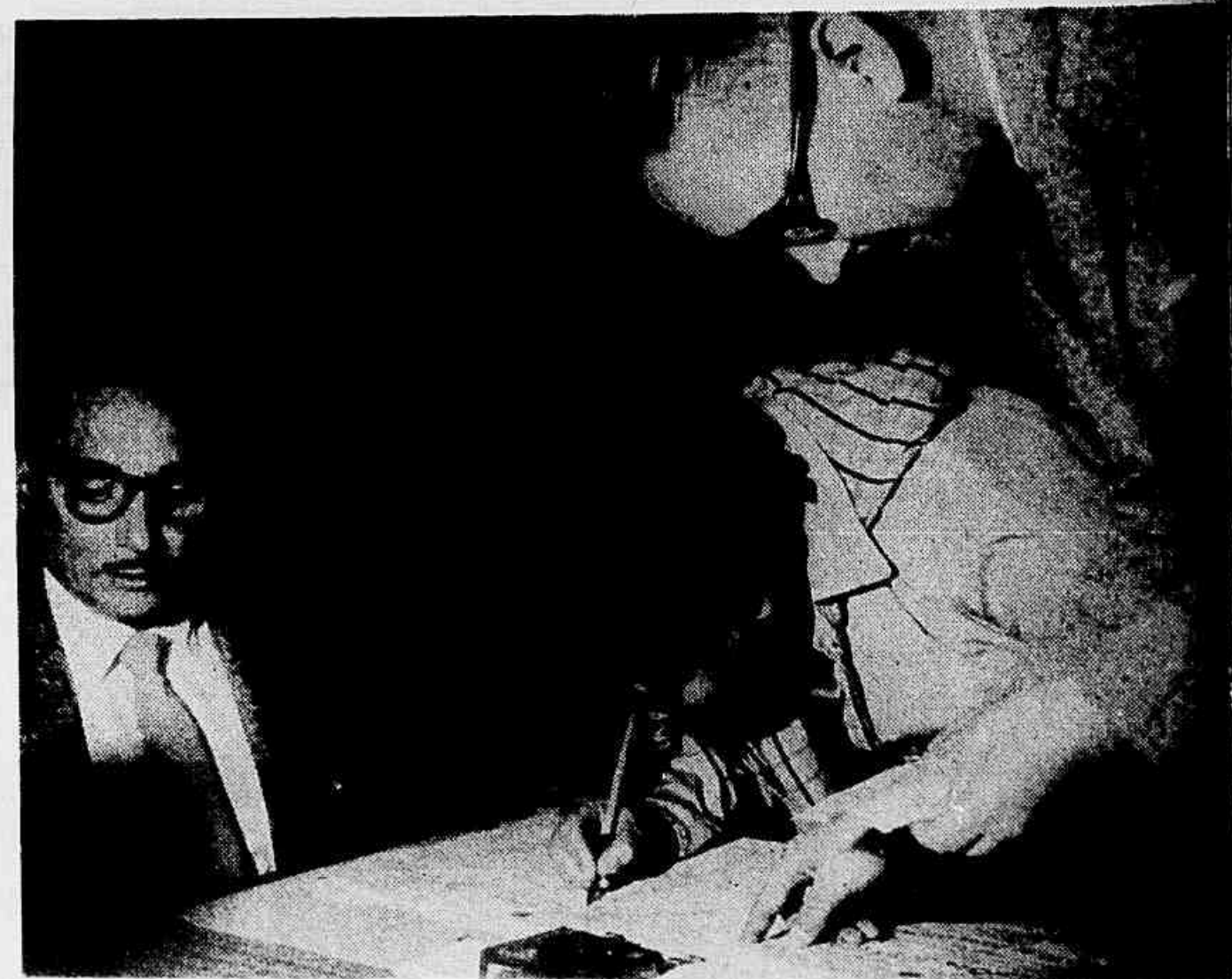
As razões do professor Temístocles modificarão a opinião — e o voto — dos que enfeixam nas mãos a sorte do nosso sistema partidário e político?

Diabo. Não é a mim que cabe responder.

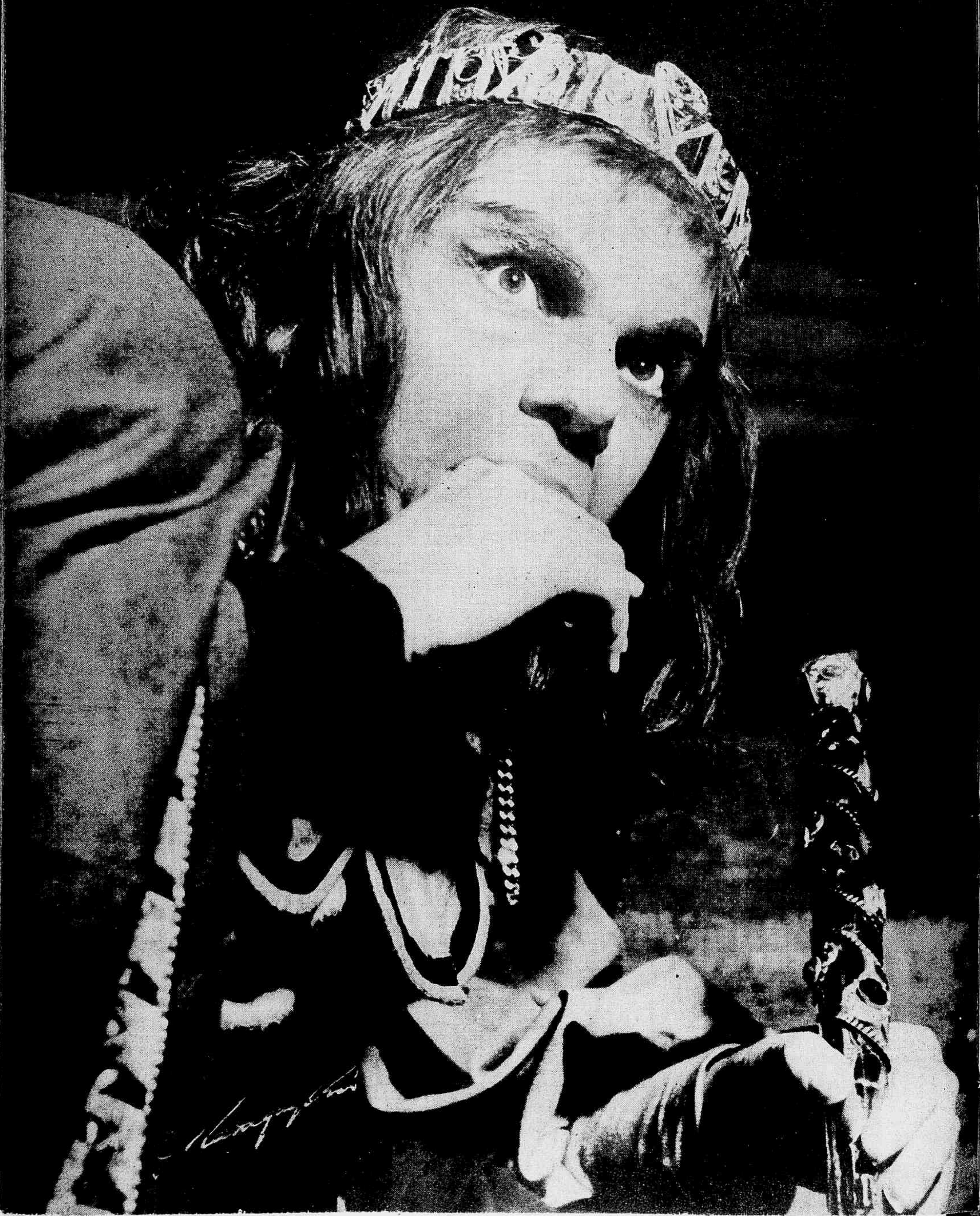


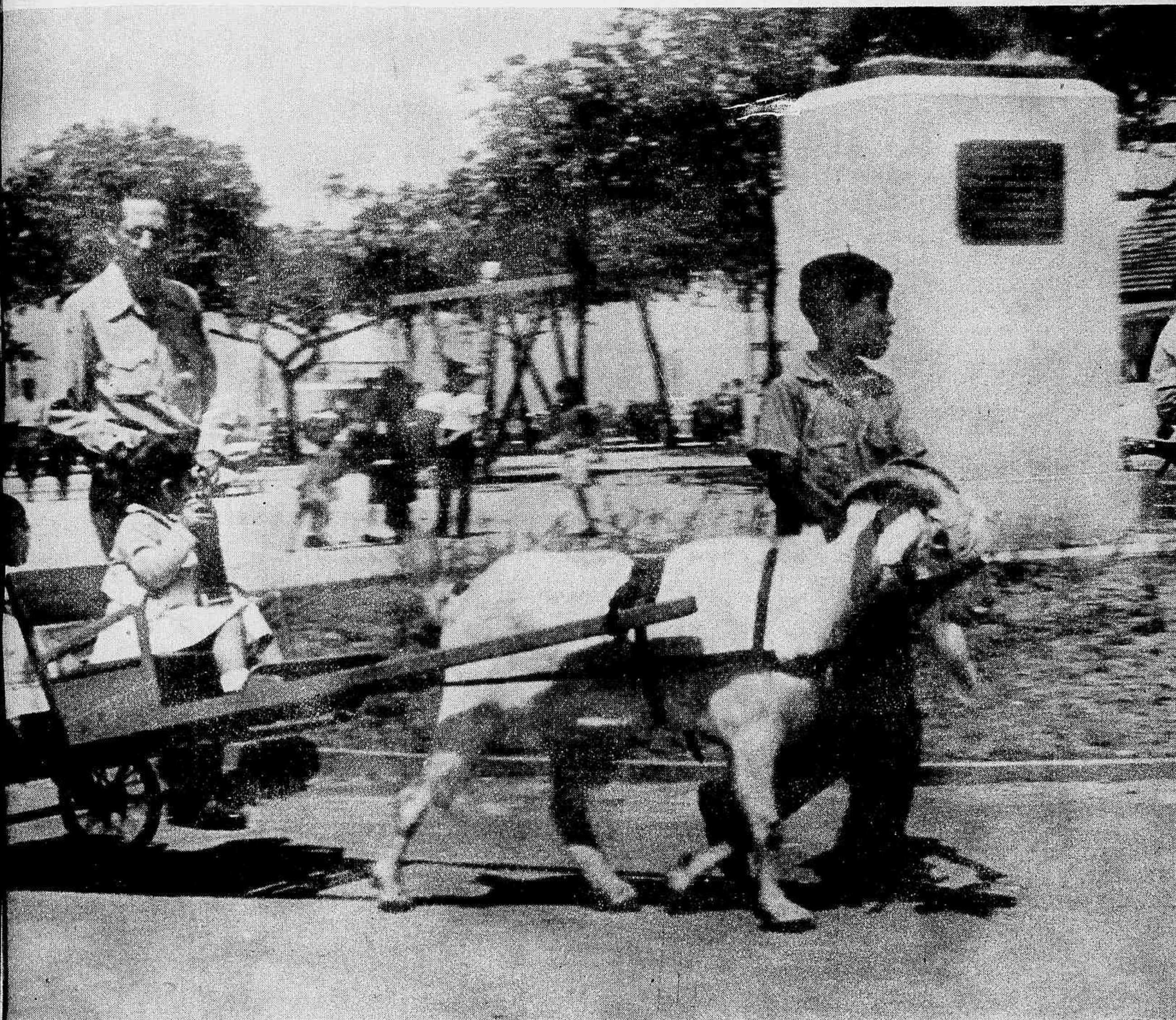
TÍTULOS — Passagem para a incoerência.

3 DE OUTUBRO — Discursos não modificam votos.



RUBENS CORRÊA, em "ES-
CURIAL" de Ghelderode, sob
direção de Ivan Albuquerque.





sem sapatos, passear de bode e assistir a duzentas comédias de Carlitos.

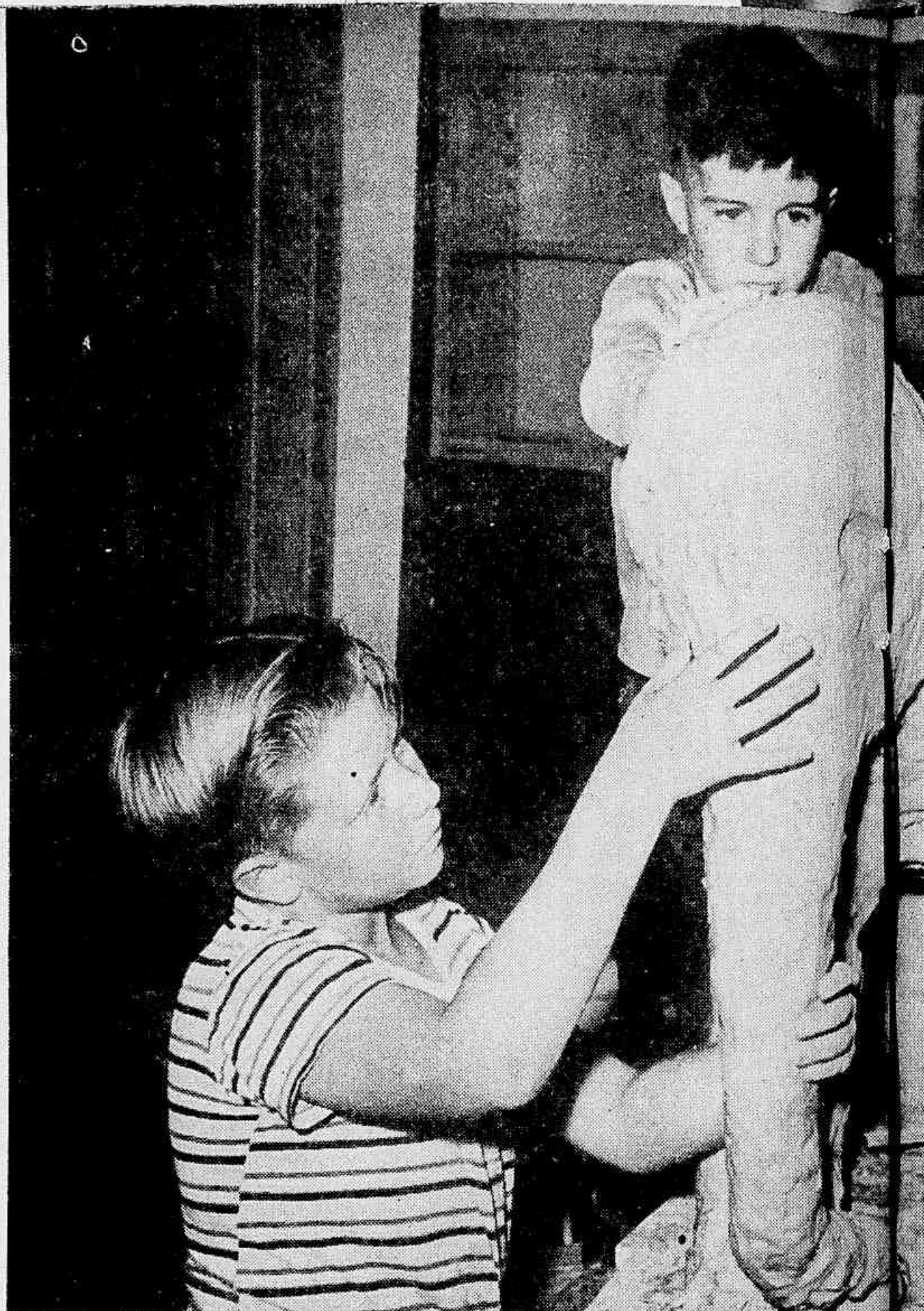
TENDO EM VISTA que 12 de outubro é o Dia da Criança, várias solenidades comemorativas foram programadas pelas autoridades. Na escola, as professoras aproveitaram para ensinar que a data é a mesma da descoberta da América. O Ministro da Educação certamente encarou com a devida atenção o referido acontecimento. Uns e outros discursaram, repisando volta e meia no slogan tradicional: "Porque Sua Majestade, a criança, merece isso e aquilo e aquilo, etc." A gurizada ouve esse falatório e pensa lá com seus botões: se majestade é rei ou rainha, andam nos embrulhando há muito tempo com essa história. Que negócio é esse de majestade andar obedecendo a tãda hora aos galalaus que hoje aparecem com proclamações de súditos? Quando chega o fim do tal dia que os adultos inventaram em sua homenagem, a criança boceja e antes de ir para a cama pergunta torcendo o nariz: "Mas, é assim o Dia da Criança, mamãe? Só teve isso? Que porcaria! Leva o seu carão e adormece achando que os adultos fazem um barulho enorme por quase nada, e que não inventam coisa alguma que preste.



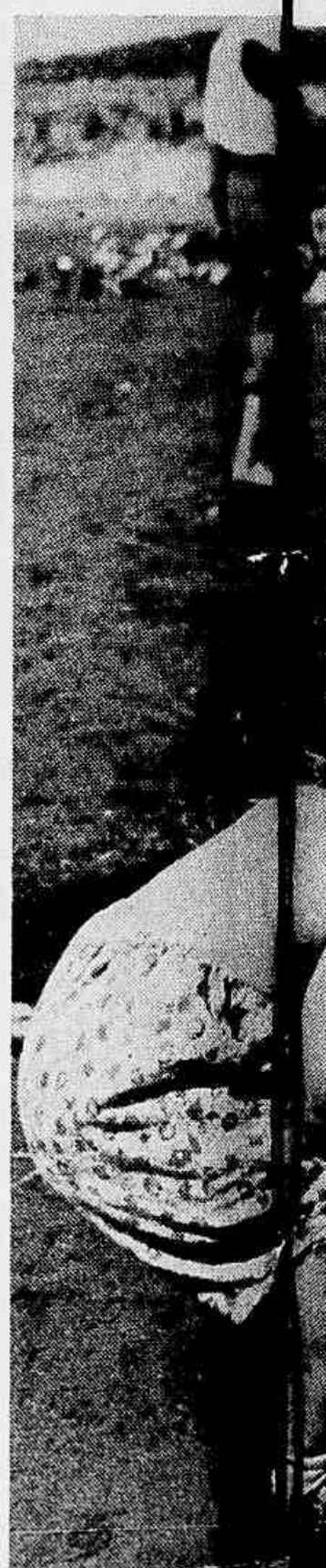
Criança quer brinquedo...

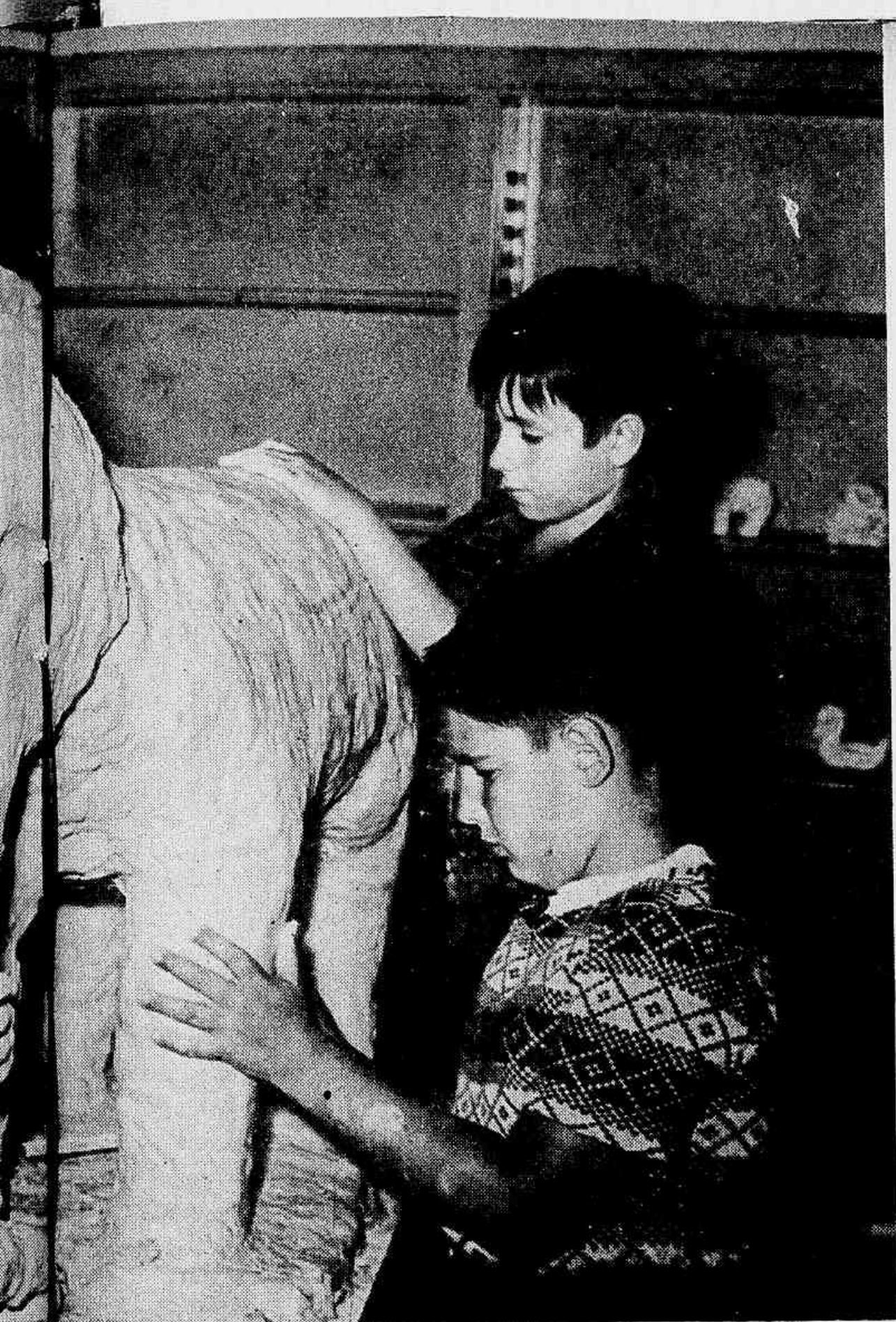


Mas vamos ao principal da reportagem: estamos seguramente informados de que as crianças não andam satisfeitas com o rumo que as coisas estão tomando, principalmente no que diz respeito às festividades do seu dia. Ao que apuramos, os senhores discursadores e inauguradores de placas, que acham proeza máxima construir uma escola pública por ano e colocar meia dúzia de gangorras num parque, em breve ficarão sabendo oficialmente (é como eles gostam de saber as coisas) que as crianças também estão cansadas de demagogia. Tanto estão — e agora vem o espetacular da notícia — que estudam uma possibilidade de obter direito de voto nas próximas eleições. Nem mais nem menos. Há, realmente, um movimento infantil neste sentido, segundo constatamos em fontes bastante dignas de crédito. Ao que se diz, um determinado candidato, que anda desconsolado com sua



Sendo anjo, construtora de elefante, superintendente da alimentação de burrinhos camaradas ou descobrindo os mistérios de buraco de





de rua, criança mantém seu cartaz de majestade sem coroa do universo.



derrota no último pleito, está sendo conversado para conseguir, junto ao Tribunal Eleitoral, este sensacional direito para a população infantil brasileira.

Podemos adiantar que a plataforma mínima a ser cumprida pelo doutor candidato em busca de reabilitação, inclui um plano especial exclusivamente dedicado ao Dia da Criança. Segundo este plano, os 12 de outubro do futuro serão muito diferentes. Basta dizer que neste dia terá a meninada direito ao seguinte:

1. Passeio de elefante pelas redondezas de casa.
2. Aparição de cometa antes do jantar.
3. Dar banho no cachorro da vizinha.
4. Puxar cabo de arrastão junto com os pescadores.
5. Ser patrão de barco em regata na Lagoa.
6. Um lotação em cada rua, parado mas fazendo a linha Nova Iguaçu-Leblon. Duzentos guris num bruto carnaval lá dentro, mas respeitando o revezamento ao volante.
7. Dar uma volta ao quarteirão na chuva e de passagem fazer xixi nas alfaces da quitanda.
8. Bater um bom papo com uns Cosme-e-Damião.
9. Caçar besouro e grilo "naquele mato perigoso".
10. Refletir o sol com espelho na cara do dono da padaria.
11. Falar em alto-falante (uma porção de tempo).
12. Cartão isentando de idas ao dentista pelo espaço de três meses.

Os itens são ainda muitos outros mais. Como ainda estão em preparo e debate, não nos sentimos autorizados devidamente para revelá-los. Entretanto, se tudo correr como está previsto, podemos garantir: o Dia da Criança vai acabar sendo da criança mesmo.

A criança que hoje vive nas grandes cidades, como o Rio, enfrenta grandes problemas. Um deles é não ter árvore para trepar e colher, digamos, carambola ou jaboticaba. Se a criança não se der ao luxo de veranejar, acaba pensando que fruta nasce na feira. Outro importante problema é o de não ter mais pregão de laranja ou sorvete para ouvir. Sorvete agora vem pasteurizado em carrocinha e o sorveteiro anda silencioso e de uniforme. Laranja, ora, quem quiser que compre, "seu" laranjeiro é que não vai gastar à-toa sua garganta. Com esses acontecimentos, o garrafeiro que passa de ano em ano com seu pregão já meio envergonhado, ficou sendo o herói de rua, mono-idolatrado pela garotada. Criança, hoje, também não pode mais fazer linha de passe na rua porque é uma dificuldade: a cada instante zune um automóvel a 80, o jogo tem que parar por causa dele — enfim, não vale a pena.

O problema da ciranda, este então é lastimável. Pode-se afirmar que há um desaparecimento quase completo das rodas-de-porta-de-casa. Pai Francisco sumiu com seu violão, dala-lão-dão-dão. As expedições e viagens ao "país lá do outro lado do morro" entraram em período crítico e mal se pode garantir no momento sua sobrevivência.

Podemos concluir que tudo isto é muito grave, desde que não surjam brincadeiras novas, capazes de substituir a contento estas que se encontram em estado de extinção. Se a televisão, que conta com circo, fantoches, filme-em-série, resolvesse o problema, muito bem. Mas não resolve. É suficiente, porque é brinquedo de dentro de casa, sem ar livre. De mais a mais não serve para criança pobre que só pode filá-la — e sabe Deus quando.

De modo que as autoridades estão convidadas a se deterem mais demoradamente nos assuntos relativos ao bem-estar da criança. A título de estímulo desde já mandamos uma salva de palmas a alguns adultos mais espertos (que, na certa, estiveram lendo um *Pequeno Príncipe* desses) pela criação de alguns parques públicos com balanços, gangorras, escorregas. Com isto pode-se ver um número maior de crianças brincando ao sol nas praças públicas, o que é realmente uma grande realização. Falta agora criar a lei que obrigará os pais a levar seus filhos ao parque nos domingos e feriados, sob pena de — em caso de omissão — receberem uma papeleta que proíbe ingresso em teatros e boites por período indeterminado.

E ainda será pouco. A majestade das crianças precisa ser acatada.

PUNGUIST



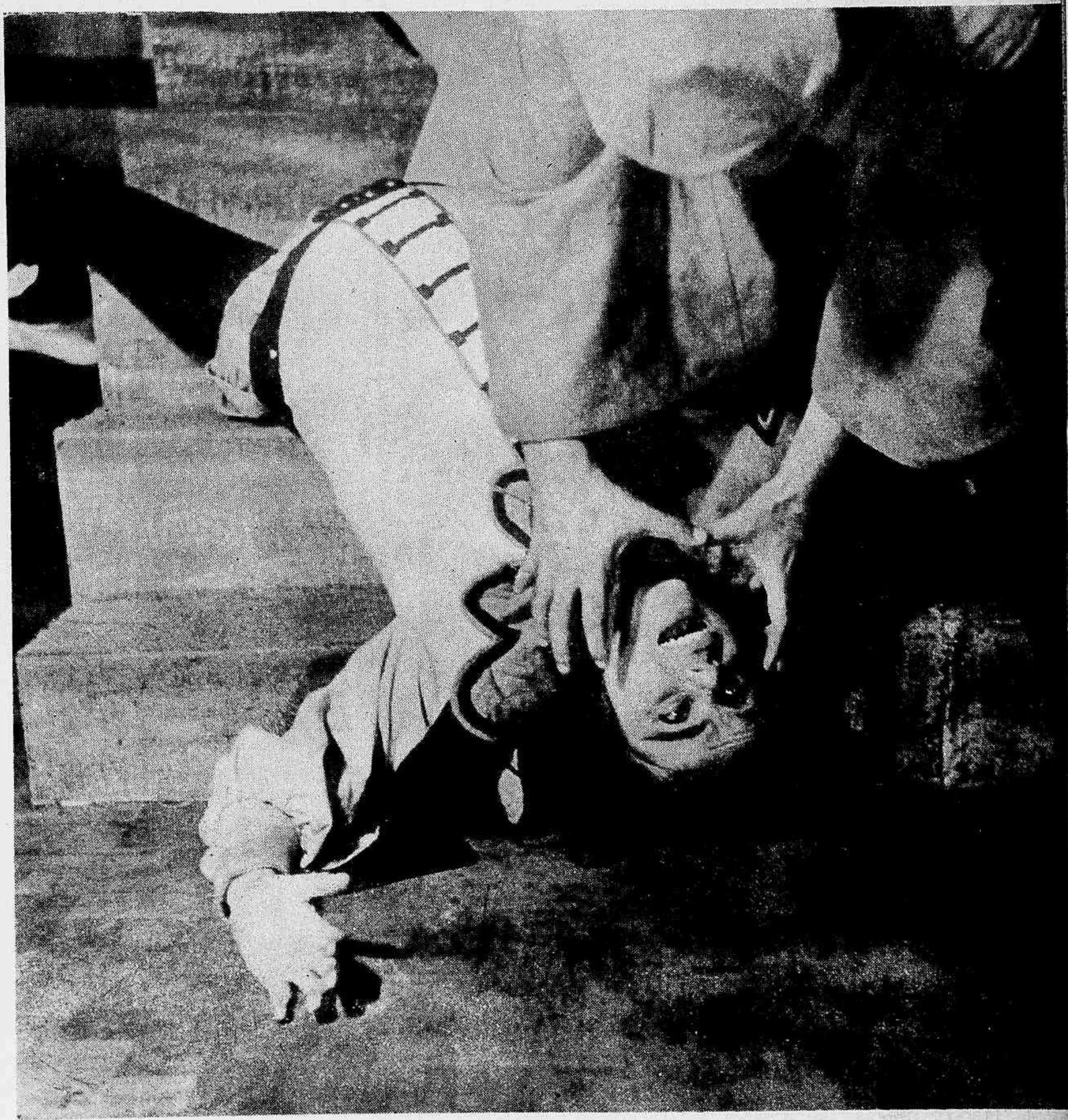
"TEATRO DO RIO"

MAIS UM ELENCO A FAVOR DO BOM TEATRO

ESTÁ DEFINITIVAMENTE marcada para os primeiros dias de março do próximo ano a estréia do TEATRO DO RIO, nova companhia profissional de teatro, sob a direção de Rubens Corrêa (diretor artístico), Ivan Albuquerque (diretor superintendente) e Cléber Ribeiro Fernandes (diretor administrativo).

Sua criação, apesar de somente agora estar chegando ao conhecimento público, não foi resolvida de um momento para o outro, no sentido de aproveitar uma ocasião que teria parecido oportuna aos seus fundadores. Muito pelo contrário, sua história, por assim dizer, remonta há bem mais de quatro anos, quando Rubens Corrêa e Ivan Albuquerque ensaiavam ainda os seus primeiros passos no teatro.

Iniciando-se nos espetáculos de "O Tablado", quando este grupo apenas começava a se firmar na opinião pública, os seus dois sócios fundadores desde então decidiram trabalhar por um futuro elenco próprio, já que a sua inexperiência ainda não lhes autorizava pensar em termos de realização imediata. Como atores, Rubens Corrêa tomou parte em "Tio Vânia", de Tchekhov, "À sombra do desfiladeiro", de Synge, "O Baile dos Ladrões", de Anouilh, e "O Tempo e os Conways", de Priestley, enquanto Ivan de Alberquer-



OUTRA CENA DRAMÁTICA DE "ESCURIAL" — de Ghelderolde, com Rubens Corrêa.

Depois de "A Onça e o Bode", de Cléber Ribeiro, o TR encenará



RUBENS CORRÊA dirigiu "Os Cegos", de Ghelderode, para o Teatro das Segundas-Feiras.

NO "MACACO DA VIZINHA" (Tablado), Ivan uma boa caracterização.



O "JUBILEU", de Tchekov, em cartaz no Tablado. Direção de Rubens.

que participou de "Nossa Cidade", de Thornton Wylder, "O Baile dos Ladrões", "Sarah e Tobias", de Claudel, "O Macaco da Vizinha", de Macedo, "Chapéuzinho Vermelho", de M. C. Machado, e "O Tempo e os Conways".

Foi quando Dulcina criou a sua Academia de Teatro, em cuja primeira turma de direção inscreveram-se ambos. Sob a orientação de Adolfo Celi e Ziembinsky, chegaram brilhantemente ao fim do curso, tendo Rubens Corrêa ganho, no último ano, o "bastão", prêmio da Academia concedido ao melhor aluno de cada turma. Nesta época, dirigiram "Viagem Feliz", de Thornton Wylder, o nô japonês "A clareira do pássaro escarlate" e "Escurial" (Ivan), e "Os Cegos" e "Amôres de Dom Perlimplim e Dona Belisa em seu jardim", de Garcia Lorca (Rubens).

A Cia. Tônia — Celi — Autran inaugurava então o seu Teatro das Segundas-Feiras, e convidou ambos a participarem de seu primeiro espetáculo. Ivan Albuquerque apresentou então, em nova montagem, "Escurial", fazendo o mesmo Rubens Corrêa com "Os Cegos", ambas as peças de Ghelderode.

Puseram-se então Rubens e Ivan a pensar objetivamente no "Teatro do Rio". Propostas foram recusadas, algumas bem tentadoras, inclusive um convite de Cacilda Becker e Rubens Corrêa, para dirigir uma peça de Machado de Assis.

A intenção inicial era construir um teatro. Para isso, foi adquirido um terreno adequado na zona sul, e requisitados os meios que permitirão a construção do que eles já chamam de a "sede própria". Três ou quatro anos, entretanto, ainda serão necessários para que o "Teatro do Rio" tenha o seu teatro, que o porá ao resguardo de uma série infindável de dificuldades. E assim, não querendo esperar mais, Rubens Corrêa e Ivan Albuquerque arregaçaram as mangas e registraram a sua companhia.

"A Ratoeira", de Agatha Christie e "O Playboy Oriental", de Synge.



COMO ATOR. Rubens fez "O Tempo e os Conways", de Priestley, com M. Clara Machado (Tablado).



NA MESMA PEÇA de Priestley, Ivan Albuquerque contracenou com Maria Sampaio.

A ONÇA E O BODE: PEÇA DE ESTREIA

Após consultarem várias empresas locadoras, decidiu-se finalmente o "Teatro do Rio" pelo Teatro São Jorge — a simpática casa de espetáculos da rua do Catete. Perguntados sobre as desvantagens que lhes traria um teatro situado fora da chamada "zona teatral" tratando-se o "Teatro do Rio" de um elenco que apenas se lança, responderam os seus dirigentes que não ignoram o problema:

— "Trata-se apenas de fazer com que o público tome conhecimento dos nossos espetáculos, e passe então a nos julgar pelas nossas próprias características".

A companhia fará a sua estréia com a peça infantil de Cléber Ribeiro Fernandes, "A Onça e o Bode", vindo a seguir "Oscar", de Claude Magnier, peça que vem obtendo enorme sucesso em Paris. Virão depois "The Mousetrap", de Agatha Christie (em cena há quatro anos ininterruptos em Londres), "The Playboy of the Western World", de Synge, em tradução de Milor Fernandes, e outra peça nacional ainda em cogitação. As duas primeiras peças terão a direção de Rubens Corrêa e Ivan Albuquerque, respectivamente.

Sobre os elementos contratados pouco nos pôde adiantar o "Teatro do Rio". Todavia, os atores estão sendo pensados no sentido de ser conseguida a maior homogeneidade possível, no que se refere ao rendimento do elenco.

— "É nossa intenção chamarmos o ator que mais se adapte a cada papel e que, ao mesmo tempo, possa ser aproveitado no maior número de montagens. Enquanto isto, já temos assegurada a colaboração de Napoleão Muniz Freire e Joel de Carvalho, para a cenografia e os figurinos."

OUTROS PLANOS

Acreditam os dirigentes do "Teatro do Rio" que, antes de se fixarem em seu futuro teatro da zona sul, possam empreender uma excursão por vários estados do norte e do sul do Brasil.

— "Não pudemos estruturar os nossos planos no sentido de excursionarmos logo após nossa primeira temporada. Talvez ainda o façamos, mas o mais certo é que, se tudo der certo como esperamos, possamos empreendê-la em 1960, após temporada idêntica a esta que planejamos para o ano que vem. Aí então, esperamos contar com um repertório maior, realmente comprovado, com alguns atores fixos, além de uma maior experiência. De qualquer maneira, não queremos parar simplesmente após nossa primeira temporada. Sempre na dependência do resultado que obtivermos, é claro, talvez continuemos no Teatro São Jorge, talvez alugemos um outro teatro, ou revezemos com algum outro elenco que tenha diretrizes semelhantes às nossas, temporadas a preços populares aqui mesmo no Rio, em São Paulo, ou noutras cidades próximas".

Assim, enquanto o "Teatro do Rio" se organiza, cumprem os seus dois principais elementos alguns compromissos assumidos anteriormente. Estão ambos presentes na atual produção de "O Tablado", cuja primeira peça, "O Jubileu", de Tchekhov, foi dirigida por Rubens Corrêa, tendo Ivan Albuquerque num dos papéis. Antes de se iniciarem os ensaios, Rubens Corrêa integrará ainda o elenco do "Teatro de Hoje", num dos papéis centrais de "Luta até o amanhecer", de Ugo Betti. Esperemos, portanto, até março, quando o "Teatro do Rio" terá deixado de ser um projeto, ainda que admiravelmente bem estruturado, para se firmar como realidade, sobre a qual todos então poderão opinar.



Criança no seu dia quer ver a tal de democracia funcionando; nada de colégio e visita de prefeito. A ordem em 12 de outubro é: andar

CRIANÇA QUER BRINQUEDO E NÃO DISCURSO

HUGO SÉRGIO KOATZ

O NOVO PAPA



DINAH SILVEIRA
DE QUEIROZ

NO MEIO DE MINHA CONSTERNAÇÃO com a notícia da morte de Pio XII, fui assaltada por uma idéia estranha: meu pai recitando um velho poema, não sei mais de que poeta, em que uma velhinha contava para seus netos que havia visto Napoleão. Estivera naquela casa, sentara-se àquela poltrona:

— “Ele usava um capote cinza, chapéu dobrado... Meus netinhos, — eu vi!”

Imiganei-me bem velhinha, encarquilhada, um trapo de gente a contar para meus netos, sobre a passagem da grandeza em minha vida:

— “Eu vi, meus netinhos, eu vi... Toquei mesmo em seus dedos, eram da cor da hóstia e transparentes. Ele parecia meio desmaterializado, muito mais alma do que corpo, e, no entanto, vinha alegre como passarinho cumprimentar aquela imensidão de filhos de tôdas as partes do mundo. Meus netinhos, eu vi o Papa Pio XII!”

Depois dessas imaginações andei pela cidade com um nó na garganta, ouvindo o tanger dos sinos, que, parece, choravam muito mais por nós que ficamos, do que por ele. Cuidava no novo Papa, aquele que, dentro em breve, sucederá a esse homem que realizou em si mesmo o milagre da sabedoria e da inocência: sábio, mas simples como qualquer um, em vez de complexo como a maioria dos sábios. Conhecia as falas do mundo e as falas do coração, e em cada audiência renovava uma efusão, que só um santo poderia ter naquela rotina; ver seus filhos, abençoar seus filhos. O novo Papa encontrará imensas dificuldades: sendo que a principal é esta: **a de ter sucedido ao grande Eugênio Pacelli**. Mau grado ser eterna a Igreja, ela deverá passar por um inevitável período de saudosismo. Fala-se muito numa eleição com espírito extremamente inovador. O Papa poderá vir de outros países. Fala-se até no patriarca armênio, que criaria a união dos crentes do Oriente e do Ocidente, como se nós todos já não fôssemos unidos em Cristo! Há quem deseje como americano o novo Papa. Comenta-se, por outro lado, a virtude e a sabedoria de Monsenhor Montini. Mas este, naturalmente, pelo fato de ter rejeitado o cardinalato oferecido por Pio XII não poderá ser escolhido. Entretanto, dizem de Montini verdadeiras maravilhas — principalmente como capacidade política. Se toda a Cristianidade pudesse opinar, acredito que ela desejaria que a tradição permanecesse: o novo Papa deve vir da Itália. Já estamos tão atribulados com os imperialismos que a quebra da tradição despertaria influências extra-religiosas. A cadeira de São Pedro passaria a ser disputada como a posição mais invejável, dentro do conflito das Nações.

Vamos sentir, fundamente, a sua falta, grande Pacelli. Rememoramos aquele seu físico franzino e pensamos na bravura de um homem genial no entendimento dos problemas, mas simples na comunicação das pessoas; na bravura de um Papa que teve autoridade para condenar o uso da bomba atômica, e foi um grande mediador da Paz, sendo que jamais se viu envolvido pela torrente violenta dos interesses internacionais. Num Papa que reagiu contra preconceitos absurdos, dentro da própria Igreja.

Logo haverá reunião dos Cardeais que elegerão o novo Papa. Creio que podemos pedir ao próprio Pio XII para que interceda pelo acerto de seu sucessor.

Bem nos lembramos daquela sua visão de Jesus (que um camareiro indiscreto derramou pelo mundo, pois até os Papas não se livram dos indiscretos). Naquela época, Jesus lhe disse que ele ainda tinha tarefas a cumprir. Agora, mais um grande santo, estamos certos, está na glória de Deus. Que ele nos preserve do perigo de um Papa que signifique **a escolha de um momento**, nela pesando os problemas mais correntes. Que a eleição nos dê um Papa que nós possamos amar, para o resto da vida, pelo seu lado humano e paternal; um Papa independente que, como este, saiba fazer a ligação **entre o Céu e a Terra** e não alguém que encarne a **providência do instante**.

— “Meus amigos, rezem pelo pai que nós todos perdemos. Mas rezem, principalmente, por esse que há de vir, suportando, em primeiro lugar, a espécie de ciúme bem humano dos que, dificilmente, vêem no trono de São Pedro outro homem capaz de ser o continuador do angélico e sábio Papa Pio XII”.

EUGÊNIO PACELLI

UMA VIDA DE SANTIDADE

NASCEU EUGÊNIO PACELLI a 2 de março de 1876, no majestoso Palácio Pediconi, à rua Orsini, no bucólico bairro Ponte, em Roma — filho do nobre Filippo Pacelli e de Virginia Graziosi; ele, de tradicional família de advogados vaticanos e, tanto como o pai, insigne jurista durante o reinado de Pio IX.

Foi Eugênio o segundo filho do casal. Francesco, o primogênito, trabalhou ao lado do Cardeal Gasparri e, em 1929, foi tornado príncipe pelo rei da Itália. Seguiu ele a carreira paterna, enquanto Eugênio preferia a eclesiástica.

Sua infância foi calma, crescendo, ao lado das irmãs, sob a atenta fiscalização de uma mãe terna. Gostava de recolher-se à solidão e se dedicava ao violino. Aos nove anos, começou a cursar o liceu "Ennio Quirino Visconti", distinguindo-se desde logo entre os colegas pela sua inteligência e aplicação. À noite, dedicava-se aos estudos. Amante da terra, costumava passar as férias no campo, onde passeava pelos bosques e fazia ginástica.

Obtendo o diploma colegial em 1894, entrou Eugênio Pacelli para o Seminário do Colégio Capranica. Sua demasiada dedicação aos estudos, entretanto, acabou por prejudicar-lhe a saúde, sendo obrigado a suspender o curso. Pouco depois, começou a frequentar a Universidade Gregoriana de Saint Apollinare, fazendo ainda uma série de estudos na Universidade do Estado — entre eles, de teologia e filosofia. A 2 de abril de 1899, recebeu as vestes sacerdotais, celebrando, no dia seguinte, a sua primeira missa.

O CARDEAL PACELLI

Iniciou Eugênio Pacelli seu caminho no serviço diplomático da Igreja como aprendiz na secretaria do cardeal Merry del Val. Em 1902, assumia a cadeira de Direito Canônico na "Apollinare" e, em 1904, passava a secretário do Ministério de Assuntos Exteriores da Igreja — cargo de alta confiança. No ano seguinte — com apenas 28 anos — foi nomeado prelado doméstico do Papa.

Em 1908, recusava Pacelli a cátedra de Direito Romano da Universidade de Washington, ao mesmo tempo em que era investido nas funções de professor de estudantes à diplomacia, na Academia Pontifícia. Os anos passaram, Benedito XV era eleito Papa, com a morte do Santo Padre Pio X. Estourou a primeira guerra mundial. Foi, então, Pacelli encarregado da realização da obra de socorro internacional do Vaticano às vítimas da guerra. Em



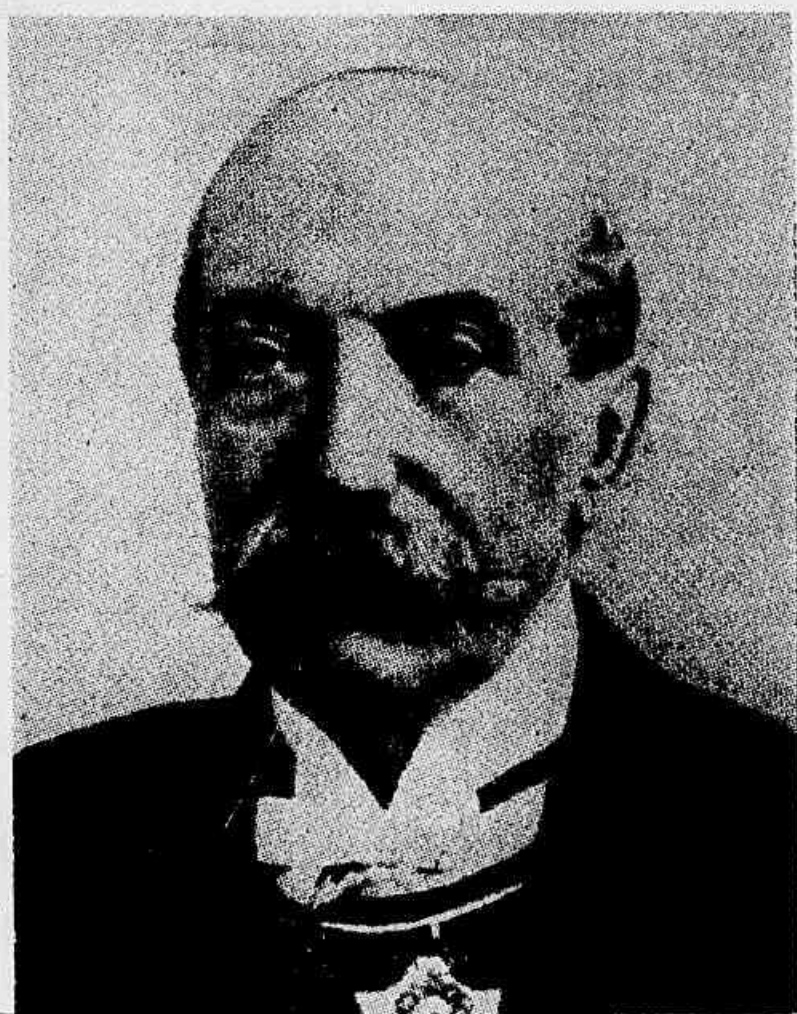
Em 1934, vem Pacelli, como cardeal legado



Virginia (Graziosi) Pacelli, mãe de Sua Santidade, o Papa Pio XII.



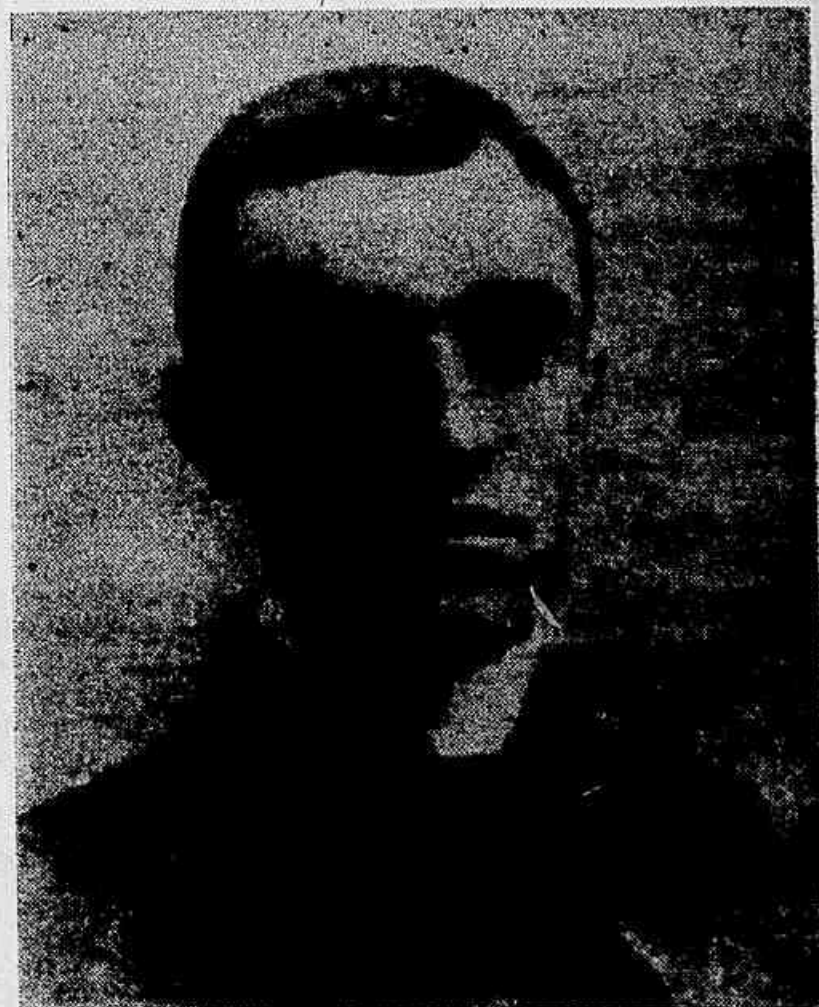
de Pio XI, à América do Sul. Buenos Aires, Montevideu e Rio o acolhem entusiasticamente. Getúlio Vargas, então presidente, o recebe.



Fillipo Pacelli, o pai, de tradicional família de advogados vaticanos.



Aos 9 anos, começou Eugênio a cursar o liceu Ennio Quirino Visconti.



Aos 18 anos, entrou Eugênio para o Seminário do Colégio Campranica.

1917, era enviado à Alemanha, na qualidade de Nuncio Apostólico, com a missão de restabelecer a Paz no Mundo.

Terminada a guerra de 1914-1918, recebe Pacelli a nomeação de Nuncio em Berlim. Lá, consegue estreitar as relações entre a Alemanha e a Igreja, em 1925, através de importante Tratado. Deixa no povo germânico profunda impressão pelo trabalho desenvolvido para a renovação da vida católica do país, quando de lá parte em 1929.

A 19 de dezembro de 1929, Pio XI o nomeia Cardeal. No ano seguinte, assume as funções de secretário do Cardeal Gaspari, chefe do Estado do Vaticano. A partir deste momento, torna-se Pacelli o mais valioso colaborador do Papa, sendo responsável pela efetuação de uma série de tratados entre a Igreja e diferentes Estados. Consegue realizá-los com o brilhantismo de um genial Ministro do Exterior.

É Pacelli o primeiro cardeal-secretário na história do Vaticano a vir a América como legado papal. Em Buenos Aires, em Montevideu e no Rio de Janeiro, é acolhido carinhosamente. Recepções apoteóticas, encontros com os chefes de Estado da Argentina, Uruguai e Brasil coroam esta sua visita.

Vai, depois, aos Estados Unidos, que atravessa em toda a sua extensão, visitando cidades, universidades, não desprezando, sequer, os locais turísticos. Mistura-se com o povo, conversa com os estudantes, com os operários, com o clero. Seu profundo interesse pela vida americana desvanece o povo lanque. Recebe títulos e é hóspede do presidente Roosevelt.

Em 1937, é enviado pela segunda vez à França, como representante do Papa Pio XI à inauguração da nova Catedral de Lisieux. Na volta, em Paris, fala na Notre Dame. Do mesmo modo que nos Estados Unidos e na América do Sul, conquista o povo francês. E seu gesto, ao ajoelhar-se diante do Túmulo do Soldado Desconhecido, é recebido comovidamente.

Em 1938, vai ao Congresso Eucarístico de Budapeste, onde se reúnem católicos de trinta nações. Falando com perfeição sete línguas, Pacelli impressiona a massa. O mundo se encontra, então, às portas de uma guerra iminente, e o cardeal lança uma advertência sobre o que poderá advir daquela situação.

SUA SANTIDADE, O PAPA PIO XII

Finalmente, a 10 de fevereiro de 1939 morre Pio XI, assumindo Pacelli o Governo da Igreja: a primeiro de março, 62 cardeais reunidos em conclave o elegem o novo Sumo Pontífice. No dia em que comemorava 63 anos de idade, estava Eugênio Pacelli eleito, tendo escolhido o nome de seu sucessor.

O trabalho do novo Sumo Pontífice, num mundo de apreensões pela guerra que se anunciava, foi, então, uma permanente cruzada em favor da paz. E quase ao mesmo tempo em que Hitler ocupava, com suas tropas, a Tchecoslováquia, começou para o novo Santo Padre a sua empresa. E podemos dizer que, mesmo depois de terminada a grande conflagração, sua tarefa continuou — mantendo-se firme durante todo o seu longo reinado de dezenove anos.

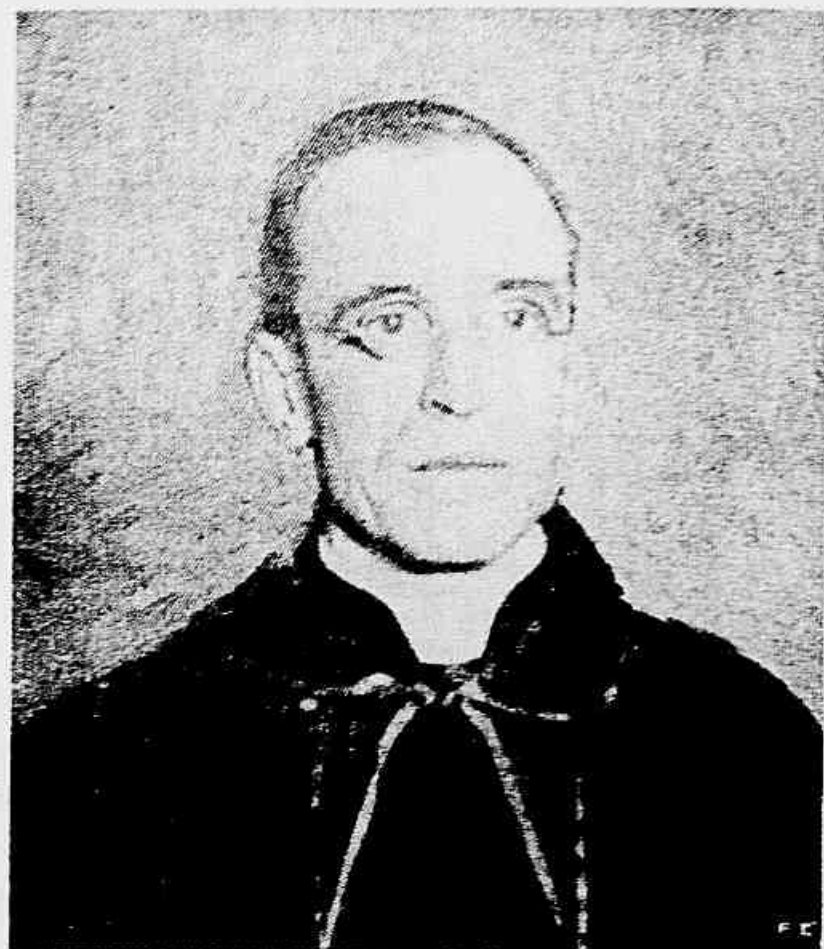
Em 1939, passou a funcionar, no Vaticano, um serviço de informações não só para prisioneiros de guerra, mas também para refugiados e internados. As palavras do Santo Padre resolvem uma série de questões. Sua autoridade, tendo em vista a magnífica e humanitária campanha, foi acatada pelo mundo inteiro.

Quando Roma foi bombardeada, em 1943, Pio XII levantou-se da mesa de trabalho onde se encontrava, solicitou um automóvel e se dirigiu, pessoalmente, às localidades sinistradas. Intrometeu-se entre ruínas ainda fumegantes, acercou-se dos soldados e do povo e os reconfortou com a sua palavra e as suas orações. Quando novo bombardeio sacudiu a cidade, um mês depois, novamente o Santo Padre repetiu a sua saga pelas ruas de Roma, entre moribundos. E declarando às autoridades militares que repetiria o gesto toda a vez que novo ataque sobreviesse, suplica-lhes que se poupe Roma e sua desprotegida população.

Como dissemos, essa atividade benemérita de Pio XII não se encerra com o fim da guerra. Ao contrário, ela cresce, toma novas direções e se desenvolve pelo mundo todo. Seu gesto, tornado símbolo, será respeitosamente lembrado pelo resto de sua vida.

Suas atividades também se desenvolvem e se ramificam nos mais diversos campos de cultura, da educação. Dando o seu apoio às causas novas, exhibe preocupações progressistas. Mostra interesse pelo rádio, pela imprensa, pelo cinema, como expressivos veículos de cultura.

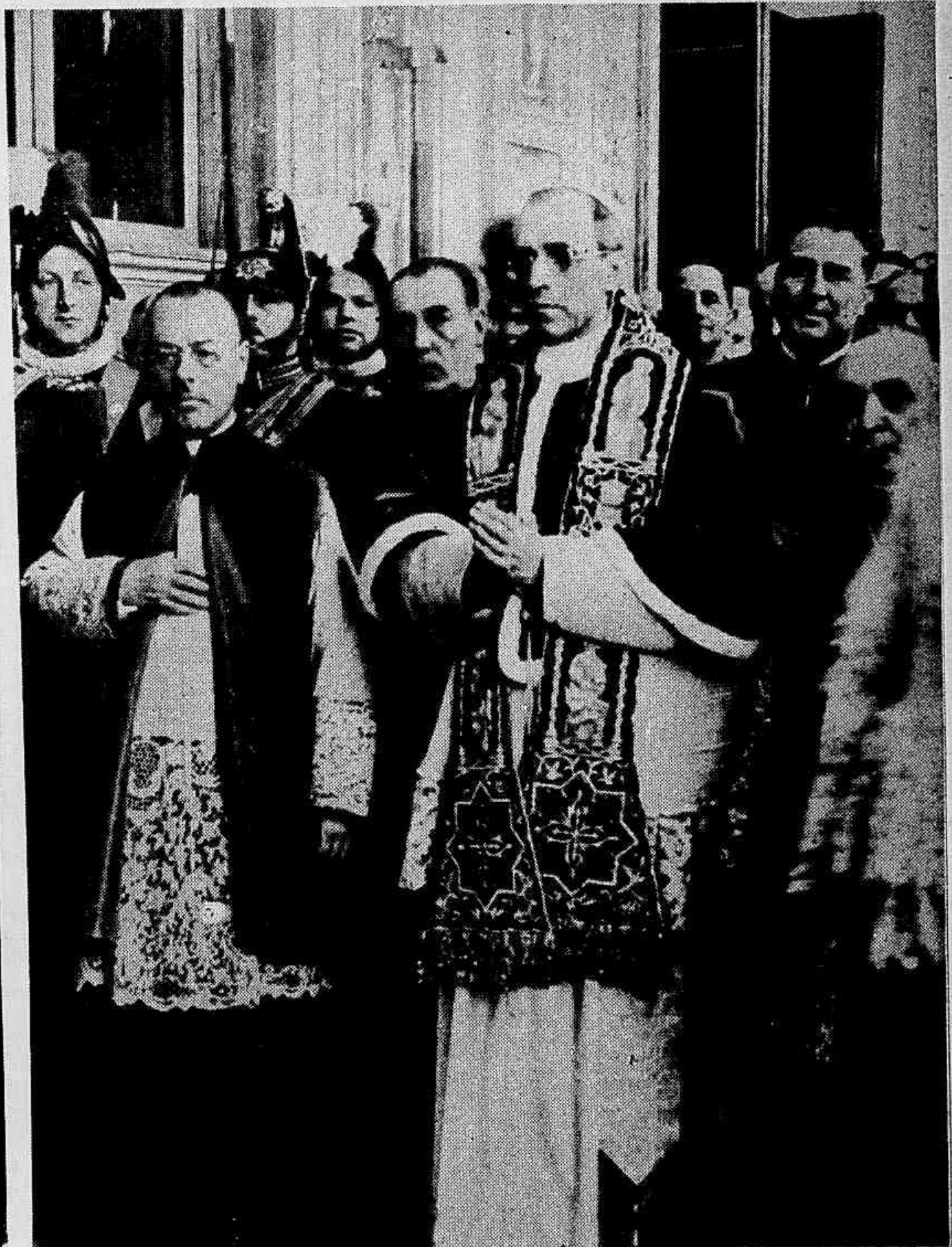
A humanitária atividade de Pio XII, durante a guerra, será eternamente lembrada pelo mundo inteiro



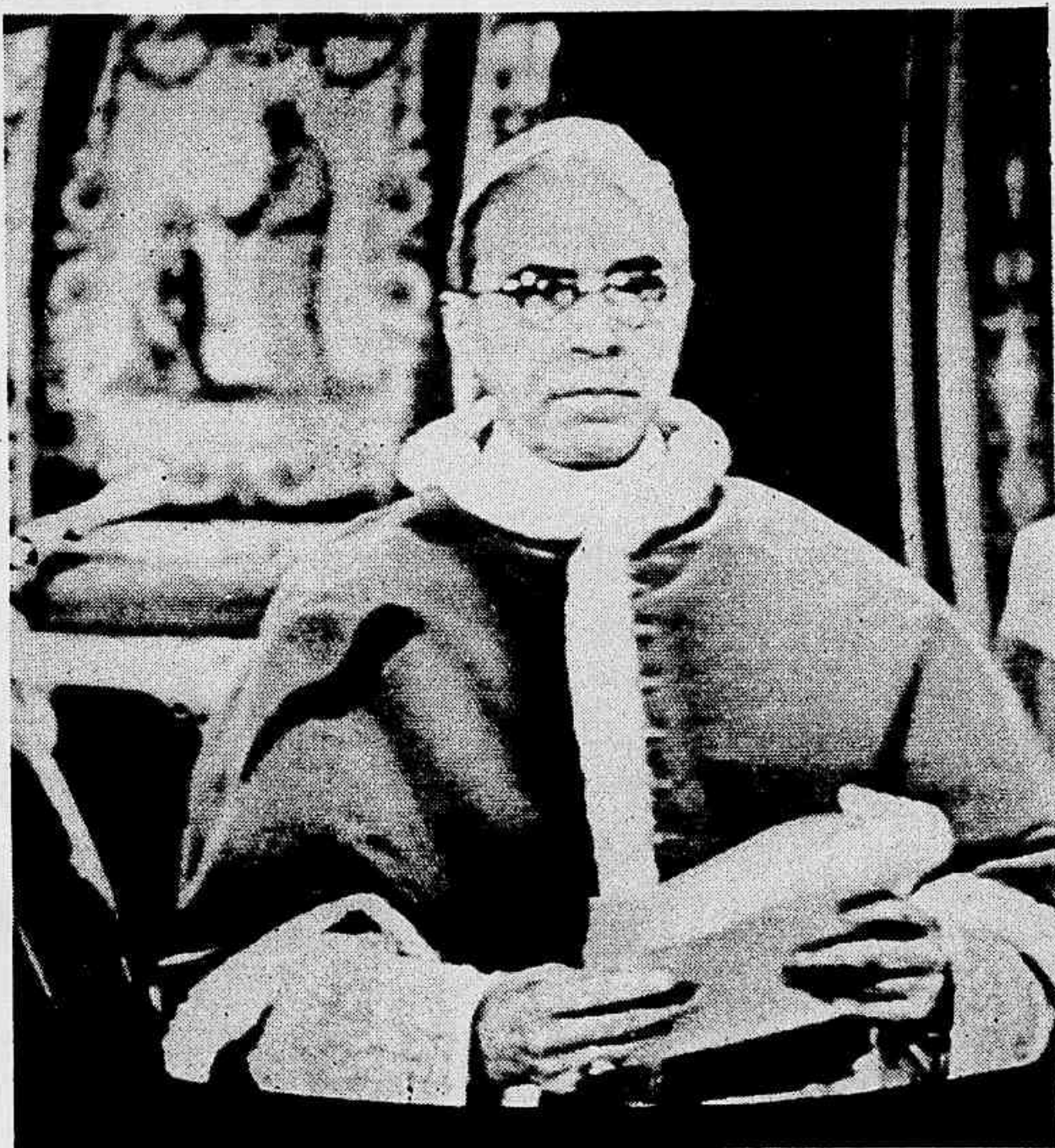
Cardeal Pacelli — Nuncio Apostólico em Berlim.



Eugenio Pacelli (assinalado pela seta) e seu irmão Francesco (à sua direita) como estudantes do liceu.



A esquerda, uma das últimas fotos de Pacelli, como cardeal. A direita, logo após ter sido eleito papa: S. S. dirigindo-se para a capela do Sacro Colégio.



Foi Pio XII o único Papa a ser visto e ouvido pela televisão. A mensagem de fé, que então pronunciou, foi traduzida em 8 línguas. Pio XII, em 1957, transmitindo do Vaticano para o mundo, a sua última mensagem de Natal.



EUGENIO PACELLI



Os jornais de Roma lançaram edições extras sobre a morte de desolação que tomou conta do mundo. E acorreram em massa à

O ANO SANTO. O DOGMA DA ASSUNÇÃO

1949 é registrado na História da Igreja Católica por uma grande promoção de Pio XII: o Ano Santo. Dentre as grandes realizações efetuadas êsse ano (o 25.º em seis séculos) — podemos destacar a canonização da jovem mártir italiana Maria Goretti. Também a proclamação, em 1930, do Dogma da Assunção da Santíssima Virgem, foi uma outra importante realização do Santo Padre.

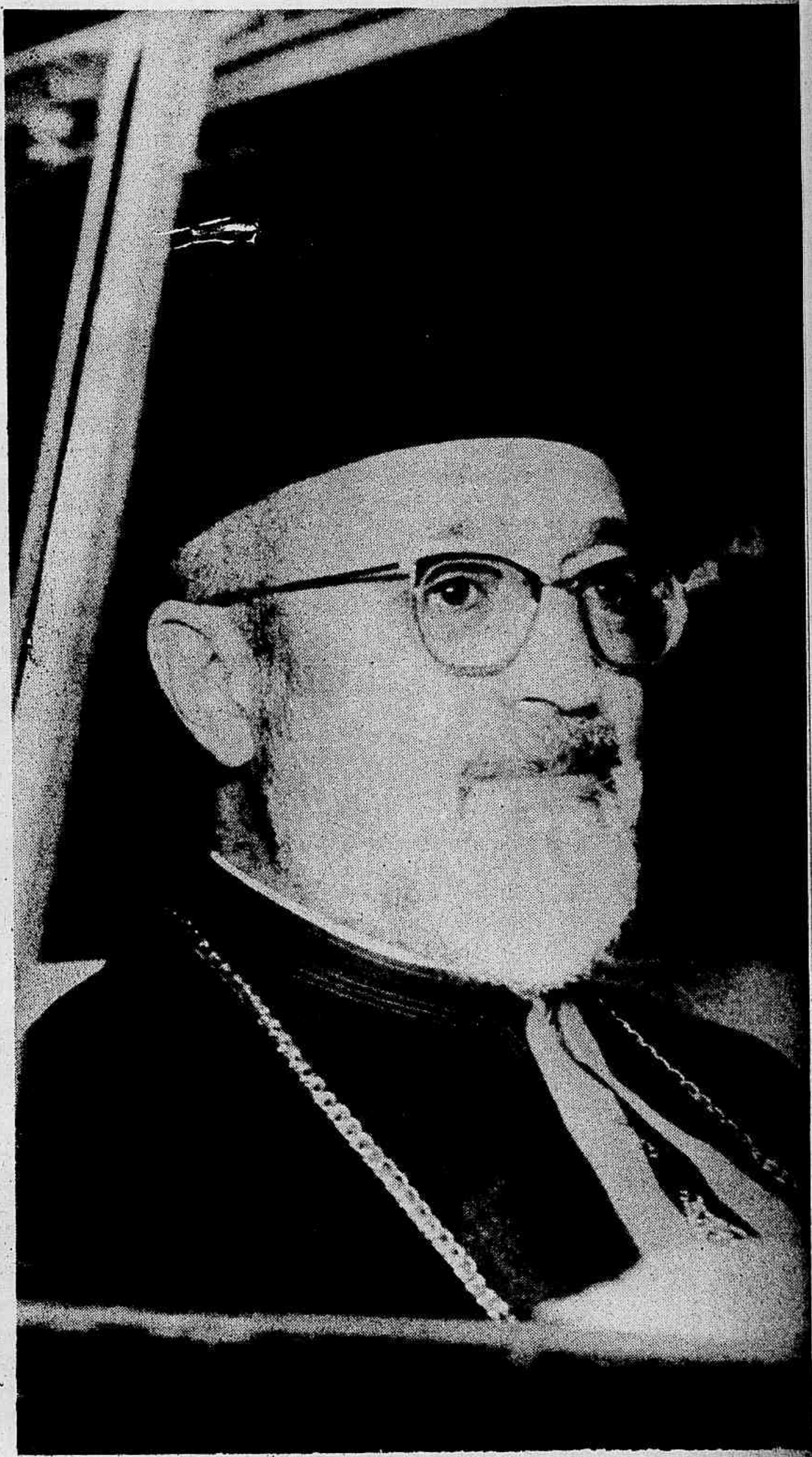
Durante todo o período em que esteve Pacelli como o máximo representante da Igreja Católica, mesmo os que não se interessam particularmente pelas atividades da Igreja foram acordes em afirmar a grandeza dêsse reinado papal, que teve a duração de dezanove anos. Mesmo os não católicos não lhe podem diminuir os méritos, a sua genial acuidade diplomática, responsável por tantas e felizes alianças internacionais. Todos êles se recordam de sua



Sua Santidade. Os romanos leram a triste notícia com a mesma visitação, em Castel Gandolfo, e às exéquias, na Cidade Eterna.

expressiva atuação ao tempo do fascismo, conseguindo romper com o poderio de Mussolini, que já fôra, aliás, uma voz adversária de sua eleição ao papado. De sua influência, que teve poderosa força na queda do regime e na implantação da república italiana. E, posteriormente, através do auxílio de conhecidos estadistas católicos, de sua importante contribuição na formação de uma Comunidade no velho Continente, através de uma Democracia Cristã.

Os católicos, principalmente, se curvam à santidade de sua vida, à sua poderosa fé, às grandes reformas que seu espírito esclarecido promoveu — renovação em tantos setores, entre as quais o restabelecimento da primitiva maneira de celebração da Páscoa, o uso das línguas profanas no culto e em atos sacramentais, e dezenas de outras promoções que ajudaram a trazer uma maior glorificação para a Igreja, em todo o mundo.



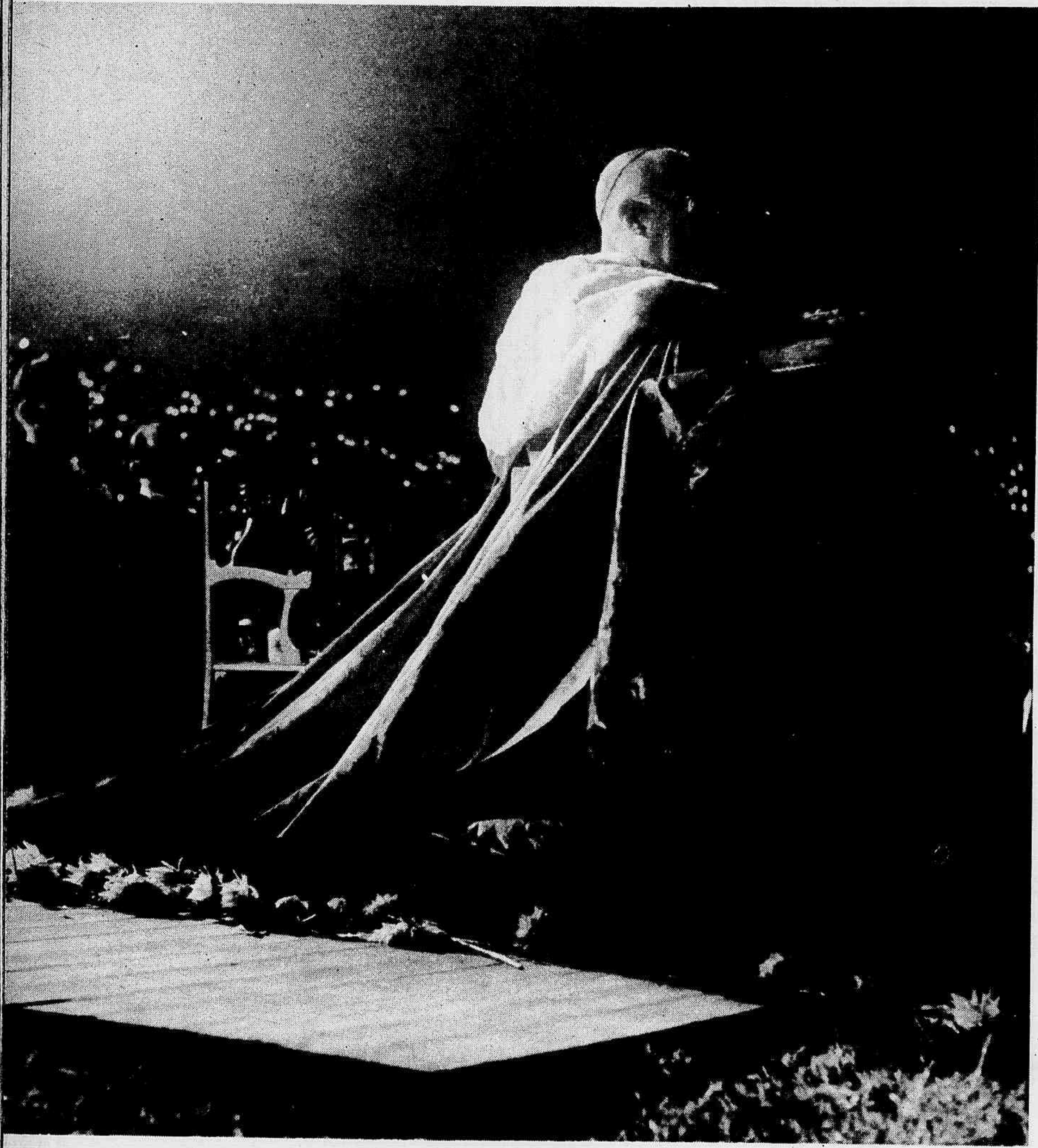
O provável sucessor do Papa Pio XII: Cardeal Agagian, de 63 anos, nascido em Akhastine (Armênia).

A profecia diz:

o futuro Papa será um
pastor navegante.

Agagian tem em seu manto
ovelha e âncora.

DOM JAIME DE BARROS CÂMARA FALA À "REVISTA DA SEMANA" :



— Numa hora de dor comum, é natural um abraço de pais e filhos. Nestas horas, partem dos corações as bênçãos mais carinhosas. Sei que as minhas não podem substituir as do Sumo Pontífice falecido. Mas de coração as envio a quem as queira receber.

+ Jaime Cardinal Câmara,
arcebispo do Rio de Janeiro

SERVIÇO

é um outro produto
Esso de qualidade!



Na atenção com que o seu Revendedor Esso inspeciona a bateria de seu carro... a correia do ventilador... as palhetas dos limpadores do pára-brisas... no cuidado com que abastece o radiador... calibra os pneus... verifica o nível de óleo... Você *sente* que o seu Revendedor Esso oferece a Você e a seu carro mais que simples serviços... É que o seu

Revendedor Esso lhe proporciona *Serviços de qualidade Esso!*

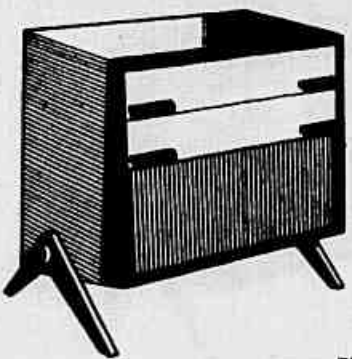
Para os pequenos grandes serviços... ou para um completo serviço de lubrificação procure sempre o seu Revendedor Esso, o único homem que pode lhe oferecer o máximo em produtos e serviços de qualidade: os serviços e produtos Esso e Atlas!

SÓ ESSO DÁ AO SEU CARRO O MÁXIMO!

cinco RAZÕES convincentes...



PHILIPS NOVOSONIC 59!



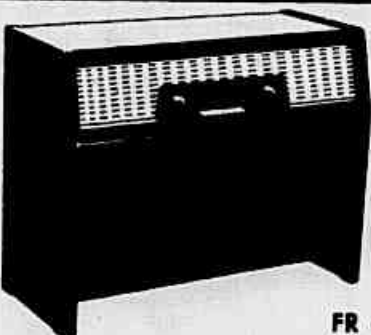
FR 574-A

Estilo funcional, ideal para ambientes modernos. Automático de 3 velocidades. Fonocaptor "pêso-pluma" c/ 2 agulhas de safira. 3 faixas. 5 válvulas c/ função de 7.



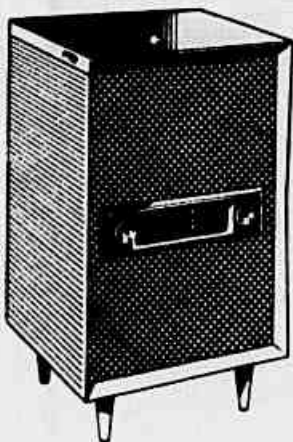
FR 577-A

Sistema Bi-Ampli, classe popular. Bonito móvel ricamente ornamentado, de imbuia ou pau marfim. Filtro separador de agudos e graves. Automático de 3 velocidades c/ fonocaptor "pêso-pluma". Rádio de 3 faixas.



FR 676-A

Sistema Bi-Ampli, Série diamante. Automático de 3 velocidades. 2 fonocaptos "pêso-pluma" c/ agulha de diamante. Filtro separador de graves e agudos. Hi-Lo-Tone Contrôl. Rádio c/ 4 faixas. Chave de ondas em forma de teclado. Bonito móvel em imbuia ou marfim, de alto valor artístico.



FR 578-A

Radiofone de classe popular, em móvel de linhas modernas, de imbuia ou marfim, ideal para apartamento. Automático de 8 velocidades. Fonocaptor "pêso-pluma", equipado com duas agulhas de safira. Rádio de 3 faixas.

- 1a.) Os radiofones Philips são construídos por especialistas, com perfeição absoluta, para assegurar *excepcional qualidade de reprodução sonora*, a melhor em cada classe de preços.
- 2a.) A experiência dos cientistas da Philips em todo o mundo é combinada, para aplicar as mais *avanzadas técnicas* aos radiofones.
- 3a.) A *durabilidade* dos aparelhos Philips é garantida em famosos laboratórios, onde os produtos são submetidos a permanentes "testes de longa vida".
- 4a.) Philips oferece uma "rádio-arquitetura" moderna, e estilos renovados em diferentes combinações de cores.
- 5a.) A incomparável organização de Serviço Philips, de experiência mundial, assegura o prazer que o seu radiofone lhe dará permanentemente, onde quer que V. S.^a esteja.

VERIFIQUE EM SEU REVENDEDOR PHILIPS, ESTAS CINCO RAZÕES CONVINCENTES. ESCUTARÁ, VERÁ E FICARÁ CONVENCIDO QUE PHILIPS É A MELHOR COMPRA.

novosonic 59